

TRANSFORMAÇÃO

Brinquedos e brincadeiras

AUTOR (ES): **LUCIANA GOMES DA SILVA** 30 / MAR / 2017 - 30 / MAR / 2017



A Escola Joana Sena, no município de Natal (RN), organizou um evento com direito a uma oficina de confecção de brinquedos, a partir de produtos recicláveis, além de uma diversidade de brincadeiras envolvendo cantigas de roda.

Em seu registro, a professora Luciana Gomes da Silva, narra cada etapa do evento e os momentos especiais vividos com as crianças durante o dia, bem como os aprendizados proporcionados pelo fomento à sustentabilidade e

transmissão de valores ambientais às crianças aprendidos na instituição e levado onde quer que vão.

A Rede Municipal de Educação de Natal, parceira do Paralapracá, marcou presença na semana de 27 a 31 de março no Seminário do Programa Paralapracá 2017, em Salvador. O evento representa um marco para essa nova etapa do Programa, que caminha para consolidar a transferência da tecnologia social do Paralapracá para os municípios parceiros, fomentando a autonomia dos municípios e a integração das diretrizes nacionais que embasam a iniciativa, nas políticas da Educação Infantil. Especialmente as relativas à gestão e formação de formadores deste segmento.

"Minha cor é marrom", disse Vinicius

AUTOR (ES): **HERALDINA SIMÕES** 29 / MAR / 2017 - 29 / MAR / 2017



Ontem foi dia da formadora/professora encantada trabalhar o tema do mês de novembro, ou de todos os meses. Iniciamos brincando de cor e terminamos brincando com cores em nosso corpo. Vários questionamentos foram levantados, as crianças estão atentas e espertas. A cultura do preconceito vem de dentro e é preciso erradicar isso de dentro das crianças. Bem, não dá para contar tudo, claro!

Mas, a fala de Vinicius, que é negro, foi contundente. “Não sou negro, sou marrom. Negro é horrível.” Impactos! Vamos trabalhar isso com serenidade. A proposta era deitar e rolar com as cores preto e branco, tão somente.

E o resultado foi positivo.

Já tive oportunidade de trabalhar o tema na Educação Infantil. Todo ano fazemos esse percurso. É claro que, este ano, creio, estou mais empoderada para tratar o assunto. Não só devido às formações que ocorreram nestes últimos anos, como também por essa vivência de mão dupla com as crianças. Venho conversando sobre igualdade racial, fazendo leitura, desenhando, fazendo levantamento de hipóteses, vídeos, debates e, por fim, precisava fazer o fechamento da semana.

Houve toda uma rotina para se chegar à pintura. Passei uma semana pensando como fazer uma atividade que causasse mais impactos, que fizesse eles se olharem, se questionarem, se perguntarem. Então, ontem foi o dia. Essa escuta, olhar, gestos, risos, recusa, foi tudo visto e questionado. As palavras preconceito, cor, marrom, moreno, branco, clarinho, tudo bem. Mas a palavra “negro” foi muito rejeitada. E por quê? “Preto é horrível, feio, ninguém gosta”. Foi muito polêmico, porque as crianças já são convictas de que o branco é o melhor. De modo que, decidimos trabalhar a nossa origem que é africana, indígena, portuguesa, pintando partes de nosso corpo.

Provoquei: somos negros e vamos usar o preto. Neste caso, foram poucos que permitiram o uso da tinta preta. O Vinicius disse que só queria se fosse o branco. Porque ele é marrom (essas atividades dariam para escrever um livro). Ele foi pintado pela colega Kamilly, porque teve a troca, um pintava o outro. Ah! Teve também a desejada atividade da “Mão direita e esquerda”, feita por eles, na qual pintavam uma mão de preto, e outra de branco.

Na Educação Infantil as crianças já desenvolveram seus conceitos de identidade racial. Pesquisas (particularmente norte-americanas) vêm mostrando, de modo recorrente, que, em torno de quatro, cinco anos, as crianças já desenvolveram algum tipo de conceituação ou identificação racial (FAZZI, 2004). Por isso, é tão importante a abordagem do tema, para ampliar as formas de combater preconceitos e violências. Costuma-se achar que as crianças não têm uma forma altamente organizada de pensar. O que não é real. Contudo, precisa das verdades, sem atalhos.

Espero ter contribuído um pouco nessa ação. No ano passado também trabalhei com crianças de quatro anos sobre igualdade racial e uma das crianças fez uma pergunta bem diferente, sobre homossexualidade. Eu respondi sem atalhos, todos gostaram de saber. Depois uma mãe veio me perguntar o que eu tinha dito.

Semente Esperança utiliza música como fortalecimento de vínculos

AUTOR (ES): **LAURA GONÇALVES** 20 / MAR / 2017



O som dos surdos, pandeiros, atabaques e tamborins dão o ritmo das aulas de percussão no Centro Socioeducativo Semente Esperança, que tem como proposta utilizar a música como instrumento de fortalecimento de vínculos sociais e familiares.

Todas as terças-feiras, cerca de 50 crianças e adolescentes, de 6 a 14 anos, reúnem-se para o ensaio e ainda desenvolvem a socialização e a responsabilidade. Na aula também é constituído um espaço de convivência e de formação da cidadania, além do desenvolvimento do protagonismo e da autonomia das crianças e jovens.

“Não é somente aprender o instrumento. Acredito que todos têm habilidades e com as oficinas do Programa Arte e Cultura do Semente Esperança, a criança tem oportunidade de se encaixar no que mais gosta e se desenvolver”, explicou a coordenadora e regente Priscila Graner.

Além do aprendizado de um instrumento, a música ajuda na assimilação de conteúdos trabalhados em disciplinas que exigem raciocínio lógico e concentração. “Também auxilia a coordenação motora, atenção e

memorização e isso reflete na sala de aula e na vida”, garantiu o professor de percussão Wilians Rizze.

Na instituição, a valorização da autoestima dos jovens é essencial. “A partir das oficinas, os alunos passam a entender uma célula rítmica, um compasso, uma música inteira, além de aprenderem a escutar o colega e a obedecer o regente. E com todo esse conhecimento, a criança vê o quanto é capaz de se desenvolver, fazendo com que sua autoestima fique elevada. Isso faz com que esses jovens enxerguem o mundo de uma forma diferente” ressaltou Priscila.

Como iniciativa socioeducativa, a música atua como ferramenta de integração onde cada participante contribui para o cumprimento de um objetivo comum na execução de uma ação coletiva. “Também desenvolve o senso de união e fortalecimento do grupo em torno do cumprimento de metas, exercício necessário para a vida em comunidade”, complementou a assessora técnica do Departamento de Assistência Social (DAS) da FEAC, Nadir Semenzin Braga da Silva.

Oficina e apresentações

Na hora de pegar os instrumentos, as crianças e adolescentes querem mesmo é fazer barulho. Entre um som e outro, os alunos aprendem percussão de bloco, ritmos tradicionais como samba, maracatu e outros, técnicas de baquetas, manuseio dos instrumentos de mão e muito mais. “Queremos que a partir dessa iniciação, as crianças continuem seus estudos musicais e que um dia possam formar uma banda ou até mesmo ser um instrutor”, pontuou Rizze.

Há 10 anos no Semente Esperança, instituição parceira da Fundação FEAC, o educador explica que as aulas ganham adeptos todos os anos e que com as apresentações musicais, que ocorrem durante o ano, as crianças se sentem motivadas a participar das oficinas.

Para as crianças que frequentam a oficina de percussão, a diversão é garantida. “Eu me solto com as aulas, o som e a batida me deixam feliz”, falou o aluno da Escola Estadual Coriolano Monteiro, de 13 anos. Seu colega Lucas Henrique de Oliveira, 14 anos, concorda. “Faço aulas há quatro anos e

não falto. Depois das apresentações que fizemos ao longo dos últimos anos, tive certeza de que quero ser músico, tocar em alguma banda. Acho que fico mais concentrado e aprendo cada vez mais”, completou.

Maria Beatriz Marques de Oliveira, 13 anos, aluna da escola Estadual Francisco Glicério, também é frequentadora assídua da oficina. “A percussão me deixa mais focada e eu sinto isso até mesmo nas aulas de matemática. Penso na batida e isso me ajuda, me inspira”, garantiu.

Os pais também aprovam o estudo da música. “Meus dois filhos fazem aula de percussão e eles melhoraram muito com relação ao comportamento. Não há mais brigas, eles são concentrados e dedicados em casa e na escola. Eu também adoro, vou nas apresentações e fico muito orgulhosa com o resultado”, constatou a agente escolar Luciana Mendes, mãe de Thiago e Yasmin.

Arte e Cultura

O Semente Esperança conta com o Programa Arte e Cultura que é composto por diversas oficinas, como percussão, coral, flauta, balé, sapateado, dança de rua, artes manuais e outras. Quando a criança entra na instituição, ela passa por todas as aulas e escolhe a que prefere. “Essa liberdade de escolha é essencial para que o jovem continue participando”, explicou a coordenadora.

“As oficinas abrem um leque de oportunidades. O fortalecimento de vínculos é um deles porque os alunos levam pra casa a arte que aprendem, os pais percebem, gostam e elogiam e isso é fundamental”, complementou Priscila.

De acordo com a regente, as apresentações colaboram ainda mais com esse fortalecimento e com a valorização da autoestima. “Os jovens se apresentam na comunidade, estão lá como artistas, são aplaudidos e ganham o respeito de todos. É o filho da comunidade empoderado e isso não tem preço!”, ressaltou.

Por meio da arte, o Semente Esperança também participa do programa FEAC Arte e Cultura (FAC), desenvolvido pelo Departamento de Assistência Social – DAS da Fundação FEAC, que tem o objetivo de valorizar e fomentar o

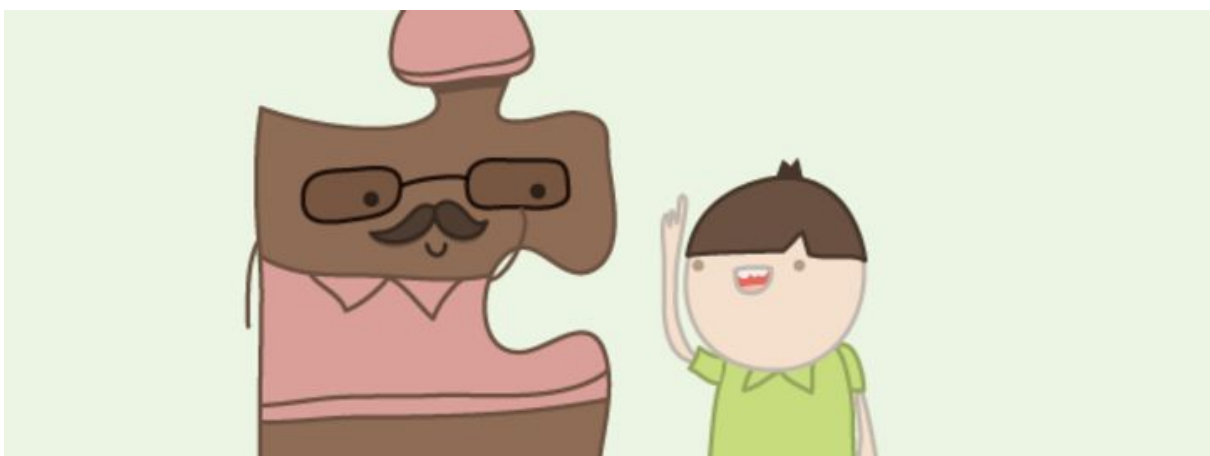
desenvolvimento de projetos socioculturais que possibilitem a crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos o contato, a fruição e o estímulo à produção artística e cultural como instrumento de inclusão social e direito fundamental de todos os cidadãos.

“Sempre participamos do programa da FEAC e nossa ligação é muito grande. Ele proporciona às instituições participantes um suporte imenso, que vai desde o figurino até o transporte. Além disso, o programa nos lança um desafio que nos une e nos faz crescer. Os professores querem fazer o seu melhor, as crianças se sentem valorizadas e a família vê o resultado final”, enfatizou Priscila.

Saiba mais: www.sementeesperanca.org.br

O que as crianças aprendem ao escutar conversas e ao conversar?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 23 / MAR / 2017



As conversas fazem parte do cotidiano dos adultos e também das crianças, desde bem pequenas. Até que adquiram a linguagem oral, as comunicações da criança acontecem por meio de gestos. Porém, seus avanços intelectuais

e o desenvolvimento do pensamento dependem do domínio desse instrumento de comunicação: a linguagem verbal.

Ainda dentro do útero, o bebê é capaz de ouvir a entonação da voz de sua mãe. Por isso, desde esse momento, conversar com o bebê se coloca como fundamental, permitindo que ele se acostume ao som da voz materna e responda a ela, depois do nascimento, estreitando os vínculos mãe e filho(a).

A partir do nascimento, as conversas com o bebê precisam ser mantidas. Não importa, aqui, os assuntos tratados; usualmente, as conversas podem girar em torno do que está acontecendo com o bebê naquele momento ou do que irá acontecer em seguida: “você vai tomar um banho gostoso e depois fazer um soninho”, “agora, você vai mamar. Que delícia!” etc.

Essa interação do bebê com falantes experientes, e com os quais possui um vínculo afetivo (pais, avós e cuidadores, por exemplo), favorece o surgimento dos primeiros sons, seguidos das primeiras palavras e, depois, das primeiras frases.

Nesse sentido, é importante conversar com o bebê e com a criança pequena utilizando todas as possibilidades da língua oral e em distintos contextos, como dando instruções, retomando passos, atividades e momentos do dia, perguntando etc. Isso vai ampliando não apenas o vocabulário da criança, mas também sua capacidade de compreender o sentido do que escuta, de construir enunciados e se comunicar cada vez mais de forma competente. Vale lembrar a necessidade de ouvir a criança, desde quando inicia seus “balbucios”, dando espaço para ela se expressar, afinal, ela está participando da conversa!

E é ainda conversando que as crianças podem ampliar os conhecimentos sobre o mundo que as cerca e compreendê-lo cada vez mais. Conforme crescem, não apenas em torno de temas cotidianos as conversas com elas precisam ser geradas (o que aconteceu ou irá acontecer no dia da criança, do adulto etc.), mas também sobre os mais distintos temas. É importante conversar sobre mudanças que ocorrem em seu corpo, sobre acontecimentos específicos que geram determinados sentimentos ou conflitos (por exemplo, explicar porque não pode bater ou morder um colega, um irmão, e ajudar a criança a descobrir o que fazer ao invés disso, quando é contrariada;

antecipar fatos sobre o nascimento de um irmão) e igualmente sobre temas considerados mais complexos, como doenças, mortes, separações etc. Por meio da conversa, a criança poderá entender melhor distintas situações, via explicações dadas pelo adulto, e, por outro lado, poderá se expressar, explicitando o que pensa ou sente em relação a cada uma delas.

As crianças são observadoras atentas não apenas de acontecimentos, mas também das conversas entre os adultos ou do que escutam na TV. Por essa razão, nem sempre é ideal omitir delas acontecimentos ou assuntos que consideremos mais complexos. Se apenas os escutam e não têm a oportunidade de conversar sobre eles, as crianças tendem a criar suas próprias hipóteses e até fantasias por vezes tornando mais sofrido e complicado o enfrentamento desses temas. Nada como uma boa conversa, o que implica numa boa escuta, para ajudar as crianças a entender e a lidar com assuntos e situações mais complexos.

Apresentamos, aqui, alguns aspectos, entre outros tantos, para valorizar a importância de se conversar com as crianças e não perder de vista o tanto que isso as educa!

E você, quer citar outra grande importância de conversar com os bebês e com as crianças?

No nosso aplicativo, Apprendendo, confira algumas dicas que envolvem situações de conversas com as crianças, em momentos de banho, de leitura de histórias e até no preparo de refeições. Baixe gratuitamente em seu dispositivo móvel, via Google Play ou Apple Store.

Brinquedos não estruturados desafiam a imaginação das crianças



Quando se chega na Associação dos Amigos da Criança (AMIC – Village) é comum encontrar os pequenos brincando, correndo, subindo em árvores e se divertindo com caixas, tecidos e outros materiais. Lá, os alunos carregam em suas mãos a imaginação, afinal a instituição acredita na utilização de brinquedos não estruturados, permitindo que um pedaço de madeira se transforme em uma casinha, um carrinho ou qualquer outro brinquedo.

Possibilitar o desenvolvimento da inteligência e dar oportunidade da criança explorar suas habilidades criativas é objetivo da AMIC – Village, entidade parceira da Fundação FEAC. Para as educadoras da instituição, quando brinca, a criança tem o poder de tomar decisões, expressar sentimentos, interagir consigo e com o colega e introduzir-se no mundo imaginário.

“Acreditamos que o brinquedo não estruturado desafia a imaginação e assim os pequenos aprendem a construir por meio da exploração dos materiais disponíveis”, explicou Amanda Verzaro, orientadora pedagógica.

Para a assessora técnica do Departamento de Educação da FEAC, Denilze Ricciardelli, durante os momentos de brincadeiras, ao se depararem com os materiais as crianças necessitam de encorajamento e tempo para pensar, explorar, criar e desenvolver habilidades que darão sentido à brincadeira.

“Enquanto as crianças estão engajadas na exploração dos materiais, o educador tem o papel de realizar intervenções que instiguem o pensamento

infantil e favoreça a ampliação de possibilidades. Dessa forma, os alunos descobrem novas habilidades e as usam em suas criações e também na interação com outros amigos”, completou Denilze.

De acordo com a professora Silmara Regina dos Santos, o brinquedo que a criança enxerga permite estimular algumas funções cognitivas como a organização, o planejamento, a criatividade, a memória e a atenção. Além disso, também auxiliam na coordenação motora e socialização. “Também notamos que em muitas das brincadeiras, os pequenos usam o pensamento lógico e matemático, principalmente quando estão estruturando ou encaixando materiais”, exemplificou a educadora.

O brincar com os materiais não estruturados na AMIC Village vai na contramão de um modelo de educação que percebe o brincar como perda de tempo ou um instrumento para aquisição de conteúdos curriculares. “Esse modelo de educação também separa as crianças por faixas etárias, dificultando a interação e aprendizado que se dá quando crianças de idades diferentes interagem”, pontuou Denilze.

A AMIC defende que a integração entre diferentes faixas etárias só traz ganhos. “As crianças mais velhas acolhem os bebês de forma generosa, aprendendo que eles têm outro ritmo e outra forma de pensar. E os bebês aprendem com a linguagem dos maiores e suas formas de brincar”, garantiu a assessora.

Brinquedos não estruturados são materiais simples que permitem às crianças transformar objetos, oportunizando uma experiência nova e enriquecedora da brincadeira. Por não serem confeccionados com o intuito de serem brinquedos, os não estruturados são recursos flexíveis possíveis de serem encontrados no ambiente, e não possuem faixa etária específica ou prazo de validade.

Família na escola

A AMIC é uma instituição que está sempre de portas abertas. Os familiares participam de reuniões, palestras e sabem do dia a dia de seus filhos. “É interessante a proposta da AMIC. É diferente, mas acredito que proporciona mais liberdade para meu filho. Aqui eles brincam com qualquer coisa e vivem

soltos, subindo em árvores, mexendo na terra. Eu gosto muito porque dá asas à imaginação”, concluiu a dona de casa Viviane Bonfim de Souza, mãe do pequeno Tiago, de 4 anos.

“Sempre que posso estou presente nas palestras que a AMIC oferece porque acabamos aprendendo coisas novas e ficamos informadas sobre o cuidado dispensado aos nossos filhos. A AMIC oferece coisas novas e meu filho adora. Logo ele irá crescer e terá que ir para outra escola, estudar o tempo todo. Então é bom que brinque e que aproveite essa liberdade e esse espaço”, completou a Lucimara Biajola, mãe de Eric, também de 4 anos.

Na AMIC Village, os brinquedos não estruturados são facilitadores do desenvolvimento saudável das crianças e a instituição incentiva a liberdade para descobertas. E desta forma, a brincadeira se torna o aprendizado.

Saiba mais sobre a AMIC: www.amic.org.br

Hora da refeição: móveis adequados promovem desenvolvimento e autonomia para crianças

AUTOR (ES): **INGRID VOGL** 20 / MAR / 2017



Comer para aprender e se desenvolver. Esta é a proposta que creches adotam na hora da refeição dos pequenos. Muito mais do que o valor nutricional, a hora da refeição para crianças de 4 meses a 1 ano de idade está relacionada ao desenvolvimento de autonomia e o ambiente do refeitório é um local de aprendizado e onde acontece o estreitamento de vínculos afetivos.

Na Unidade Educacional Spes – Serviço Social da Paroquia São Paulo Apostolo, que fica no Jardim São Marcos em Campinas/SP, a equipe pedagógica utiliza mesas e cadeiras especialmente desenvolvidas para a faixa etária de crianças de até 1 ano desde julho de 2016, por orientação de Leila Oliveira Costa, pedagoga, mestre em educação e especialista em educação infantil, que promoveu formações na entidade parceira da FEAC por meio do programa Primeira Infância em Foco, ligado ao Departamento de Educação da Fundação.

“Um dos objetivos das formações da equipe pedagógica com a Leila era a melhoria da qualidade na hora alimentação para que a criança pudesse se desenvolver na íntegra, indo além da sala de aula. Antes de adotarmos o

novo mobiliário para a refeição dos pequenos, tínhamos mesas convencionais, que eram compridas, e as crianças sentavam em cadeiras de plástico que não estavam adequadas ao seu tamanho e eram desconfortáveis para elas. Além disso, todo o manejo da comida era feito pelas profissionais, as crianças só recebiam o alimento”, explicou Michele Soares Salomão, orientadora pedagógica do Spes. A adequação do mobiliário para as refeições das crianças faz parte da abordagem pickleriana, que entre outros aspectos, defende que o desenvolvimento das competências da criança deve seguir livremente.

A partir do novo olhar que as educadoras passaram a ter sobre a questão da alimentação dos pequenos, foram adquiridas mesas e cadeiras em madeira ergonometricamente pensadas e planejadas, respeitando a curvatura corporal das crianças. “A ideia da cadeira e da mesa é que a criança fique com o pé apoiado no chão. Assim, ela consegue desenvolver equilíbrio para segurar a colher e se alimentar com excelência, com mais precisão, porque todo o equilíbrio dela está na segurança que tem de ter a planta do pé no chão”, explicou Michele.

O equilíbrio físico da criança é diretamente relacionado ao desenvolvimento psíquico, como defendia Henry Wallon**, médico, psicólogo e filósofo francês. “Com os pés apoiados, a criança conecta o equilíbrio do corpo e assim se sente segura e competente, o que está relacionado com a inteligência e o prazer em conseguir desenvolver os movimentos e se apropriar do espaço físico onde está inserida”, explicou Leila Costa.

As Unidades Educacionais parceiras da FEAC são pioneiras entre as instituições públicas de Campinas no uso desse tipo de mobiliário. Além do Spes, a Casa da Criança Meimei, Associação Amigos da Criança (AMIC) Monte Cristo e o Centro de Formação Semente da Vida também trabalham com móveis planejados para a alimentação das crianças. Em breve a AMIC Village também adotará o mobiliário.

Investimento

Na Spes, 114 crianças de 4 meses a 5 anos e 11 meses são atendidas em período integral. Por isso, alguns dos principais momentos de interação

vividos na escola são os das quatro refeições diárias oferecidas: café da manhã; almoço; lanche da tarde e janta.

O investimento da creche na compra de mobiliário adequado – por meio do Primeira Infância em Foco- visa o pleno desenvolvimento autônomo da turma do berçário. “A construção do vínculo entre criança e educadora se estabelece por meio de cuidados diários, e um deles é a alimentação. Sendo assim, criar um ambiente de aprendizagem durante esse momento é necessário para que os pequenos possam desenvolver suas potencialidades, se socializar e conquistar autonomia”, analisou Adriana Silva, assessora técnica do Departamento de Educação da Fundação FEAC.

Adriana explicou que o desenvolvimento motor na criança é acompanhado de perto pelo desenvolvimento do seu equilíbrio, que lhe permite a autonomia para se alimentar e lhe dá uma noção real do espaço que ocupa no ambiente. “Para a criança, o movimento representa muito mais que um prazer funcional. E poder ter um desenvolvimento motor pleno e saudável permite que ela adquira conhecimento sobre si e sobre seu corpo, sobre tudo o que é capaz de fazer e conquistar, se tornando protagonista da ação. Neste caso, o sentimento de competência do pequeno não é bloqueado pela figura de um adulto”, avaliou.

Mudança de hábito

A adaptação com o novo mobiliário não foi fácil para as educadoras. A dificuldade foi quebrar o hábito de querer fazer pela criança. “Antes a profissional ficava em pé ou na ponta da mesa alimentando cinco ou seis de uma vez só, em uma ação mecânica. As crianças não conseguiam visualizar a educadora de forma apropriada, na altura de seus olhos. Com essa nova proposta, a educadora fica em um banquinho na lateral da mesa, onde sentam-se quatro crianças, assim, ela tem a visão dos pequenos pelos quais é responsável na hora da refeição.

Desta forma, segundo a orientadora pedagógica, as crianças conseguiram entender a logística do processo onde estão inseridas. Quando as crianças sentaram na cadeirinha- e isto acontece no tempo de cada uma delas - imediatamente já conseguiram se ajeitar e levantar sozinhas, sem auxílio do adulto, demonstrando autonomia e independência.

E isto levou a outros progressos. Os pequenos começaram a segurar o prato, a colher, demonstravam estar satisfeitos com a refeição afastando o prato, e até escolher o lugar preferido na mesa. A sala da turma do berçário fica estrategicamente próxima das mesas e cadeiras no refeitório, e chegar e sair do local de refeição sozinha, sem serem levadas pelas educadoras e diminuindo o tempo de espera, também foi um progresso que as crianças conquistaram.

Mas antes dos pequenos começarem a usar o mobiliário para comer, é feita toda uma adaptação, começando pela colocação das cadeiras e mesas dentro da sala de aula, para que os pequenos possam se familiarizar. Em cerca de três dias, as crianças já estão usando o mobiliário. “Além da familiarização em sala de aula, existe uma trajetória para que a criança sente sozinha na cadeira e consiga manusear a colher, e para as que ainda não conseguem sentar sozinhas, elas primeiramente passam pelo colo da educadora”, disse Michele.

“Perceber que as crianças passam a ter domínio sobre o ato de comer e de ir e vir sem o auxílio do adulto é fantástico. O que adquiriram aqui é a autonomia do movimento, de poder fazer por eles mesmos. Como um dos resultados, os pequenos começaram a perceber que o universo do refeitório, antes tão barulhento, ficou mais tranquilo, interessante e significativo para eles, porque realmente passaram a fazer parte daquele ambiente de refeição, comendo melhor, com menos choro e também interagindo mais com a comida: pegando, cheirando e inclusive desenvolvendo as preferências alimentares”, frisou Michele.

Assim, as crianças também passaram a perceber o refeitório como um ambiente familiar e a entender a cultura em que ela está inserida: de comer em mesas, com colher, com companhias, desenvolvendo também uma convivência típica de nossa cultura.

Laços afetivos

Outra transformação significativa percebida pelas educadoras do Spes está relacionada com a socialização. Enquanto as profissionais responsáveis por cada uma das mesas com quatro crianças ajeitam o prato de comida de cada

um e entoam cantigas infantis que incentivam à alimentação, os pequenos se mostram muito à vontade com o alimento e a integração com os amiguinhos é em clima de cumplicidade e respeito.

As mudanças na hora da refeição impactam também na evolução educacional. Além de aprimorarem noções motoras, de distância e a autonomia, os pequenos também têm ganhos secundários, como o desenvolvimento na hora de brincar. “A criança se arrisca e tenta mais vezes. Com os colegas, ela é mais centrada na hora de tocar o amigo, porque tem ideia do cuidado com o próximo”, explicou Michele.

“A evolução das crianças é excepcional. Na hora de comer, elas estão adequadas e livre para experimentar e assim é possível perceber rapidamente o desenvolvimento. Elas estão crescendo com mais afetividade, interatividade entre elas e com as educadoras também. Hoje a hora da refeição é mais prazerosa e as crianças vão crescendo mais felizes e carinhosas”, afirmou Geovana Barbosa, professora há 18 anos na entidade.

O contato com o mobiliário no refeitório também teve efeitos em casa. Segundo a orientadora pedagógica da Spes, vários pais relataram que após duas ou três semanas de uso das mesas e cadeiras especiais na escola, os filhos já não aceitavam mais a comida dada pelos familiares e preferiam comer sozinhas. “Os pais perceberam a mudança de hábito da criança em casa, aceitaram e aderiram ao novo olhar para a hora da alimentação, porque sentiram o progresso dos filhos e agora procuram dar continuidade ao trabalho que estamos desenvolvendo aqui na creche”, justificou Michele. “É como tirar uma venda dos olhos e a partir disso, o adulto começar a enxergar a criança como um ser capaz de fazer. É só darmos espaço a ela, “, concluiu.

* **Sobre a Abordagem Pikler**

Com o objetivo de acolher crianças que tinham sido separadas de seus pais durante a Segunda Guerra Mundial, a médica húngara Emmi Pikler (1902-1984) fundou um abrigo, na cidade de Budapeste, em 1946. Mais de 4 mil meninos e meninas passaram pelo Instituto Emmi Pikler-Lóczy e, ao acompanhar seus desenvolvimentos, constatou-se algo interessante: nenhuma delas detinha sinais de hospitalismo, como: apatia, falta de interesse pelo mundo exterior, atrasos no desenvolvimento afetivo, intelectual

e/ou motor – que são naturais em casos de internamento prolongado em hospitais ou abrigos onde não é construído um vínculo afetivo. Ao contrário, as crianças do Instituto chamavam a atenção pelo desembaraço, segurança, alegria, confiança no adulto e bom desenvolvimento emocional.

Um ambiente que permita o desenvolvimento pleno das capacidades motoras e uma relação intersubjetiva estável e afetivamente rica entre o educador e a criança, são a justificativa para o resultado positivo visto anteriormente. Estes são os pilares que fundamentam a Abordagem Pikler e alia sabedoria e simplicidade.

Um dos mais importantes princípios da abordagem desenvolvida por Emmi Pikler é o de que o adulto deve estabelecer uma relação de confiança e interação com o bebê durante os principais cuidados (banho, troca de fraldas, alimentação). Além disso, o espaço é organizado para que o bebê possa se movimentar com mais liberdade desde muito cedo, o que proporciona maior autonomia (a criança conquista cada posição por si mesma na medida em que é capaz de manter sua postura) e melhor desenvolvimento motor. (Fontes: Rede Nacional da Primeira Infância; Anna Tardos).

**** Saiba mais sobre Henry Wallon:**

<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/henri-wallon-307886.shtml>

Feito para crianças

O móvel destinado à refeição e pensado para envolver o desenvolvimento social, psíquico e cognitivo das crianças, é feito sob medida para os pequenos e pensado na noção do tamanho das crianças, para que tenham uma melhor dimensão de seu próprio tamanho.

Feito segundo padrões europeus - especialmente o alemão e o italiano – o mobiliário tem como matéria - prima a madeira, que é confortável e com densidade equilibrada para que as crianças não se machuquem. É usado um verniz orgânico e a madeira ainda proporciona para a criança aconchego térmico e estimula o toque dos pequenos. Sua durabilidade é de cerca de 30 anos.

O peso e o desenho das cadeiras também foi planejado para que com a movimentação dos pequenos, elas não tombem e assim, garantam total segurança. O assento fino e ergonômico permite que a criança se sente com a postura correta, e assim, a criança engole melhor e tem menos chance de engasgar. Os círculos vazados no encosto e nas laterais dos braços da cadeira também proporcionam mobilidade às crianças, que podem move-las com facilidade, garantindo o ir e vir. O recomendável é que se use os móveis apropriados para as refeições das crianças até os 6 anos de idade.

ALFABETIZAÇÃO PRECOCE, VAMOS CONVERSAR?

AUTOR (ES): **ANA LUCIA MACHADO** 16 / DEZ / 2016 - 16 / DEZ / 2016

Qual a idade ideal para início do processo de alfabetização? Este é um tema bem polêmico. Estamos sendo pressionados a começar o processo de alfabetização cada dia mais cedo. Será que este é um caminho saudável para a criança? A alfabetização precoce tem preocupado pais e educadores. As escolas cada dia mais se deparam com a apatia das crianças. Mas sendo a curiosidade e vontade de descobrir o mundo, uma das características mais fortes da infância, isso não seria um paradoxo? O que estas crianças estão querendo nos dizer com tal desinteresse pela educação formal?

Foi pensando nisso que compartilhei a minha experiência como mãe no site www.educandotudomuda.com.br e este artigo foi acessado por mais de 120.000 pessoas. O texto foi também publicado pela revista INTERESPE - PUC de São Paulo

<http://revistas.pucsp.br/index.php/interespe/article/view/30635/21178>

Conheça um pouco minha trajetória com meus filhos e reflita a este respeito:

"Tenho dois filhos. O mais velho, entrou na universidade este ano e a caçula está às vésperas de começar o ensino médio. O que me confere o distanciamento necessário para uma avaliação consciente do resultado das opções que fizemos em relação à educação deles.

Quando o primogênito nasceu, caiu em minhas mãos um livro intitulado “Como ensinar os bebês a ler”. Como sou uma leitora contumaz, logo dei conta de conhecer o método de alfabetização de bebês proposto nessa publicação.

Continue lendo em

<http://www.educandotudomuda.com.br/porque-nao-alfabetizei-meus-filhos-antes-dos-7-anos-e-as-06-conse...>



Qual a idade ideal para o início da alfabetização da criança?

SABOTADORES DA INFÂNCIA

AUTOR (ES): **ANA LÚCIA MACHADO** 14 / MAR / 2017 - 14 / MAR / 2017

E se cuidássemos da Infância conscientes de que é um tempo e um espaço que se perpetua na vida de um indivíduo? Não teríamos uma sociedade mais justa e uma nação próspera?

A luta por uma Infância digna ainda é grande e deve ser nossa prioridade absoluta. Nos dias de hoje, são vários os SABOTADORES DA INFÂNCIA. Eles vão desde fatores caracterizados pela escassez, até o outro extremo, os excessos. Para combatê-los é preciso conhecê-los.

Neste artigo foram elencados seis importantes sabotadores, leia:

<http://www.educandotudomuda.com.br/sabotadores-da-infancia-da-escassez-ao-excesso/>



sabotadores _da
_infncia _instagram.

Quando se muda o olhar para a criança, florescem novas infâncias

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 13 / MAR / 2017 - 13 / MAR / 2017



A ideia de criança como alguém que “ainda será”, permanece comum nos discursos e práticas de instituições de Educação Infantil, onde muitas vezes os educadores querem controlar a experiência infantil. Na contramão a essa concepção de infância, o programa Paralapracá vem provocando as redes parceiras para um novo olhar sobre essa fase da vida, como relata uma das diretoras pedagógicas do município de Natal (RN), no relatório de avaliação externa do Programa, elaborado pela Move Social. “O Programa contribuiu para desacomodar, sensibilizar a professora, a olhar para a criança e para a sua prática. O município era um, e com o Paralapracá veio a mudança, foi incrível! Na prática, foi melhor do que na fala”.

O Paralapracá propõe o reconhecimento da criança como uma pessoa em desenvolvimento, criativa e com habilidades múltiplas. Por isso, tem como princípio práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento da autonomia das crianças e, para tanto, defende que as instituições de Educação Infantil sejam espaços de qualidade, ou seja, equitativos, plurais e

acolhedores. Espaços nos quais as crianças possam contar com a educação e o cuidado apropriados à sua faixa etária, e em que seja respeitada a sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

“Quando você vê um projeto que se preocupa com o ambiente, que é vital, que ajuda a pensar em uma sala onde as crianças gostem de estar lá, isso é maravilhoso”, relata uma professora olindense. “As minhas colegas dizem que operei verdadeiro milagre na minha sala. Em 18 metros quadrados, consegui organizar os cantinhos do brinquedo, da fantasia, dos recicláveis, e isso deu ideias para outras professoras. Consegui traduzir para a prática toda a teoria”, reforça outra professora do mesmo município.

Todas as falas foram registradas no relatório de avaliação externa apresentado pela Move Social, que também identificou uma troca de experiências crescente entre as instituições. “Já recebemos visitas de vários CMEI [Centros Municipais de Educação Infantil] para troca de experiências. Há apropriação da prática”, ressalta uma das diretoras pedagógicas de Natal, para o relatório da Move Social.

Escutando as crianças

As Redes parceiras do Paralapracá também ressaltaram a escuta das crianças como uma provocação do Programa, como relataram as coordenadoras de Camaçari (BA) para o relatório da Move Social. “A professora vai para sala de aula e lá, fazendo escuta sensível das crianças descobre qual o tema da turma. Certa vez, uma criança perguntou por que quando a gente anda, a lua anda com a gente. Outro disse que quando vê o foguete passar, a lua fica parada. Outra disse que a lua a seguiu quando ela foi para a igreja. A professora perguntou: o que acham de estudarmos a lua? E nasceu o Projeto Lua. Naquele momento, Elisângela [Oliveira, coordenadora da Escola Municipal Emaús] já fazia as formações do Paralapracá, e trazia esse olhar para a escola”, disseram.

Paralapracá

O relatório apresentado pela Move Social foi referente aos resultados alcançados até 2016. A instituição é responsável pela avaliação externa do Paralapracá, uma frente de trabalho do programa Educação Infantil do

Instituto C&A, realizado a partir do estabelecimento de alianças com Secretarias Municipais de Educação, selecionadas para participar da iniciativa por meio de edital e implementado em parceria técnica com a Avante – Educação e Mobilização Social.

O programa possui dois âmbitos de atuação: a formação continuada de profissionais de Educação Infantil e o acesso a materiais de uso pedagógico de qualidade, tanto para crianças quanto para professores. Integraram-se ao primeiro ciclo do programa os municípios de: Jaboatão dos Guararapes (PE), Caucaia (CE), Feira de Santana (BA), Teresina (PI) e Campina Grande (PB). Neste segundo ciclo, que corresponde ao período de 2013 a 2017, cinco municípios integram o projeto: Camaçari (BA), Maceió (AL), Maracanaú (CE), Natal (RN) e Olinda (PE).

Em 2017, o foco do programa será o fortalecimento da gestão das políticas públicas municipais de Educação Infantil, juntamente com a promoção da sustentabilidade do processo formativo inspirado no Paralapraca nas redes municipais parceiras.

O que aprendem as crianças perguntando?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 09 / MAR / 2017



O mundo, com toda a sua diversidade, é um prato cheio para os nossos olhos e curiosidades. Se nós, adultos, vivemos em busca de respostas para indagações que se constroem diariamente nessa interação com o que nos cerca, imagine só como são instigados os pequenos, que recém foram apresentados a toda essa imensidão de possibilidades?!

Uma das maneiras mais eficientes de conhecer algo que nos desperta o interesse é perguntando sobre o assunto a pessoas que julgamos ter mais propriedade e conhecimento para falar sobre ele. Os adultos de referência frequentemente se deparam com perguntas, por vezes inusitadas e até complexas de serem respondidas. Nesse momento podem surgir muitas dúvidas sobre o que responder e sobre a forma como fazê-lo, de modo a atender a demanda imediata da criança.

Ser honesto, conversar sobre os limites e até responder que não sabe é extremamente valioso e ensina meninos e meninas que ninguém tem respostas prontas para tudo, mas que podemos fazer desse espaço vazio uma ponte para o desejo de buscar novos conhecimentos. Fazer perguntas pressupõe não conhecermos todas as respostas, e aí o outro, seja ele quem for, se configura como uma peça-chave no compartilhamento dos saberes, mostrando o valor das relações e do quanto elas podem ser ricas em trocas.

Importa apenas levar em conta que nem sempre todas as perguntas exigem longas e complexas respostas; por vezes, apenas uma afirmação ou uma negação, sem detalhadas explicações, satisfazem o desejo da criança naquele momento.

Vale lembrar que as crianças perguntam não somente para explorar uma curiosidade a respeito de algo que ainda não lhes é familiar, mas também para elaborar conflitos emocionais, precisando muitas vezes repetir incessantemente alguns questionamentos, até que encontrem sentido dentro do seu campo afetivo.

Existe ainda uma função bastante interessante que surge quando os pequenos descobrem que as interrogações produzem efeitos sobre os adultos: o poder de sentir-se no controle da linguagem. Manter uma conversa por meio de uma sequência de perguntas, interromper um diálogo do qual não estão fazendo parte com alguma indagação ou até como uma forma de sedução para atrair a atenção para si mesmas – “Mamãe, posso te dar um beijo?”, “Olha, tia, eu comi tudinho, não é?”, são alguns exemplos disso.

As perguntas carregam fantasias, hipóteses, medos, intenções, e é muito valioso que os adultos tentem entender de que lugar elas surgem para melhor lidarem com elas. Desta forma, cuida-se para nem deixarem de responder, nem anteciparem respostas, permitindo que a criança continue seu processo investigativo. Se estiver satisfeita com o que lhe foi dado, irá parar com tais perguntas, se não, prosseguirá até que se aprofunde nessa busca. Perguntar nos permite aprender com o diferente e nos lança, através do desconhecido, para o novo e o que nos move.

No nosso aplicativo, *Apprendendo*, confira algumas dicas que envolvem situações de perguntas entre adultos e crianças. Baixe gratuitamente em seu dispositivo móvel, via Google Play ou Apple Store.

O que as crianças podem aprender ouvindo ou lendo histórias?



Os livros de histórias integram no universo infantil um mundo mágico e instigante que pode também divertir, emocionar e desenvolver a criatividade. Além disso, ler histórias para as crianças desde cedo, favorece outras aprendizagens que atuam em diferentes campos do desenvolvimento infantil.

Quando pensamos nos textos literários, é importante lembrarmos que são construções artísticas e se as crianças interagem com eles desde pequenas ampliam seus conhecimentos estéticos e apuram suas possibilidades de apreciação. Aprendem sobre a própria cultura na qual estão imersas e sobre outras culturas e épocas também.

Ler para os bebês favorece o contato com uma linguagem distinta daquela que marca as conversas que geralmente os adultos procuram estabelecer com eles, aproximando-os do narrar. E as narrativas também precisam integrar o cotidiano dos bebês e das crianças, favorecendo a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento da linguagem. Já quando as crianças um pouquinho maiores ouvem leituras, interagem com um contexto muito especial de uso da linguagem escrita e conseguem diferenciá-la, aos poucos, da linguagem oral, permitindo que aprendam ainda mais sobre ambas.

As poesias também podem ser lidas para as crianças, favorecendo a fruição, permitindo que vivenciem e aprendam sobre o ritmo, sobre a musicalidade presentes nesses textos, principalmente quando rimados.

O contato, desde cedo, com o universo das histórias possibilita ainda aprendizagens sobre os comportamentos leitores e sobre a participação numa comunidade de leitores, ou seja, como se manuseia um livro, como se segue a sequência das páginas – e das narrativas ou dos textos que o

integram -, como se lê, o que se conversa sobre as histórias, sobre comentar e opinar também. Incentiva igualmente hábitos de leitura que, como outras formas de arte, precisam integrar a vida das crianças.

Ao lermos para as crianças também estabelecemos uma relação de proximidade, de aconchego, ampliando os vínculos afetivos entre elas e nós, adultos, seja qual for o papel que temos: cuidadores, avós, padrinhos, tios, professores etc. Esse vínculo afetivo, que se constrói desde o nascimento, é base para o desenvolvimento emocional das crianças e para a constituição de suas relações com os outros.

Ainda do ponto de vista do desenvolvimento emocional, algumas histórias, em especial os contos de fadas, permitem a interação com determinadas situações mais difíceis e complexas, envolvendo perdas, medos, abandono, os desafios de se relacionar com os outros e de superar obstáculos e até mesmo as dificuldades oriundas do próprio crescimento. É por meio dessas histórias que as crianças pequenas conseguem lidar com inúmeras situações e sentimentos gerados por elas se fortalecendo emocionalmente e aprendendo também a enfrentá-los no mundo real.

Frente a essas e outras tantas contribuições, não perca tempo: leia para as crianças com as quais você convive, converse sobre o que se lê, leve-as à bibliotecas e livrarias nas quais os livros possam ser acessados por elas, presenteie-as com livros e continue a ler para elas, mesmo que já sejam capazes de ler alguns textos sozinhas, pois isso possibilita que conheçam histórias um bocadinho mais complexas (que, por vezes, não dariam conta de ler por si mesmas mas que são totalmente capazes de compreender e de apreciar!). E aproveite cada minuto dessa interação entre a criança, as histórias e você!

No nosso aplicativo, *Apprendendo*, confira algumas dicas que envolvem a leitura de histórias para as crianças, acessando o ambiente “Quarto”. Baixe gratuitamente em seu dispositivo móvel, via Google Play ou Apple Store.

CMEI alagoano leva crianças a explorar a cidade e valoriza cultura local

AUTOR (ES): [SITE PARALAPRACÁ](#) 13 / FEV / 2017 - 13 / FEV / 2017





Crianças em contato com a lagoa.

Cientes da importância dos projetos que estimulam e empoderam as crianças e aproveitam os espaços das instituições, bem como os saberes locais, para a construção de ambientes educacionais, as coordenadoras do CMEI Tobias Granja, instituição que integra a Rede Municipal de Maceió (AL), parceira do Programa Paralapraca, desenvolvem um projeto institucional de exploração da cidade e valorização da cultura local, além de transmitir valores de sustentabilidade às crianças, por meio do contato com o a degradação da lagoa do município:

PARA LEMBRAR!

“Um projeto é uma abertura para possibilidades amplas de encaminhamento e de resolução, envolvendo uma vasta gama de variáveis, de percursos imprevisíveis, imaginativos, criativos, ativos e inteligentes, acompanhados de uma grande flexibilidade de organização.”

Os projetos permitem criar, sob forma de autoria singular ou de grupo, um modo próprio para abordar ou construir uma questão e respondê-la. Proposta de trabalho com projetos possibilita momentos de autonomia e dependência do grupo, momentos de cooperação do grupo sob uma autoridade e de sociabilidade; momentos de interesse e de esforço; momentos de jogo e de trabalho como fatores que expressam a complexidade de fato educativa.”

(BARBOSA, 2008)

Após leituras realizadas nos departamentos semanais, ouvimos as professoras sobre a importância de valorizar a nossa cultura, e no período da Emancipação Política de Alagoas, que acontece no dia 16 de Setembro, não queríamos que esse momento se transformasse apenas em uma data comemorativa, mas numa gama de experiências vivenciadas pelas crianças.

A professora Eunice, em conversa informal com as crianças do Jardim I (4 anos), ficou com os questionamentos e interesses sobre Alagoas. Ela falou sobre as lagoas e a degradação que vem sofrendo e afetando a vida de muitas famílias. A professora percebeu que essa seria uma excelente temática para se desenvolver um projeto, visto que as inquietações tinham sido gerais.

Ao conversar com a coordenação, pensamos em ampliar esse tema para o CMEI, desde que partisse do interesse das crianças. A partir das conversas, surgiram temas como: praias, esportes, lagoas, artesanatos, danças, agricultura e alimentação.

Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, conseguimos um ônibus para levar as crianças até a orla de Maceió, para conhecer a praia, a lagoa, e em outro momento, conheceram o museu e a feira de artesanato.

O nosso passeio para a orla lagunar foi proveitoso, as crianças estavam ansiosas para chegar à lagoa e ainda mesmo dentro do ônibus já diziam: “já estamos chegando, né tia? Estou sentindo o cheiro da lagoa”. Ao descer do transporte, as crianças apressaram-se para chegar rápido à margem. Uns queriam tocar e sentir a água, outros queriam pular esperando a “onda”, e outros, apenas olhar.

Quando foi perguntado: “por que a lagoa tem esse cheiro?”, alguns disseram “porque tá suja e tem lixo”. Mas um pescador que estava nos acompanhando explicou sobre a maresia e junção das águas, assim, também, como a poluição sofrida e as consequências dessa agressão. Eles ouviram atentamente e pediram ao pescador para conhecer a canoa. Ele mostrou a diferença entre canoa, barco e catamarã. As crianças entraram na embarcação e algumas disseram: “não gostei da canoa ela é pequena, prefiro o catamarã, porque é alto e dá para observar toda a lagoa”.

O nosso passeio foi muito proveitoso e as crianças ao entrarem no ônibus já estavam perguntando quando voltariam, e outros diziam que tinham que cuidar para que a lagoa não morresse, o que para nós educadores, ouvir isso das crianças, já vale todo o esforço!

Na Educação Infantil: a música como melodia pedagógica

AUTOR (ES): **SITE PARALAPRACÁ** 14 / FEV / 2017 - 14 / FEV / 2017



Professoras do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Profa. Antônia Fernanda Jalles, em Natal (RN), refletem sobre a importância da música no fazer pedagógico e a utilização do ambiente na promoção de aprendizagens significativas. A experiência, repleta de experimentações e ludicidade, integra

a formação no eixo Assim se Faz Música, do programa Paralapraca, rendeu um registro produzido pela diretora do CMEI, e uma das responsáveis pela formação, Danielle Queiroz:

A formação do eixo Assim se faz música foi realizada no dia 07 de outubro de 2016, tendo como participantes 16 professoras e 22 estagiárias. As responsáveis pela formação foram Danielle Queiroz (diretora pedagógica), Joraida Freitas e Cléa Alves (coordenadoras pedagógicas).

A formação foi organizada objetivando refletir acerca da importância da música na Educação Infantil, do fazer pedagógico lúdico, desafiador, musicalizado; bem como o ambiente enquanto possibilitador do fazer, por meio da diversidade musical. O evento ocorreu da seguinte forma: recebemos a equipe com música, ao som do violão de Sr. Gaúcho, um pai que faz show em barzinhos e eventos à noite. Temos excelente relacionamento com as famílias, e estes, sempre estão colaborando no cotidiano escolar.

Após o momento de acolhimento, convidamos o grupo para participar de uma dinâmica, que evidenciou os diversificados ritmos, como: axé, música clássica, MPB, forró, lambada, rock, ciranda. Solicitamos que circulassem, dançassem, sentissem a música, o ritmo. Em alguns momentos, orientávamos, pedindo que fechassem os olhos, se abraçassem, dançassem com pares etc. Concluímos a oficina com uma ciranda, onde utilizamos um paraquedas gigante, formando um grande círculo, movimentando-nos de acordo com os comandos da ciranda/música, até que todos ficassem embaixo do paraquedas e dessem um grande abraço coletivo.

Em seguida, solicitamos que ficassem descalços para passarmos pelo jardim sensorial gigante (temos na lateral do CMEI), até chegarmos em uma praça encantada (temos no CMEI uma praça com geladeiras e fogão com livros de literatura. Iniciamos comunicando ao grupo que iriam ouvir uma história, e durante a contação, passaríamos por uma floresta das sensações e musicalidade. Enquanto dialogávamos, explanando o que iríamos vivenciar, distribuíamos instrumentos musicais. A história contada chama-se “A floresta dos sons que encantam” (história criada pelo grupo de professores/as no momento do planejamento semanal. O critério para a construção da mesma foi ter sons da natureza-musicalidade).

No momento que íamos caminhando no jardim sensorial, o grupo se inseria dentro deste universo de imaginação, criação, ludicidade, musicalidade. Nas partes da história que falava de chuva, por exemplo, a pessoa que estava com o pau de chuva movimentava-o fazendo o barulho da chuva.

Para chegar ao destino (praça encantada), tínhamos que conseguir passar pelos desafios existentes no jardim sensorial, o qual possuía uma ponte, um lago com jacaré, animais, cachoeira etc. Ao chegarmos à praça, provocamos um diálogo acerca da importância da música, como utilizá-la, porque utilizá-la, para que, como a música está sendo trabalhada em cada sala/no CMEIAFJ. Reportamo-nos às vivências anteriores, às vivências iniciais da formação, à música na vida de cada um, sempre nos reportando aos conhecimentos teóricos já estudados anteriormente, no suporte teórico recebido dos materiais do Paralápracá. Estes nos dão a base teórica e sugestões de vivências essenciais para o aperfeiçoamento do fazer pedagógico.

Após as discussões, tivemos o intervalo musical. Enquanto acontecia o lanche, o Sr. Gaúcho enchia de magia e alegria com um show no violão. Este momento também fortaleceu ainda mais a compreensão do grupo acerca da importância de termos a parceria/vínculos com as famílias.

Dando continuidade, convidamos todos para o pátio para iniciarmos a vivência “refletindo o texto”, onde se formou cinco GT, cada um com um encaminhamento para elaborar uma ação pedagógica e apresentar para o grande grupo. Os grupos tiveram diversificados materiais e textos reflexivos acerca da importância de compreendermos como e para quê trabalhar a música com as crianças.

Em seguida, fomos para a “Disco Jalles à fantasia”. Os participantes dançaram, se divertiram, brincaram, voltaram a ser criança (foi gratificante perceber a entrega do grupo, a musicalidade/corporeidade). A música “invadiu” a alma de cada um, possibilitando a entrega de todos.

Para finalizar, convidamos o grupo para se deslocar para outro ambiente (todos resistiram e solicitaram continuar dançando na Disco Jalles. Muito legal!). Mediamos o último momento: “Avaliação tela musical”, no espaço com lembrancinhas para cada participante, convidando-os para construir uma tela

musical em formato de um violão gigante. Cada participante deixou uma mensagem e ilustrou uma parte do violão, evidenciando as impressões que a formação do eixo Assim se faz música proporcionou. Observamos que o grupo conseguiu perceber a música como linguagem, expressão do povo.



Oficina de produção de instrumentos musicais

IDEB – Será que estamos avaliando o que realmente importa?

AUTOR (ES): LISIAN LASMAR 20 / JAN / 2017



Hoje, no Brasil, 97% das crianças e adolescentes de 6 a 14 anos estão cursando o ensino fundamental [2]; uma conquista expressiva e relevante rumo à mitigação das desigualdades sociais que ainda observamos no país.

Para além da universalização da educação básica, há o grande desafio de aprimorar a qualidade da mesma para esses trinta e cinco milhões de crianças no ensino fundamental e nove milhões no ensino médio, que é medida hoje pelo IDEB [1]. É senso comum que precisamos avançar na qualidade da educação, no entanto não há um consenso quando o assunto é de qual qualidade estamos falando e como a medimos. Educação de qualidade seria aquela que garante que todas as crianças e adolescentes tenham a mesma proficiência em português e matemática, medida por avaliações de larga escala? Seria aquela que garante a entrega de um mesmo currículo para todos os estudantes nos quatro cantos do país? Ou seria aquela que prioriza o desenvolvimento integral e concebe a escola como um espaço de formação de cidadãos, de sujeitos de direitos e que trabalha em uma relação dialógica com a comunidade, deixando de ser um espaço de instrução fechado em si mesmo?

Apesar da enorme relevância em mapear a educação no país (incluindo o acesso à escola, números referentes à evasão, entre outros, e níveis de proficiência em leitura e matemática), os indicadores utilizados para compor os índices de qualidade da educação focam apenas nos resultados alcançados na dimensão intelectual, uma das muitas dimensões que constituem a complexidade do ser humano. Soma-se a essa visão, de certa forma reducionista, de um processo rico e cheio de nuances que é a formação de uma criança, a não contemplação do “como”, do percurso para chegar a esse resultado e ainda dos impactos dessa trajetória sobre as crianças e adolescentes.

Como diria Rubem Alves (2010, p.95) citando Gianfranco Zavalloni [3], “Quem sabe o ‘estar indo’ é mais educativo que o chegar? No ‘estar indo’ aprende-se um jeito de ser.”

Tanto tem se discutido sobre Educação integral, aquela entendida como uma educação de tempo integral que privilegia a formação integral da criança e do adolescente, pois os considera em todas as suas dimensões- intelectual, física, afetiva, social, simbólica- e que integra diversos agentes e espaços de uma comunidade, mas pouco se discute sobre como medir a qualidade da Educação com base nesses princípios. Será que provas de português, matemática e ciências dão conta de abarcar toda essa complexidade que é o desenvolvimento integral de uma criança?



Desenvolvimento
integral

E, ainda, ao avaliar apenas um aspecto do desenvolvimento da criança e do adolescente, não reforçamos o ideal da escola tradicional que privilegia o ensinar e não o aprender, que impõe conteúdos desprovidos de significado para crianças e jovens, pois tem por principal meta o bom desempenho nas avaliações externas de larga escala (Prova Brasil, Enem etc.)?

Além do escopo reducionista dessas avaliações, enfrentamos também a falta de uma devolutiva clara a gestores escolares e professores sobre como proceder a partir dos resultados divulgados. A própria divulgação costuma ser simplista e superficial, incentivando muito mais a competição entre escolas e a ênfase no “treinamento” de estudantes, o que agrava a falta de interesse pela escola.

Segundo Gresspan, psiquiatra infantil e fundador da Zero to Three: The National Center for Infants, Toddlers and Families, a emoção é a base da construção das habilidades intelectuais, da identidade, da moral e da

consciência. Afirma ainda que *“as emoções possibilitam todo o pensamento criativo” e que todo aprendizado deve estar atrelado a uma experiência emocional* (2009, p.40). O desenvolvimento da mente, segundo o mesmo autor, tem início com experiências emocionais sutis e não com experiências intelectuais.

Resta perguntar então: - Que tipo de experiência estamos proporcionando às nossas crianças e adolescentes nas escolas? Estamos focando na riqueza de um percurso que visa o seu desenvolvimento integral ou na limitada visão de que bons resultados em português e matemática são sinônimo de educação de qualidade?

Em tempos de muitas mudanças abruptas e com baixa participação, é urgente que se repensem os critérios que designam uma educação básica de qualidade e a sua avaliação a partir de um diálogo aberto com a sociedade; estudantes, professores, gestores, pais e especialistas. Precisamos conversar a respeito de qual qualidade estamos falando; qualidade para quem, para que, a partir de qual compreensão de infância e sob qual ótica e ideal de sociedade? Além disso, a avaliação deve ser construída pensando em uma devolutiva à sociedade, também de forma participativa, de modo a dar subsídios a mudanças qualitativas na educação.

Nessa reflexão as vozes de toda a comunidade escolar devem estar representadas. Às crianças e aos adolescentes precisamos reservar um lugar especial nesse processo para que nos contem que significados atribuem às inúmeras horas que passam na escola e como elas se integram com seus outros tempos e espaços, mas esses são assuntos para uma próxima conversa...

Referências:

ALVES, Rubem. **A Pedagogia dos Caracóis**. Campinas: Verus, 2010.
GREENSPAN, Stanley I. et al. A arquitetura emocional da mente. In:
CAVOUKIAN, Raffi;; OLFMAN, Sharna (org.). **Honrar a criança**: como transformar este mundo. São Paulo: Instituto Alana, 2009.

[1] Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

Para saber mais acesse:

<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/o-que-e-o-ideb>

[2]

<http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/2-ensino-fundamental/indicadores> □

[3] Artista plástico, escritor e diretor de escola por muitos anos. Autor de “A pedagogia do Caracol” e do Manifesto dos direitos naturais da criança. □

Lisian é especialista em Infância, Educação e desenvolvimento social pelo Instituto Singularidades, pedagoga e mestre em Administração pela PUC-Rio e especialista em Educação a distância pela UCB. É pesquisadora do Mapa da Infância Brasileira e consultora em Educação.

O brincar e a educação: O que a criança aprende quando brinca?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 26 / JAN / 2017



Você já parou para pensar que o brincar, ao longo de toda a infância, é responsável não somente pela diversão, mas também por inúmeras aprendizagens? Quando se pensa em brincar é fácil atrelar essa atividade às crianças e não somente porque é importante que se divirtam, mas também porque essa “diversão” é fonte de aprendizagens fundamentais que impactam no desenvolvimento infantil.

Antes de tudo, é necessário levar em conta que a brincadeira não é algo que nasce com o bebê, é algo a ser aprendido no convívio social e cultural e, de início, na interação com os pais ou cuidadores principais ou com os irmãos mais velhos. Quando oferecemos objetos e brinquedos, quando asseguramos momentos na rotina e até mesmo um espaço para o brincar e, mais ainda, quando brincamos com o bebê e com as crianças estamos ensinando essa atividade. E, em qualquer idade, é possível que aprendam a brincar e conheçam novas brincadeiras.

Brincar também favorece aprendizagens diversas e contribui para o desenvolvimento em distintos âmbitos. Quando a criança interage com outras pessoas (crianças ou adultos) ao longo de uma brincadeira, precisa aprender a cooperar, a dividir tarefas e papéis, a compartilhar um mesmo espaço ou determinados objetos, a respeitar o outro. Do mesmo modo, aprende a negociar e a construir resiliência, já que nem sempre o que ela deseja será atendido demandando ajustes e acordos.

Além disso, do ponto de vista físico e participando de brincadeiras que envolvem correr, pular, saltar, se equilibrar etc., a criança adquire maior conhecimento sobre seu próprio corpo e suas possibilidades e, ainda, aprende sobre autocontrole. Também pode ser instigada a vencer desafios ajustados às suas competências e idade, como saltar alguns degraus ou enfrentar com mais autonomia um escorregador, por exemplo. Isso certamente contribui para que aprenda sobre superação e sobre a importância de enfrentar alguns obstáculos. Sem falar, é claro, que esse tipo de brincadeira ajuda no combate à obesidade infantil.

Em situações de jogo, a criança lida com outros desafios tendo que refletir e antecipar tomadas de decisões (o que implica na construção de hipóteses e de estratégias), observar as ações dos demais jogadores e lidar com elas e compreender e atuar de acordo com as regras estabelecidas.

Quando a brincadeira envolve que se assumam os mais variados papéis (como ao brincar de casinha ou de exercitar profissões, por exemplo, ou mesmo em que se reproduzem ou criem situações envolvendo heróis, monstros, príncipes, princesas etc.), as crianças aprendem sobre o mundo social e sobre as emoções vivenciadas nas diferentes relações que se estabelecem,

como ao cuidar de uma boneca, tratando-a como um bebê, ou ao realizar um “resgate” de alguém ou mesmo de um “animal”. Também as incentiva a experimentar modos diferenciados de agir, a depender do papel em questão, a enfrentar alguns medos e explicitar sentimentos. E, aqui, vale ressaltar, não estão em pauta questões de gênero, já que meninos e meninas podem – e devem! – vivenciar quaisquer papéis.

E não se pode deixar de lado a importância do brincar para a aquisição da linguagem. Ao conversar com outros – adultos ou crianças –, ao imitar papéis e usar falas emprestadas de filmes e de histórias ou observadas em situações reais, ao terem que tomar decisões, compartilhar ideias e construir a brincadeira, a linguagem oral é vivenciada e aprendida nesses e outros importantes contextos e como parte integrante da própria brincadeira.

Da mesma forma, entra em jogo a linguagem escrita, quando alguns registros – convencionais ou não – são feitos pelas crianças para nomear um espaço, identificar objetos (como quando brincam de compras e vendas), organizar listas etc. Aprendem, aqui, tanto sobre os usos da linguagem escrita como também refletem e explicitam suas próprias hipóteses sobre como se escreve.

Para nós, adultos, fica a importância de assegurar que o brincar faça parte da rotina diária das crianças e não apenas dentro de casa, mas em quaisquer espaços, inclusive ao ar livre, como em parques e praças. É por meio da brincadeira que muitas aprendizagens ocorrem ao longo de infância, aprendizagens fundamentais e insubstituíveis para o desenvolvimento das crianças.

Viste nossa plataforma: <http://www.todacriancapodeaprender.org.br/> e conheça o aplicativo Apprendendo, onde você encontra algumas dicas de brincadeiras que podem ser feitas com as crianças em distintos ambientes e momentos da rotina diária, como durante o banho, por exemplo. Vale conferir! Baixe gratuitamente em seu dispositivo móvel, via Google Play ou Apple Store: <http://www.apprendendo.org.br/>

Caixa de areia

AUTOR (ES): **PRICILA HOLANDA** 23 / JAN / 2017 - 23 / JAN / 2017

Inspiradas pelas experiências e discussões da formação do eixo Assim se Organiza o Ambiente, a equipe do CMEI Maria Celoni Campos, de Natal (RN), município parceiro Programa Paralapracá, reavaliou seu espaço físico, a fim de aproveitar melhor cada ambiente da instituição.

Um desses locais foi um cantinho próximo ao parque, que estava "feio e sem vida". Ele foi repensado e transformado numa caixa de areia, onde as crianças podem usufruir de deliciosos momentos de brincadeiras em contato com a natureza, além de poderem utilizar este novo espaço como meio de aprendizagens.

O Paralapracá é realizado pelo Instituto C&A, em parceria técnica com a Avante Educação e Mobilização Social.

Confira o registro: goo.gl/RU6n6w

Parquinho: espaço de alegria e encantamento

AUTOR (ES): **CLEUDE LIMA** 18 / JAN / 2017 - 18 / JAN / 2017



Diante da proposta de uma mudança no espaço escolar, a equipe da Escola Maria José Isidoro, do município de Maracanaú (CE), instituição que faz parte da rede parceira do #Paralapraca, Programa do Instituto C&A em parceria técnica com a Avante, planejou a implantação de um parquinho feito com pneus, com o intuito de proporcionar às crianças momentos ricos de brincadeiras, aprendizagens em um novo ambiente e fomentar sua autonomia, princípios fundamentais do #Paralapraca, além de incentivar a organização do ambiente, eixo formativo do Programa. Cleude Lima, gestora de educação, conta as etapas deste processo em seu registro. "O parquinho trouxe mais alegria e encantamento para nossas crianças, que hoje esperam ansiosas para o momento do recreio", diz.

Conheça o registro em: goo.gl/1gs97l

Contação de história embaixo do limoeiro

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 16 / JAN / 2017 - 16 / JAN / 2017



Inspiradas pela formação no eixo Assim se Organiza o Ambiente, as professoras da Educação Infantil da Escola Izaulina de Castro e Silva, instituição que faz participante da rede parceira do Programa Paralapracá, do Instituto em parceria técnica com a Avante, em Olinda (PE), decidiram buscar novas utilizações para os espaços externos da unidade.

Um deles foi um liomeiro perto da escola, que virou ambiente fértil para as contações de histórias. A escolha por um local mais ventilado e em contato com a natureza tornou esse momento que as crianças tanto gostam muito mais agradável.

Conheçam o registro: goo.gl/gE1IC9

Brincar também educa: entenda as potencialidades do brincar

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 12 / JAN / 2017



O brincar, ao longo de toda a infância, não representa apenas momentos de diversão, mas também de inúmeras aprendizagens. Quando se pensa em brincar é fácil atrelar essa atividade às crianças e não somente porque é importante que se divirtam, mas também porque essa “diversão” é fonte de aprendizagens fundamentais que impactam no desenvolvimento infantil.

Antes de tudo, é necessário levar em conta que a brincadeira não é algo que nasce com o bebê, é algo a ser aprendido no convívio social e cultural e, de início, na interação com os pais ou cuidadores principais ou com os irmãos mais velhos. Quando oferecemos objetos e brinquedos, quando asseguramos momentos na rotina e até mesmo um espaço para o brincar e, mais ainda, quando brincamos com o bebê e com as crianças estamos ensinando essa atividade. E, em qualquer idade, é possível que aprendam a brincar e conheçam novas brincadeiras.

Brincar também favorece aprendizagens diversas e contribui para o desenvolvimento em distintos âmbitos. Quando a criança interage com outras pessoas (crianças ou adultos) ao longo de uma brincadeira, precisa aprender a cooperar, a dividir tarefas e papéis, a compartilhar um mesmo espaço ou determinados objetos, a respeitar o outro. Do mesmo modo, aprende a negociar e a construir resiliência, já que nem sempre o que ela deseja será atendido demandando ajustes e acordos.

Além disso, do ponto de vista físico e participando de brincadeiras que envolvem correr, pular, saltar, se equilibrar etc., a criança adquire maior conhecimento sobre seu próprio corpo e suas possibilidades e, ainda, aprende sobre autocontrole. Também pode ser instigada a vencer desafios ajustados às suas competências e idade, como saltar alguns degraus ou enfrentar com mais autonomia um escorregador, por exemplo. Isso certamente contribui para que aprenda sobre superação e sobre a importância de enfrentar alguns obstáculos. Sem falar, é claro, que esse tipo de brincadeira ajuda no combate à obesidade infantil.

Em situações de jogo, a criança lida com outros desafios tendo que refletir e antecipar tomadas de decisões (o que implica na construção de hipóteses e de estratégias), observar as ações dos demais jogadores e lidar com elas e compreender e atuar de acordo com as regras estabelecidas.

Quando a brincadeira envolve que se assuma os mais variados papéis (como ao brincar de casinha ou de exercitar profissões, por exemplo, ou mesmo em que se reproduzem ou criem situações envolvendo heróis, monstros, príncipes, princesas etc.), as crianças aprendem sobre o mundo social e sobre as emoções vivenciadas nas diferentes relações que se estabelecem, como ao cuidar de uma boneca, tratando-a como um bebê, ou ao realizar um “resgate” de alguém ou mesmo de um “animal”. Também as incentiva a experimentar modos diferenciados de agir, a depender do papel em questão, a enfrentar alguns medos e explicitar sentimentos. E, aqui, vale ressaltar, não estão em pauta questões de gênero, já que meninos e meninas podem – e devem! – vivenciar quaisquer papéis.

E não se pode deixar de lado a importância do brincar para a aquisição da linguagem. Ao conversar com outros – adultos ou crianças –, ao imitar papéis e usar falas emprestadas de filmes e de histórias ou observadas em situações reais, ao terem que tomar decisões, compartilhar ideias e construir a brincadeira, a linguagem oral é vivenciada e aprendida nesses e outros importantes contextos e como parte integrante da própria brincadeira.

Da mesma forma, entra em jogo a linguagem escrita, quando alguns registros – convencionais ou não – são feitos pelas crianças para nomear um espaço, identificar objetos (como quando brincam de compras e vendas), organizar

listas etc. Aprendem, aqui, tanto sobre os usos da linguagem escrita como também refletem e explicitam suas próprias hipóteses sobre como se escreve.

Para nós, adultos, fica a importância de assegurar que o brincar faça parte da rotina diária das crianças e não apenas dentro de casa, mas em quaisquer espaços, inclusive ao ar livre, como em parques e praças. É por meio da brincadeira que muitas aprendizagens ocorrem ao longo de infância, aprendizagens fundamentais e insubstituíveis para o desenvolvimento das crianças.

<http://www.todacriancapodeaprender.org.br/>

A Importância da Empatia na Educação

AUTOR (ES): **ANA OLMOS, MARIA AMÉLIA CUPERTINO, NATACHA COSTA, SONIA DIAS RIBEIRO, LEANDRO BEGUOCI, LUCIANA FEVORINI, STELA BARBIERI, AURO LESCHER, FERNANDO LEÃO**, 09 / NOV / 2016 - 09 / NOV / 2016

Buscando debater um tema ainda pouco discutido no Brasil, o programa Escolas Transformadoras promoveu em maio de 2016 uma roda de conversa sobre a Empatia na Educação, visando construir coletivamente um entendimento sobre a importância da empatia como um valor e como uma competência que deve ser aprendida e cultivada na escola e nos demais espaços de convivência.

Composta de nove artigos, a publicação 'A importância da Empatia na Educação' é fruto desse encontro. São 9 autores vindos das áreas diferentes do conhecimento, refletindo a partir de perspectivas distintas sobre o tema.

...E assim chegaram os brinquedos!

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 20 / DEZ / 2016 - 20 / DEZ / 2016



...E assim chegaram os brinquedos!

O CMEI Rosane Collor, em Maceió (AL), tomou uma séria decisão – investir os recursos da instituição na compra de brinquedos para as crianças e fortalecer o seu direito ao brincar. O desafio era viabilizar a iniciativa. A solução veio por meio do compartilhamento do desejo e exercício da troca de experiências com outra instituição da Rede Municipal, que sugeriu a utilização dos recursos do PDDE. Assim, o CMEI abriu mão da compra de equipamentos como: datashow, computador, TV e outros e comprou **BRINQUEDOS**.

A atitude potencializou a aprendizagem por meio do brincar e descobertas como a dificuldade de encontrar #bonecasnegras nas lojas. “Eu e as diretoras passamos uma tarde percorrendo lojas para escolher pessoalmente os brinquedos e o que nos chamou atenção foi a pouca quantidade de bonecas negras. O único brinquedo que não conseguimos comprar em maior quantidade”, conta a coordenadora pedagógica do CMEI, Ana Paula Feitosa, que elaborou o registro contando o percurso utilizando depoimentos das próprias crianças.

A atitude proporcionou, ainda, o exercício da participação das crianças na organização do ambiente da instituição.

Conheça o registro: <https://goo.gl/kiuyBM>

A Rede Municipal de Maceió é parceira do Paralapraca no ciclo II (2013 a 2017), cuja tecnologia social, desenvolvida a partir da parceria técnica entre o Instituto C&A e a Avante Educação e Mobilização Social, passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do Ministério da Educação (MEC/2015), conferindo a um NOTÓRIO SABER à na formação continuada de profissionais de Educação Infantil. O Programa, então, ganha um novo formato - programa Paralapraca Brasil (conheça os detalhes e saiba como participar: <http://paralapraca.org.br/participe/>).

#EducaçãoInfantildeQualidade #porumaformaçãocidadã

Encontro com as Infâncias: Transformações

AUTOR (ES): **MIB** 15 / DEZ / 2016



O Encontro com as Infâncias: Expressões Infantis foi realizado dia 26 de novembro de 2016, com a participação de Camilla Guimarães (Colégio Equipe/Escolas Transformadoras), Patricia Pecoraro (Brinquedoteca GRAAC), Reinaldo Nascimento (Pedagogia de Emergência) e com a mediação de Ana Karlik, psicanalista. Uma realização MIB em parceria com UMAPAZ

Passeio cultural pelo Cinturão Verde

AUTOR (ES): **RAQUEL MANDU DA SILVA** 30 / NOV / 2016 - 30 / NOV / 2016



Nada melhor do que o contato com o meio ambiente, para proporcionar uma aprendizagem significativa às crianças. Pensando nisso, a equipe pedagógica do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Ruth Braga Quintela, localizado em Maceió (AL), realizou um passeio cultural no Cinturão Verde da Braskem, um parque ecológico de recuperação de área degradada, pioneiro no país. Lá, as crianças fizeram uma trilha ecológica, onde tiveram contato

com pavão, coelho e outros bichos, além de árvores diversas. Acompanhadas de um guia, que respondia às suas curiosidades, elas aprenderam a como cuidar do meio ambiente e entenderam melhor como vivem alguns animais.

Confira o registro em: goo.gl/G2pmp

A Rede Municipal de Maceió é parceira do Programa Paralapracá no ciclo II (2013 a 2017), cuja tecnologia social, desenvolvida a partir da parceria técnica com o Instituto C&A, transferida para a [#AvanteEducaçãoeMobilizaçãoSocial](#), passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do Ministério da Educação (MEC/2015), conferindo a um NOTÓRIO SABER à Avante na formação continuada de profissionais de Educação Infantil. O Programa, então, ganha um novo formato - programa [#ParalapracáBrasil](#) (conheça os detalhes e saiba como participar: <http://paralapraca.org.br/participe/>).

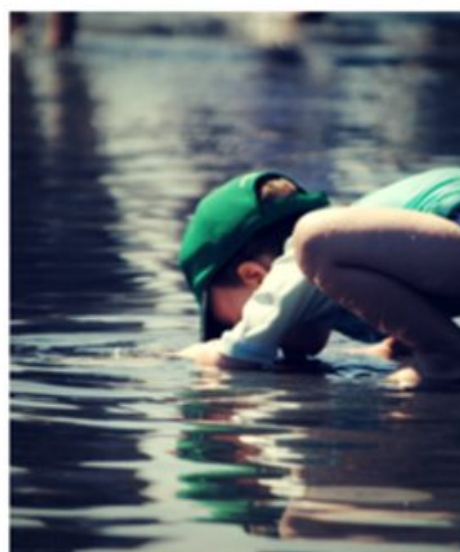
BRINCANDO COM OS QUATRO ELEMENTOS DA NATUREZA

AUTOR (ES): **ANA LUCIA MACHADO** 17 / NOV / 2016 - 31 / DEZ / 2016

EDUCANDOTUDOMUDA.COM.BR

BRINCANDO

COM OS 4 ELEMENTOS DA
NATUREZA



ANA LUCIA MACHADO

Brincar é coisa séria! Brincar é o ofício natural da criança. Brincar livre na natureza possibilita a organização interna da criança.

O contato com a natureza promove o desenvolvimento saudável, a criatividade e imaginação infantil. Há infinitas possibilidades de brincadeiras com a terra, água, ar e fogo, elementos vitais que expõe a criança a processos vivos. A qualidade deste brincar é rica e traz inúmeros benefícios. Descubra e explore um montão de brincadeiras gostosas.

Cadastre-se no blog e baixe gratuitamente o e-book.

Acesse:

<http://www.educandotudomuda.com.br/brincando-com-os-quatro-elementos-da-natureza/>

Conhecendo o bordado Filé das Alagoas

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 25 / OUT / 2016 - 25 / OUT / 2016



Patrimônio imaterial de Alagoas, desde 2011, o Bordado do Filé foi tema do projeto Resgatando tradições culturais, que possibilitou às crianças da Creche Escola Maria Liege Tavares de Albuquerque, da Rede Municipal de Educação de Maceió (AL), conhecimentos sobre o artesanato trazido ao Brasil, pelos portugueses, no período colonial. A apresentação foi feita por Dona Aparecida, artesã local e moradora do bairro Pontal da Barra, um dos lugares onde tradicionalmente se produz o bordado.

No registro, Sinéia Wanderley, professora da Creche, conta sobre a origem do Bordado do Filé e disponibiliza fotos da prática com as crianças.

Leia na íntegra: goo.gl/Nm2ZvA

A Rede Municipal de Maceió é parceira do Paralapraca no ciclo II do Programa, cuja tecnologia social foi desenvolvida a partir da parceria técnica entre a Avante – Educação e Mobilização Social e o Instituto C&A.

Escuta de crianças

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 24 / OUT / 2016 - 24 / OUT / 2016



A partir da fala de professoras e coordenadoras pedagógicas, além da equipe do #Paralapraca, o vídeo mostra como a #escutadecrianças na #EducaçãoInfantil transformou a prática pedagógica nas instituições que integram as redes municipais de educação parceiras do programa, cujo objetivo é contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento às crianças na Educação Infantil, com vistas ao seu desenvolvimento integral.

Criada pelo programa Educação Infantil do Instituto C&A, em parceria técnica com a #AvanteEducaçãoeMobilizaçãoSocial, a tecnologia social do #Paralapraca parte do princípio de que “toda criança tem direito a uma escola equitativa, plural e acolhedora – um espaço no qual ela possa contar com a

educação e o cuidado apropriados à sua faixa etária e em que seja respeitada a sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

Atuando em municípios da região Nordeste há seis anos, a tecnologia social do Paralapraca foi transferida pelo Instituto C&A para a Avante, conferindo à instituição um NOTÓRIO SABER na formação continuada de profissionais de Educação Infantil.

Crianças exploram teatro em concerto da Orquestra Maré do Amanhã

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 21 / OUT / 2016



A imaginação é o som mais bonito produzido pela sinfonia das crianças. As formas despretensiosas nas brincadeiras muitas vezes escondem a grandeza do mundo interior, guardada na memória infantil, como nos gestos das crianças do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Tereza de Lisieux, ao brincarem de regentes de uma orquestra sinfônica, um dia após terem assistido à apresentação da Orquestra Maré do Amanhã, no Teatro Deodoro, em Maceió (AL).

O concerto didático apresentou a história da música (períodos e diversos estilos) – contada pelo maestro e fundador da orquestra, Carlos Prazeres –, seguido de um repertório diverso (de Bach, Mozart, Villa-Lobos, Tom Jobim e Luiz Gonzaga a Michael Jackson e Anitta), que não foi o único elemento a chamar a atenção das crianças. “Vale ressaltar o encantamento de alguns quando adentraram nas dependências do teatro. Chegamos a ouvir de uma criança a frase ‘Oh, como é lindo!’ No dia seguinte estavam brincando de faz de conta no nosso CMEI, regendo uma orquestra com os colegas. Para nós, tudo isso foi muito gratificante”, conta Jaqueline Pereira, gestora do CMEI Tereza de Lisieux.

Apesar de já ser uma prática das professoras, explorar a música com as crianças no CMEI, a oportunidade de assistir a uma apresentação no teatro demonstra como as instituições de Educação Infantil podem utilizar outros ambientes para uma maior aprendizagem, como explica Jaqueline. “É importante salientar que não estávamos desenvolvendo um projeto de musicalização. A música entra na rotina diária, com gêneros diversos explorados. Quando as crianças saem do espaço escolar e se dirigem a um outro espaço de aprendizagem, como o teatro, um espaço pouco visitado pela comunidade, elas estão explorando o ambiente e o mundo, verbalizando falas de admiração quanto ao espaço.”

Exploração de mundo

A ida ao teatro é um exemplo de atividade de exploração de mundo, um dos seis eixos integrantes do programa Paralapraca, que desde 2013 vem contribuindo para a qualidade do atendimento de instituições de Educação Infantil de Maceió, com vistas ao desenvolvimento integral das crianças. A repercussão do Paralapraca tem sido tão positiva, que motivou a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) a elaborar e lançar o documento com as orientações curriculares para a Educação Infantil de Maceió, em 2015.

O Paralapraca é uma frente do Programa Educação Infantil, do Instituto C&A, realizado em parceria técnica com a Avante – Educação e Mobilização Social, em dois âmbitos de atuação: a formação continuada de profissionais de Educação Infantil e o acesso a materiais de uso pedagógico de qualidade, tanto para crianças quanto para professores. No primeiro ciclo (2010-2012), integraram-se ao programa os municípios de Jaboatão dos Guararapes (PE),

Caucaia (CE), Feira de Santana (BA), Teresina (PI) e Campina Grande (PB). Neste segundo ciclo, que corresponde ao período de 2013 a 2017, o Paralapraca atua nos municípios de Camaçari (BA), Maceió (AL), Maracanaú (CE), Natal (RN) e Olinda (PE).

Até 2017, o foco do programa é o fortalecimento da gestão das políticas públicas municipais de Educação Infantil, juntamente com a promoção da sustentabilidade do processo formativo nas redes municipais parceiras.

Maré do Amanhã

O convite para assistir ao concerto partiu do próprio maestro, que, inicialmente, queria levar a música erudita para a Creche. Como a orquestra estava com turnê programada para o Nordeste, e já estava com o espaço do teatro reservado, as crianças foram convidadas a assisti-la no teatro.

“Confesso que ficamos surpresas e informamos que nosso público era de crianças muito pequenas, com a faixa etária de dois e três anos. No entanto, ele [Carlos Prazeres] mencionou que era exatamente deste público que estava precisando e já vinha desenvolvendo um projeto com crianças na Maré, no Rio de Janeiro”, explica a gestora, que contou com o reforço da equipe pedagógica para levar as 52 crianças ao teatro, no dia 16 de agosto.

Criada em 2010, a Orquestra Maré do Amanhã ensina música clássica a crianças e adolescentes de comunidades em risco social, no Rio de Janeiro. Começou preparando 40 crianças no ensino de teoria musical, violino, violoncelo e flauta. Com a chegada de novos parceiros, em 2012, o número de crianças atendidas aumentou para 320, abraçando as 16 comunidades do Complexo da Maré. A turnê pelo Nordeste passou também pelas cidades de Natal (RN), Recife (PE) e Aracaju (SE).

O lugar da infância: a natureza e a poética da simplicidade nas instituições

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 21 / OUT / 2016 - 21 / OUT / 2016



“Sou um apanhador de desperdícios: amo os restos como as boas moscas”. Em *O apanhador de desperdícios*, o escritor Manoel de Barros trata com respeito as coisas e os seres “desimportantes”, demonstrando como a poética da simplicidade está inscrita naquilo que há e no que pode ser. Os restos a que se refere o poeta mato-grossense também foram aproveitados na Escola Municipal 19 de Setembro, em Olinda (PE), transformando a retirada das folhas do coqueiro que há no quintal da instituição em uma rica experiência de aprendizagem.

A Rede Municipal de Educação de Olinda é parceria do programa #Paralapraca no ciclo II, ao lado de Camaçari (BA), Maceió (AL), Maracanaú (CE) e Natal (RN).

Leia na íntegra: goo.gl/EBpZHQ

As possibilidades da arte na Educação Infantil através da música

AUTOR (ES): ANA CRISTINA FERREIRA 13 / OUT / 2016 - 13 / OUT / 2016



A professora Ana Cristina Ferreira, do EMEIEF Francisco Oscar Rodrigues, em Maracanaú (CE), elaborou um registro sobre uma experiência de inserção de instrumentos musicais com crianças da Educação Infantil, a fim de enriquecer as práticas do eixo Assim se Faz Música. Ela dá destaque ao impacto observado nas crianças, suas identificações com instrumentos específicos, sons, ritmos e timbres.

Ana Cristina ressalta o quão gratificante é introduzir a música com crianças de qualquer idade, mas enfatiza a iniciativa da proposta do Paralapraca na Educação Infantil como “uma experiência ímpar, cheia de surpresas e descobertas, onde tanto o professor quanto o aluno vislumbram novos horizontes na perspectiva de ampliação do repertório”, diz.

Leia o registro em: goo.gl/zL6OwQ

A Rede Municipal de Maracanaú é parceira do programa Paralapracá no ciclo II (2013 – 2017), cuja tecnologia social, desenvolvida a partir da parceria técnica com o Instituto C&A, que a transferiu para a Avante Educação e Mobilização Social, passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do Ministério da Educação em 2015, conferindo a um NOTÓRIO SABER à Avante na formação continuada de profissionais de Educação Infantil. O projeto, então, ganha um novo formato - Programa Paralapracá Brasil (conheça os detalhes e saiba como participar: <http://www.avante.org.br/paralapraca/>).

Peteca: o jogo indígena brasileiro que encantou as crianças

AUTOR (ES): **SINÉIA WANDERLEY** 10 / OUT / 2016 - 10 / OUT / 2016



O valor de construir seu próprio brinquedo, e no processo dessa construção conhecer melhor uma cultura e novas brincadeiras. É do que nos fala a experiência com as crianças da Creche Escola Maria Liege Tavares de Albuquerque, em Maceió (AL), registrada pela professora Sinéia Wanderley, na qual as crianças tiveram, muitas pela primeira vez, contato com um artefato esportivo da cultura indígena-brasileira.

A Rede Municipal de Educação de Maceió é parceira do Programa Paralapraca no ciclo II (2013 – 2017) na prática por uma educação infantil de qualidade. O Programa é uma frente do Programa Educação Infantil, do Instituto C&A, em parceria técnica com a Avante.

Confira o registro no link: <https://goo.gl/3GM2CH>

Da lei às práticas inclusivas: educação, um direito de todos!

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 06 / OUT / 2016



Você já deve ter ouvido falar, sobre inclusão escolar. Mas sabe o que isto significa? E como essa prática tem sido pensada no Brasil?

No início desse ano, começou a vigorar o Estatuto da Pessoa com Deficiência ou “Lei Brasileira da Inclusão” (Lei 13.146/2015), a fins de assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais à pessoa com deficiência, visando a sua inclusão social e o exercício de sua cidadania. Isso significa que a sociedade deve se adaptar para receber a pessoa com deficiência, e jamais o contrário.

Essa lei incide sobre todas as esferas que atravessam a vida das pessoas, e na educação, especificamente, tal regulamento contribui com diretrizes a respeito das garantias do sistema inclusivo em todas as modalidades de ensino. Desse modo, cada aluno deve ser compreendido dentro de suas particularidades, cabendo às instituições, sejam elas públicas ou privadas, as devidas instrumentalizações para que acolham demandas inclusivas e criem condições para que todos desfrutem de um desenvolvimento saudável e integral, sem exceções.

Pensando na importância de uma educação escolar de qualidade a essas crianças e jovens, pode ser interessante que profissionais de apoio – como psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, entre outros – sejam acionados e convocados a discutir e participar da definição de estratégias e propostas

pedagógicas, trabalhando em consonância com a comunidade escolar (professores e outros funcionários da instituição, pais, alunos). Juntos podem contribuir para o atendimento dessas crianças e sua integração na escola.

Só é possível incluir alguém que já foi excluído. A inclusão está respaldada na dialética inclusão/ exclusão, com a luta dessas minorias na defesa dos seus direitos. Se levarmos em conta que cerca de 50 milhões de pessoas têm algum tipo de deficiência hoje no Brasil, fica clara a relevância e os impactos dessa lei na contemporaneidade. Os caminhos e desafios a serem percorridos, também pela escola, ainda são muitos, mas ações pontuais, especialmente na rede pública, têm trazido resultados significativos e dado esperança às famílias dessas crianças e jovens.

O que você pensa sobre esse tema? Conhece lugares que trabalham de maneira comprometida com a inclusão e o atendimento à diversidade? Compartilhe sua opinião ou experiência!

<http://www.todacriancapodeaprender.org.br/>

FERRO À BRASA

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 06 / SET / 2016



Um projeto desenvolvido com as crianças da Creche Escola Maria Liege Tavares de Albuquerque, em Maceió (AL), tinha, inicialmente, a ideia de mostrar como as pessoas utilizavam alguns utensílios culturais antigos no seu dia a dia. A valorização da participação das crianças na construção do conhecimento tornou a iniciativa uma rica fonte de aprendizagens.

Para apresentar os utensílios foi realizada uma exposição, onde as crianças puderam apreciar, tocar, sentir, brincar e conhecer um pouquinho sobre cada objeto. Entre eles, ganhou destaque o antiquíssimo ferro à brasa, por instigar a curiosidade e desencadear uma pesquisa que culminou com o contato das crianças com elementos da natureza, em especial o fogo.

A educadora da Creche, Sinéia Wanderley, que fez o registro valorizando cada detalhe do processo por meio das falas e descobertas das crianças, acredita que “oportunizando momentos como esses as crianças assumem uma atitude de pequenos alquimistas, atentos e compenetrados. Experimentando, as crianças vivenciam, enriquecem e ampliam seus conhecimentos [...] Superou minhas expectativas, que eram apenas de mostrar um objeto histórico e cultural, que fez parte da vida de muitas pessoas num tempo diferente do nosso. Com o incentivo recebido de algumas pessoas, 'extrapolamos' e foi maravilhoso o envolvimento das crianças a cada etapa realizada”.

O que as crianças podem aprender com as Olimpíadas?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 11 / AGO / 2016



“Neymar anda chutando mal. Melhor que correr como Usain Bolt é brincar de pular. O melhor do Brasil é o hino nacional, e as filas são a pior coisa do país.” Essas são algumas respostas de crianças, reunidas numa reportagem do jornal O Globo, quando questionadas sobre o que estão vendo e vivenciando com os jogos olímpicos que acontece em nosso país.

As crianças, como boa parte da população – e não apenas do Brasil, mas do mundo! –, não apenas acompanham as Olimpíadas, como também tem opiniões sobre elas. Tantas modalidades esportivas e tantas disputas por medalhas chama a atenção dos pequenos. Mas o que será que podem

aprender, efetivamente, assistindo, tendo notícias e conversando sobre tudo isso?

Antes de qualquer coisa, importa salientar que podem aprender e muito! Aprendem um bocadinho sobre equidade e diversidade: veem e ouvem pessoas com diferentes aparências, vivendo em lugares que, por vezes, nem sempre se sabe de imediato onde ficam, falando as mais distintas línguas. Aprendem que uma mesma prática esportiva pode ser exercida por homens e mulheres. Aprendem que não importa a cor, a origem ou a língua que se fala quando a emoção toma conta da pessoa: chorar de alegria ou chorar de tristeza é algo que atinge a todos, inclusive aos homens (sim, homens também choram, é claro!).

Ainda sobre a diversidade, conhecem uma imensa variedade de esportes e podem aprender mais sobre cada um deles: numa piscina, por exemplo, não apenas se nada, mas se pratica nado sincronizado, saltos e até jogos como o polo aquático.

Também aprendem sobre o percurso de um esportista que toma a modalidade escolhida como uma profissão. As crianças escutam depoimentos de atletas, treinadores ou comentaristas e é comum que ouçam falas sobre dedicação, empenho, conquistas, mas também sobre esforços, desafios, sofrimentos e pressões que sofre o esportista. São anos de investimento para se buscar a participação, e quem sabe mais conquistas, num evento desse porte. Nesse sentido, importa ajudar as crianças a compreender (e é algo que precisa ser foco de nossas reflexões também!) que a prática de um esporte não necessariamente traz consigo todas essas demandas, especialmente quando exercida como cuidado em relação ao corpo e/ou como hobby.

Praticar esportes é algo que entre outros fatores, permite que as crianças aprendam sobre cooperação, sobre lidar com regras e a conhecer melhor o próprio corpo e as possibilidades de movimentos. Porém, é também algo que requer uma série de cuidados. O foco intenso nas competições, atividades que exigem excesso de esforço físico ou mesmo uma alimentação exageradamente regrada não são aspectos favoráveis ao desenvolvimento infantil, seja do ponto de vista físico, seja do ponto de vista psicológico. Muitas vezes, a própria brincadeira permite a realização de inúmeros exercícios físicos, realizados pelas crianças sem que se deem conta deles.

Afinal, como apontado por uma das crianças entrevistada pelo O Globo, “melhor que correr como Usain Bolt é brincar de pular.” Do ponto de vista infantil, pode ser mesmo uma opção mais interessante!

Aprendizagem Criativa integrando diferentes áreas do conhecimento

AUTOR (ES): **INSTITUTO CATALISADOR, PAOLA RICCI, SIMONE LEDERMAN, RITA CAMARGO** 27 / JUL / 2016



O Instituto Catalisador é uma associação sem fins lucrativos, composta por uma equipe multidisciplinar que atua em espaços formais e não formais de educação. Nossa missão é contagiar um número significativo de educandos e

educadores que, através de experiências mão na massa orientadas para promoção de Aprendizagem Criativa, podem tornar-se sujeitos autores de seus próprios percursos e agentes de transformação individual e social. Neste vídeo, apresentamos especificamente o trabalho que realizamos no Projeto Âncora, uma escola regular de Educação Infantil e Ensino Fundamental, filantrópica, que atende crianças e jovens da rede pública de ensino do município de Cotia-SP. A atuação do Instituto Catalisador no Projeto Âncora foi iniciada a partir da participação do Catalisador na chamada pública promovida pelo Programaê (iniciativa da Fundação Lemann em parceria com a Fundação Vivo Telefônica) que selecionou projetos voltados para a criação de espaços makers em espaços educativos. Submetemos um projeto denominado Programa Ponta Pé com o objetivo de disseminar a cultura maker a partir da criação de “espaços catalisadores” em instituições de ensino, entendendo por espaço a possibilidade de abrir brechas no currículo e no tempo escolar para atividades mão na massa que possam promover Aprendizagem Criativa. O Programa Ponta Pé foi um dos selecionados pelo edital Makers Educa, e assim estabelecemos uma parceria com o Projeto Âncora para implementar esta proposta.

Inspiradas nos trabalhos desenvolvidos no Life Long Kindergarten (LLK) um dos departamentos do MIT Media Lab, a equipe do Instituto Catalisador entende Aprendizagem Criativa como uma transformação pessoal a partir da conquista de novas habilidades e conhecimentos que ocorre através do engajamento direto na realização de projetos particulares ou coletivos que sejam genuinamente relevantes para os envolvidos. Nas palavras de Resnick, diretor do LLK, traduzidas de forma livre aqui, os 4 Ps que constituem uma experiência capaz de promover Aprendizagem Criativa são:

Projetos: As pessoas aprendem melhor quando estão trabalhando ativamente em projetos que sejam significativos para elas – gerando novas ideias, criando protótipos e aperfeiçoando-os uma e outra vez.

Parcerias: O aprendizado é mais frutífero quando inserido em um contexto social, quando pessoas compartilham ideias, colaboram em projetos e quando cada um constrói a partir do trabalho do outro.

Paixão: Quando as pessoas participam de projetos que são realmente importantes para si, elas trabalham com mais dedicação, persistem frente aos desafios e aprendem mais ao longo do processo.

Pensar brincando: aprender envolve experimentação – tentar coisas novas, explorar materiais, testar fronteiras, correr riscos e fazer muitas vezes de diferentes formas.

(<http://web.media.mit.edu/~mres/papers/constructionism-2014.pdf>)

Ao longo de todo o projeto, os estudantes, motivados pelo desejo comum de construir um novo brinquedão para o parque de sua escola, participaram das propostas “mão na massa” organizadas pelas educadoras, construindo não somente ideias incríveis sobre como o brinquedo poderia ser (o que era concretizado através de protótipos/maquetes cada vez mais acurados), mas também conhecimentos geralmente contemplados no currículo escolar convencional, incluindo conceitos, procedimentos e atitudes. Por exemplo, para se familiarizarem com os guarda-corpos que seriam reutilizados, os estudantes foram instigados a medir suas dimensões primeiramente com unidades não convencionais de medidas, para depois usarem a fita métrica. Também fizemos atividades para que se apropriassem do conceito de escala e dos conceitos da representação bidimensional e tridimensional para que pudessem modelar as figuras que seriam impressas na impressora 3D. Nesse processo, aprenderam conteúdos curriculares de Matemática. Na hora de executar a construção do brinquedão definitivo e transformar em realidade o que haviam planejado no protótipo, muitos conceitos de Física e de Engenharia entraram em cena para garantir que as barras de ferro pudessem ser dispostas da forma desejada e que fossem capazes de sustentar sem caírem com o peso das crianças. O grupo formulou muitas perguntas aos arquitetos que nos apoiaram tentando desvendar como instalar de forma segura o brinquedão no terreno. Além de conteúdos de “exatas”, Artes Plásticas e Visuais fizeram parte do projeto (incluindo aspectos de Design e Arquitetura), assim como Linguagem e habilidades de comunicação. O grupo preparou uma apresentação muito relevante (em power point) para a assembléia de educadores, conselheiros e funcionários do Âncora, a fim de validar o projeto do brinca-corpo e conseguir a autorização da comunidade para realizá-lo. Ao final do processo todo, na véspera da inauguração do brinquedão, pedimos que cada membro do grupo fizessem seu próprio certificado, atestando para si mesmo o que havia aprendido. Esse foi um momento importante de apreensão das aprendizagens que havia acontecido.

Encerramos este processo certas de que a Educação Maker e a Aprendizagem Criativa são caminhos interessantes e potentes para uma

educação com mais sentido que promove autonomia, autoria, empoderamento e criatividade!

Conheça mais sobre o Instituto Catalisador e nossas ações:

www.facebook.com/institutocatalisador

www.catalisador.org.br

Como ouvir os alunos transformou uma escola pública de São Paulo

AUTOR (ES): **MARINA RIBEIRO** 19 / JUL / 2016



Uma pista de triciclos e bicicletas – com direito a pequenos guardas para controlar o trânsito – circunda uma grande horta. De um lado, um gramado com árvores e brinquedos. Do outro, pista de carrinhos e parquinho sonoro. Ao fundo, uma quadra de futebol, com assentos feitos de tocos de árvores para que torcedores acompanhem as partidas completa a área de lazer.

Parece um parque, mas não é. É neste ambiente em que os 234 alunos da Escola Municipal de Educação Infantil Dona Leopoldina, na Zona Oeste de São Paulo, brincam, aprendem e se desenvolvem. Tudo feito com a colaboração direta dos alunos de 4 e 5 anos.

Em 2012, com a troca de direção, a escola passou a ouvir as crianças ao tomar decisões relevantes para a instituição. “A escola é feita para a criança, então nada mais justo que a criança ajude a pensar essa escola que é feita para ela”, afirma a coordenadora pedagógica, Iveline Zacharias. A forma encontrada para isso foi criar o Conselho de Criança, que se reúne quinzenalmente para discutir pendências e investigar reivindicações dos estudantes.

Mensalmente, todos os alunos se reúnem em uma assembleia no refeitório da escola para tomar conhecimento dos temas que mais preocupam a escola na ocasião. “A gente só puxa o assunto para que eles comecem a pensar”, afirma a diretora Márcia Harmbach. Mesmo dividindo os alunos em dois grandes grupos é impossível ouvir a todos. Por isso, eles ficam com tarefas para desenvolver com sua turma, onde todos podem se manifestar, e registram de alguma forma o que discutiram.

Após duas semanas de trabalhos em sala de aula, munidos de desenhos, músicas ou outros registros, dois representantes de cada sala – sempre um menino e uma menina – participam de uma reunião com a direção em que todas as ideias são apresentadas e novas reivindicações podem ser feitas. Como mostra o vídeo acima, durante a reunião, todos os representantes têm oportunidade de falar e as ideias podem se tornar realidade. “As crianças vão percebendo que podem recorrer a alguém. Esperamos que eles se sintam autores do processo e que sintam que podem falar, buscar alternativas e cobrar soluções quando é necessário uma intervenção maior”, disse a diretora.

Formando cidadãos

A experiência vai além de deixar a escola com cara de criança. A intenção é formar cidadãos melhor preparados para viver dentro de uma sociedade

democrática. “Como se forma um cidadão que só estuda a cidadania no livro? Dentro de uma experiência que vai na contramão disso, em que não há canal de participação, baseada em relações autoritárias, que é o que predomina na imensa maioria das nossas escolas?”, questiona a psicóloga e mestre em Psicologia Escolar pela USP Beatriz de Paula Souza. Segundo a especialista, a democratização do ensino tem se popularizado, mas exige que a consulta aos alunos não seja somente demagógica, mas busque transformações.

Na Emei Dona Leopoldina, o protagonismo dos alunos não é vista somente no Conselho de Criança. Na hora do lanche da tarde, as crianças podem comer quando quiserem, as salas de fantasias e ateliê de artes – com muito material reciclado, canetinhas e lápis, tintas e colas – ficam destrancadas, mas não há bagunça. As crianças passaram a considerar o ambiente também como sendo de responsabilidade delas. “A gente subestima muito a capacidade das crianças. Elas sabem o que querem, o que fazer, aonde querem ir”, afirma a coordenadora pedagógica.

O aprendizado não é apenas dos estudantes, mas também dos pais. Uma das primeiras decisões do conselho foi pelo fim da soneca. Com ensino em período integral, os alunos argumentaram que não queriam ser obrigados a dormir após o almoço, como acontecia. Após a discussão, mesmo com pé atrás de pais e professores, a soneca foi abolida.

“Quando os pais sabem o que acontece na escola, eles amam o projeto. Mesmo que por vezes fiquem desesperados com as decisões, como quando decidimos que as crianças poderiam subir em árvores ou quando acabamos com a soneca . Por isso, nós levamos as discussões do Conselho de Criança para o Conselho de Pais. E depois volta para as crianças. E eles se aprendem a respeitar”, afirma a diretora da escola.

O resultado é claro. Os pais passam a dizer que as crianças são mais reivindicadoras, dialogam mais e argumentam melhor. “As crianças se apropriam da oralidade e aprendem que através do dialogo conseguem se comunicar e mostrar seus desejos”, disse a assistente de coordenação, Simone Cavalcante.

Um desses desejos é, inclusive, continuar a fazer diferença nas escolas por onde passam. Márcia lembra com carinho de um ex-aluno que veio pedir que

ela conversasse com a diretora da nova escola, já que a diretora “não conseguia resolver os problemas da escola”. “É muito gratificante, mas ao mesmo tempo ficamos até um pouco tristes, porque gostaríamos que todas as escolas tivessem o mesmo trabalho com as crianças”, afirma.

Conquistas do Conselho de Criança

Pista de caminhos:

Desenhada pelos alunos, que queriam um espaço para brincar com suas miniaturas, virou realidade após um pai ampliar a imagem e pintá-la em uma estrutura de concreto



As crianças não dormiram depois do a foi mudada, mesmo o pais e corpo docer estão satisfeitos com

Como macacos:

Com um terreno repleto de árvores, os pequenos queriam poder subir nelas. Questionados pelos adultos como não se machucariam, a resposta foi simples: "a gente sobe até onde der"



Quadra com

Os alunos buscavam jogar futebol com A falta de recurso pa estrutura foi cor desejo simples: toc já eram bons luga

Fonte: Época

Agenda da Pré-escola promove diálogo família/instituição, com participação da criança

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 19 / JUL / 2016



A Agenda da Pré-escola é um dos materiais elaborados para o Programa Nossa Rede Educação Infantil, fazendo parte do material da criança e deve acompanhá-la da instituição de Educação Infantil para casa, e da casa para a instituição. Funciona como uma mensageira, fortalecendo o diálogo entre a família e a instituição e inclui nesse fluxo a expressão da criança, possibilitando sua participação nesse diálogo. O material amplia o conhecimento das famílias sobre as crianças e os seus direitos.

A Agenda é dividida em três seções. Uma para professora/es e profissionais das instituições podem contar à família fatos ou eventos relevantes que aconteceram no dia, informar sobre passeios, reuniões, ou outra atividade que irá ocorrer e precisará do apoio familiar.

Outra sessão reservada à família, na qual é possível registrar eventos importantes que acontecem com a criança em casa. Dizer se ela sentiu dor, febre ou esteve doente. Informar, caso a criança precise se ausentar por uns dias, necessite chegar atrasada; caso a família precise de alguma ajuda ou orientação, pode solicitar à/ao professora/or agendamento de um horário.

E a seção “Para marcar o espaço da criança” disponibilizada para que as próprias contem como estão se sentindo ou o que fizeram num determinado dia, marcar o aniversário de uma amiga/o, fazer um desenho ou mandar recados para casa ou para a instituição de Educação Infantil.

O material foi elaborado coletivamente por diversos atores da Rede Municipal de Educação de Salvador para as instituições de Educação Infantil e sistematizado pela Avante – Educação e Mobilização Social, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SMED).

O que realmente pode fazer a diferença no combate à desigualdade de oportunidades entre as crianças

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 07 / JUL / 2016



Por que algumas crianças vão tão longe e outras ficam condenadas aos limites de sua inserção social? Beatriz Cardoso apresenta pontos para reflexão que podem ajudar no enfrentamento desse problema.

A presidente do Laboratório de Educação (instituição que promove nossa campanha “Toda Criança Pode Aprender”) e membro da rede de representantes da Ashoka, apresentou recentemente em um vídeo e em um artigo no jornal O Globo aspectos relevantes para pensarmos as condições necessárias para que o potencial das crianças seja desenvolvido de maneira a superar a desigualdade que impera em nossa sociedade.

Segundo ela, inúmeros fatores sociais, econômicos, culturais e familiares impactam a quantidade e a qualidade dos estímulos e informações aos quais os indivíduos estão submetidos desde pequenos.

Porém, para democratizar o acesso e a igualdade de oportunidades, só a ampliação de informações e práticas culturais qualificadas não bastam, é preciso também de interações que promovam o desenvolvimento de capacidades para ultrapassar o mero consumo de conhecimentos.

A diferença está, portanto, além da frequência, na qualidade da interação que se estabelece com os adultos e com os objetos de conhecimento.

Isto reforça um dos aspectos o que destacamos sempre aqui: o papel fundamental do adulto, que influencia o desenvolvimento infantil.

Acompanhe o vídeo, produzido pelo Instituto de Cultura e Cidadania para o programa A voz do cidadão:

Pontinhos de Leitura criam ambiente adequado para o universo infantil

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 01 / JUL / 2016



“O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.” Um dos versos mais populares do poeta mato-grossense Manoel de Barros fala sobre a importância de novos olhares diante do mundo, produzindo novas realidades. É o que tem feito o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Margarida Alves, situado na região rural do município de Olinda (PE) e participante, desde 2013 (Ciclo 2), do projeto Paralapracá, com a realização dos Pontinhos de Leitura, projeto de promoção da leitura nas casas dos alunos desenvolvido pela professora de educação infantil Roberta Barros de Oliveira, com apoio de outras professoras e da coordenadora pedagógica Terezinha Andrade.

Compostos por uma estante com 20 livros escolhidos cuidadosamente (todos adequados à faixa etária das crianças) e uma mesinha com cadeirinhas plásticas, os Pontinhos de Leitura são espaços de leitura montados em algumas casas das crianças que frequentam o CMEI. Uma delas com dificuldade de acesso cotidiano à instituição, por problema de saúde. A proposta inicial é que os Pontinhos de Leitura funcionem por três meses em cada residência, promovendo um rodízio entre as famílias.

Como surgiu

Desde o ano passado, a professora Roberta Barros de Oliveira vinha realizando uma iniciativa de leitura itinerante, a Mala da Leitura, levando livros para as casas das crianças. Com as visitas às residências, foram identificados problemas com relação ao acesso à leitura. Percebeu-se a ausência quase generalizada de espaços de exposição de livros, como estantes, por exemplo, e de acesso aos materiais de leitura, adaptados aos interesses das crianças. Em outras palavras, ainda que os livros fossem emprestados da Mala da Leitura, não havia um espaço apropriado, os livros não ficavam visíveis para o restante da família, além de faltarem estímulos para a leitura compartilhada.

Os Pontinhos de Leitura surgem, então, para superar esse entrave. “No CMEI temos avançado muito. Buscamos desenvolver atividades lúdicas, trazendo o mundo encantado das histórias infantis, resgatando brincadeiras e incentivando a relação entre família e a instituição. Nosso desafio diário, porém, é fazer com que nossa ação possa ter continuidade nas casas das crianças, o que tem se mostrado muito difícil devido às péssimas condições de moradias. Nas casas não existem livros, muito menos um lugar apropriado para o hábito da leitura. No CMEI acompanhamos o desenvolvimento rápido e os olhinhos brilhantes folheando os livros, e vemos este interesse sendo mutilado pela dureza da vida e pelo descaso”, explica a professora Roberta.

Novos Pontinhos

As crianças atendidas têm entre 1 e 5 anos de idade, moram em uma área de grande vulnerabilidade social, na zona rural de Olinda, e vivem próximas ao aterro sanitário de Peixinhos (antigo lixão). Com a implantação do projeto, o desejo das professoras e da coordenadora pedagógica é de que os Pontinhos de Leitura priorizem o maior número possível de crianças em cada comunidade. Para garantir a sustentabilidade do projeto, o CMEI Margarida Alves tem contado com a ajuda da ONG Somos Professores, que doou livros de literatura de qualidade.

O material utilizado nos Pontinhos de Leitura pertence à instituição e será cedido temporariamente aos pais ou responsáveis, que devem assinar um termo de compromisso para zelar pelo material e participar do rodízio. Todo o processo foi explicado detalhadamente numa reunião de familiares e responsáveis pelas crianças, muitos já bem informados por terem

acompanhado a atividade da Mala da Leitura. A cada momento de encontro, seja no CMEI ou na residência, as professoras conversam com as famílias para sensibilizá-las e estimular os adultos a serem mediadores do processo de promoção da leitura em suas casas.

Feira de Santana promove valorização do brincar e ressoa formação do Paralapracá

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 30 / JUN / 2016



Quando se observa uma criança brincando, a simplicidade com que acontece, nem sempre é compreensível o quanto a brincadeira é necessária para o desenvolvimento humano. Falando assim, parece mesmo “brincadeira”, como se fosse banal, sem propósito. Já parou para pensar nas habilidades que estão sendo construídas ali, no instante de cada movimento? Na motricidade, na percepção sensorial, na expressão, na aprendizagem? Em como ser e estar no mundo, na relação com o outro?

Muitas vezes as pessoas ignoram o brincar, até mesmo mães, pais, familiares, educadores e instituições de educação infantil, e se esquecem do quanto é fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Não é o caso do município baiano de Feira de Santana, que realizou pela primeira vez

o Dia B – Dia do Brincar, com o intuito de contribuir para o aumento da sensibilização e da consciência sobre a importância do brincar na infância.

O evento, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana (Seduc), teve a participação de 157 instituições, entre públicas e privadas, com atividades em espaços privados e públicos (praças, ruas, ginásios e parques). Das 157 participantes, 15 também integraram o projeto Paralapraca, estabelecido em aliança com a Seduc entre 2010 e 2012 (ciclo I), o que mostra a ressonância que as formações têm ainda hoje, mesmo depois de quatro anos.

O projeto Paralapraca é uma iniciativa do Programa Educação Infantil do Instituto C&A em parceria técnica com a Avante – Educação e Mobilização Social, com foco na formação de formadores, tanto no âmbito das secretarias municipais de Educação quanto nas instituições de educação infantil, que visa contribuir para a melhoria da qualidade do atendimento às crianças que frequentam instituições de educação infantil, com vistas ao seu desenvolvimento integral.

Dia B em consonância com o Paralapraca

A técnica da Divisão Infantil da Seduc, Darlene Lima, destaca que o eixo Assim se Brinca foi um dos mais marcantes das formações do Paralapraca e que, a partir dele, o brincar foi instituído como elemento fundamental da rotina da educação infantil do município. “A todo momento de preparação para o Dia B, retomamos as discussões do projeto Paralapraca, onde o jogo simbólico, a brincadeira livre e a brincadeira dirigida, elementos essenciais para o desenvolvimento integral da criança, foram centro do planejamento das atividades.”

O projeto também foi lembrado pela coordenadora pedagógica da Escola Municipal Anízio Pereira Bernardes, Mônica Andrade. “O Paralapraca, no processo de formação da gente, foi muito significativo. Nós conseguimos realizar mudanças bastante significativas em nossa prática, nas nossas rotinas. Inclusive nós mantemos até hoje um projeto de música, que é ressignificado a cada ano, que é melhorado, ampliado. O projeto de artes, a nossa mostra de artes, a organização do espaço. Em tudo, o Paralapraca contribuiu bastante.”

Além da Escola Municipal Anízio Pereira Bernardes, quem também participou do Paralapraca e esteve no Dia B foram o CMEI Professor José Raimundo Pereira de Azevedo, a Pré-Escola Municipal Professora Dalva Suzart Gomes, a Pré-Escola Municipal Judite Alencar Marinho, o CMEI Manoel de Cristo Planzo, a Pré-Escola Municipal José Martins Rios, a Pré-Escola Municipal Pequena Tamy, o CMEI Maternal Menino Jesus, a Pré-Escola Municipal João Serafim de Lima, a Pré-Escola Municipal Professora Alda Marques, a Pré-Escola Municipal Cristo da Vera Cruz, a Pré-Escola Municipal Marina de Carvalho, o CMEI Coriolano Farias de Carvalho, o CMEI Amparo às Crianças e a Pré-Escola Municipal Novo Horizonte.

Valorização do brincar

As atividades tiveram uma repercussão tão positiva, que já se pensa em organizar outras ações similares, como explica a coordenadora pedagógica do CMEI Anízio Pereira Bernardes, Mônica Andrade. “O fato de levar a criança para este outro espaço, com mais regularidade, amplia as possibilidades que as crianças têm de brincar. A gente está com a proposta de que aconteça uma vez por mês.” E certamente vai agradar a Carlos Antonio Bispo, 6 anos, estudante do grupo 5 na mesma escola, que aproveitou bastante o Dia B. “Gostei de tudo, a gente só brincava dentro da escola e hoje a gente tá brincando fora da escola!”

A iniciativa de realizar pela primeira vez o Dia B – Dia do Brincar no município de Feira de Santana, no último dia 31 de maio, é uma mostra de como o brincar tem ganhado importância em outros setores da sociedade, buscando incluir novos atores e fazer com que a sociedade compreenda que a infância é uma responsabilidade de todos.

O Dia B faz parte da semana comemorativa ao Dia Internacional do Brincar (28 de maio), que celebra o artigo 31º da Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas, reforçando que brincar é um direito da criança. Este dia tem o intuito de lembrar que o brincar é uma fonte inesgotável de alegria, uma atividade fundamental para o desenvolvimento do ser humano, essencial para a saúde física e mental.

Sem provas ou divisão por disciplinas, escola promove educação holística

AUTOR (ES): **MARINA LOPES** 23 / JUN / 2016



Nada de provas, carteiras enfileiradas, currículo organizado por disciplinas ou divisão por séries. Na Wish Bilingual School, localizada no Jardim Anália Franco, zona leste de São Paulo, o bilinguismo está longe de ser o seu maior diferencial. Para estimular o desenvolvimento integral dos alunos, a escola passou a valorizar a educação holística como uma estratégia central do seu projeto pedagógico.

Voltada para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, a escola tem pouco mais de cem alunos e trabalha com a metodologia de projetos para incentivar que eles construam conhecimentos a partir dos seus interesses. A proposta é pautada por diferentes aspectos que envolvem corpo, mente, espírito, autoconhecimento, relação com o mundo e com os outros.

Por lá, tudo pode ser tema de pesquisa, desde o nascimento dos bebês até a história da paquistanesa Malala. A aluna Lara Muniz, 9, do 4º ano, por exemplo, está estudando as florestas para construir uma maquete da natureza. “A gente pode fazer tudo o que quiser. Tudo está ao nosso alcance”, conta a menina, que está na Wish há dois anos e meio. Diferente da sua antiga escola, onde precisava “escrever de cara na lousa”, por meio das investigações ela diz aprender brincando. “Você vai fazendo o seu projeto e do nada percebe que usou matemática para calcular quantos centímetros de uma papel vai precisar”, exemplifica.



Wish

Embora hoje os projetos tenham origem na curiosidade dos estudantes, nem sempre foi assim. Quando a escola surgiu em 2008, o formato era diferente. “O projeto tinha uma existência prévia. Eu tinha o projeto dos dinossauros para as crianças de três anos. Antes de qualquer criança de três anos chegar, o projeto já estava montado com começo, meio e fim”, relembra a diretora e fundadora Andressa Lutiano.

Após trabalhar por anos como professora de inglês, Andressa decidiu começar uma escola bilíngue quando estava procurando um local para matricular a sua filha, que na época tinha dois anos. E apesar de oferecer um

ensino em duas línguas simultâneas, a Wish nasceu com uma proposta tradicional. No final de 2012, entretanto, após participar de uma viagem para conhecer escolas inovadoras na Espanha, Dinamarca e Reino Unido, a diretora voltou motivada a colocar em prática o que tinha visto.

Aos poucos, começaram a surgir as transformações. Mudança de currículo, mudança de tempo, mudança de avaliação e mudança de espaços. O trabalho teve início com a formação da equipe e logo também teve que dar conta de explicar o novo modelo aos pais. “Em um primeiro momento a gente perdeu uns 20 alunos”, recorda.



Wish

Para explicar que as crianças não iriam mais fazer provas e não teriam aulas divididas por disciplinas, entre outras coisas, a solução foi trazer os pais para dentro da escola. Também começaram a ser enviados muitos materiais para casa, incluindo vídeos e leituras sobre novos modelos educacionais.

Reconhecida pelo MEC (Ministério da Educação) entre as 178 instituições educacionais brasileiras inovadoras, hoje a escola também conta com turmas multietárias. Com exceção do primeiro ano, alunos do 2º e 3º ano ou 4º e 5º ano desenvolvem atividades em conjunto. Cada sala tem em torno de 20

alunos e conta com uma dupla de professores. “Dá mais trabalho porque a gente tem que ir atrás de material. Mesmo a avaliação, não é só dar uma prova para saber o que está certo e o que está errado”, diz a professora Marina Gadioli, responsável pelas atividades de artes.



Wish

Como os alunos não fazem provas, a avaliação é feita por meio de observações e acompanhamento contínuo dos professores. Tudo fica registrado na plataforma Gold, que traz ferramentas para acompanhamento dos alunos e apresenta diferentes expectativas de aprendizagem a serem atingidas. “Cada um tem um ritmo de fazer sua atividade. A gente vai observando, registrando e acompanhando. Eles fazem tudo ao mesmo tempo, mas aqueles que têm dificuldade sempre pedem ajuda”, explica a professora Angela Graziela Fagá, que acompanha alunos do 2° e 3° ano.

Seguindo a proposta de que as crianças aprendam em ritmos diferentes e persigam suas motivações, a semana escolar tem início com a organização da agenda individual. Os alunos sentam com os professores e fazem um planejamento, que intercala momentos de livre exploração, acompanhamento individual, atendimento em pequenos grupos e períodos que envolvem toda a

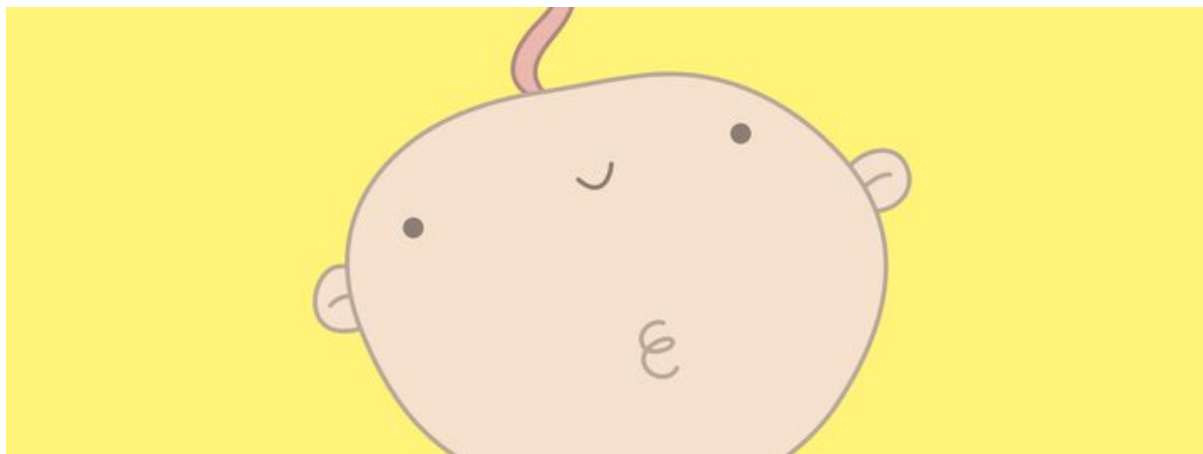
classe. “A gente brinca, faz lição, projetos e várias coisas”, conta o aluno Rafael Poiate, 9, do 4º ano.

No futuro, a ideia também é retirar as paredes. A escola já está com o projeto de mudança para um novo espaço, que contará com móveis e divisórias que se movimentam para criar pequenas salas ou um grande galpão.

Fonte: Porvir

Aplicativos que traduzem o choro do bebê: ajuda ou problema?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 01 / JUN / 2016



Talvez você já conheça alguns aplicativos que traduzem o significado do choro do bebê. À primeira vista isso parece um facilitador na vida dos pais, mas será mesmo que essa é uma boa ideia?

Ter filhos, cuidar e educar não é nada fácil. Especialmente quando são pequenos. Noites mal dormidas, preocupações constantes, experiências novas, cansaço, falta de tempo... Assumir as funções materna ou paterna apresenta muitos desafios. Uma dessas situações desafiadoras é a dificuldade em compreender o choro do bebê pequeno. Seria fome? Sono?

Cólica? Fralda suja? Até que seja descoberto o incômodo da criança para poder ajudá-la, há um período de angústia dos pais, que tentam de diversas formas suprir aquela demanda sem sucesso. Foi no sentido de auxiliar as famílias que surgiram aplicativos como o Baby Cry Translator, o Baby Translate e o Infant Cry Translator, que possuem a função de traduzir o choro do bebê sem que seja necessário passar por toda a experiência de tentativas e erros. Mas será que de fato isso é algo bom?

Certamente não há uma única resposta para essa pergunta. Porém, nossa proposta é instigar algumas reflexões sobre o assunto. Vamos pensar juntos: o que acontece quando o bebê chora e os pais precisam compreender o que ele está querendo dizer? Primeiramente, haverá uma observação atenta da criança e a tentativa de encontrar sinais em sua expressão que deem pistas do que está acontecendo. Esse é um momento de intimidade entre o cuidador e a criança: ambos procuram formas de se comunicar por meio do olhar, do corpo, da voz... A partir da repetição dessa situação, cria-se um repertório comum entre o filho e os pais, e isso fará com que se possa compreender mais rapidamente o desconforto em questão e a maneira de acolhê-lo. Esse é o primeiro passo no estabelecimento de uma proximidade com o bebê, que pode dar bases para a construção de uma relação afetiva e de compreensão mútua. Utilizar um mediador tecnológico para traduzir o que o bebê precisa acaba reduzindo esses ricos momentos de troca entre ele e os cuidadores.

Além disso, até que seja descoberta a necessidade do bebê, ele passa por alguns momentos breves de frustração. Seu desconforto não é imediatamente resolvido, o que é importante para que haja certa tolerância na relação com os pais, pois esta não será construída apenas por vivências de concordância e entendimento, mas também por desencontros. Essas pequenas diferenças entre o que o bebê comunica e o que os pais entendem levarão a uma gradual compreensão de que cada um terá sua maneira particular de vivenciar as situações e de comunicá-las, sinalizando as diferenças que fazem parte de qualquer relação.

As soluções que facilitam num primeiro momento, às vezes podem tornar as coisas mais complicadas quando as analisamos de forma mais apurada. Será que é o caso dos aplicativos tradutores de choro? O que você pensa sobre isso após a leitura do post? Nós, do Toda Criança Pode Aprender, deixamos uma sugestão: vale a pena enfrentar os momentos de angústia que fazem

parte de conhecer seu bebê. Esse processo pode trazer algumas dificuldades, mas é extremamente compensador!

A importância do ritmo na educação

AUTOR (ES): **RENATE KELLER** 07 / JUN / 2016



Quando pensamos em educação integral, devemos sempre ter em mente a vida inteira do ser humano. A forma como trabalhamos com crianças, os conteúdos que ensinamos a elas, a qualidade da relação que estabelecemos, tudo isto influencia as suas vidas inteiras. Para deixar isto mais claro, gostaria de fazer uma comparação entre a criança na primeira infância e o ser humano idoso.

As Forças Vitais no Ser Humano e na Natureza

Fisicamente podemos observar que todas as formas do corpinho da criança tendem para o redondo: os bracinhos cheios de gordura, as perninhas, a barriga e logicamente a cabeça. A sua pele é rosada e macia. O rostinho pouco definido (crianças pequenas se parecem bastante entre elas), olhos brilhantes. Por sua vez o idoso é cheio de cantos. O esqueleto aparece debaixo da pele por toda parte, mesmo na pessoa gorda, pois a gordura se acumula seguindo as leis da gravidade. A pele é pálida, enrugada e manchada. O rosto é bem marcante, expressando o curso de sua vida, inconfundível. Seus movimentos são lentos, as vezes inseguros, o corpo dói frequentemente e ele gosta mais de ficar sentado.

A criança já se movimenta o tempo inteiro, cheia de energia. Seu corpo é maleável e quando cai, não se machuca gravemente. Os machucados saram rapidamente. Quando uma pessoa idosa cai, quebra facilmente os ossos, e eles demoram para sarar. O idoso tem uma vida anímica muito intensa. Ele carrega na sua memória toda a sua biografia. Tem mil experiências, pensa sobre as coisas, tem muita consciência. Tudo isto é transformado na sabedoria que apreciamos tanto em pessoas idosas. A criança não. A sua atividade anímica é congruente com o físico. Tudo é movimento e ainda não há espaço interno maduro para uma vida anímica independente. Nos não nos lembramos dos primeiros anos de vida. Estamos completamente inconscientes.

O que é isto que deixa a criança inconsciente, que faz com que ela se movimente tanto, que deixa o seu corpinho redondinho, fofinho e corado?

São as forças vitais que trabalham ainda na formação física da criança, que plasmam seus órgãos e deixam ela crescer. Ganhamos no começo de nossas vidas um grande pacote destas forças de presente. Até aos sete anos de idade, quando a criança troca os dentes de leite, elas são direcionadas para dentro do corpo, para a sua formação. Depois parte destas forças vitais, criativas, são liberadas para a vida anímica (memória, pensar, sentir) da criança e somente parte delas ainda continuam proporcionando o crescimento e a formação física até os 21 anos de idade.

A partir dos sete anos podemos nos lembrar das coisas e com isto podemos aprender conscientemente, ir à escola. Mas percebemos também, que aprender cansa. Estudar, principalmente se for de forma intelectualizada, seca, desconectada da vida, desgasta as forças vitais e rouba mais do corpo do que ele nos coloca a disposição. Assim podemos compreender, porque a pessoa idosa tem pouca vitalidade. O desenvolvimento de sua vida anímica, de seus pensamentos, da sua consciência desgastou ao longo de sua vida as forças vitais, alias só é possível quando há forças vitais que podem ser gastas. Quanto mais existe consciência, atividade intelectual, experiência de vida tanto menos existe força vital. Este processo leva até a morte.

Como pais e educadores podemos nos perguntar agora: o que podemos fazer nos primeiros três setênios, e principalmente na primeira infância, para proteger e fortalecer estas forças vitais, para que elas possam manter o corpo saudável durante a vida toda e propiciar pensamentos vivos, criativos, para que tornemo-nos pessoas adultas e idosas conscientes, porem flexíveis, animados, com força juvenil?

Se olharmos na natureza ao nosso redor, percebemos estas forças principalmente nas plantas. As plantas crescem, formam brotos, folhas, flores, frutos e sementes num eterno circulo de vida. Tudo isto acontece ritmicamente: no ritmo imperceptível da respiração, da fotossíntese, no ritmo do dia e da noite, do mês através da influência da lua, e do ano, das estações, através da influência do sol. As formas das plantas são uma imagem deste ritmo, o movimento que expande e contrai. Antes de cada novo broto (expansão), se forma um nó (concentração), cada nova planta nasce de uma semente.

Nos seres humanos percebemos o quanto as forças vitais dependem de ritmo na respiração. A respiração é a base da vida, seu início e seu fim. Quando a criança nasce, ela inspira, quando o idoso morre, ele expira. Vivenciamos estes dois elementos da respiração como contração e expansão. Na inspiração sentimo-nos contraídos, tensos, puxamos o ar para dentro de nós. Na expiração sentimo-nos aliviados, soltamos o ar para o mundo, expandimo-nos. A mesma coisa podemos observar no ritmo do dia e da noite, de vigília e sono. De dia estamos acordados, conscientes, agimos, sentimos, pensamos. De noite dormimos, estamos inconscientes. De dia, acordados gastamos as nossas forças vitais e ficamos cansados, com sono. De noite,

dormindo recuperamo-nos, bebemos da fonte da vida, na inconsciência, e acordamos com novas forças.

O Ritmo na Educação Infantil

Assim tudo que é vivo depende de ritmo. A vida para poder acontecer precisa do ritmo de respiração, do ritmo do dia e noite, das estações do ano. Quando falta ritmo, p.e. colocamos uma planta no escuro por vários dias, ela morre. Quando nós não dormimos ficamos doentes e morremos. Se nos queremos proteger e fortalecer as forças vitais nas crianças, precisamos organizar a sua vida ritmicamente.

Vamos começar pelo bebê. Durante a gravidez o bebê viveu o ritmo da mãe. Quando a mãe dorme o bebê dorme, quando ela está acordada ele também fica num estado onde os sons, as emoções da mãe durante o dia chegam até ele. Ele recebe a alimentação através do organismo da mãe no ritmo que ela se alimenta.

Agora ele nasceu e respira o ar do mundo. O cordão umbilical foi cortado e a circulação sanguínea começa acontecer independentemente do organismo da mãe. Nos primeiros dias e semanas mãe e bebê devem encontrar seu ritmo de amamentação e sono. Isto requer um diálogo íntimo entre os dois. A mãe deve dar o peito quando a criança está com fome, mas deve perceber também quando a criança chora por outros motivos, como p.e. porque está com xixi, ou a roupa está incomodando, ou está com cólica. Só se ela procurar solucionar estes incômodos adequadamente ela encontrará um ritmo saudável de amamentação. Se ela usar o peito para consolar a criança a qualquer momento a relação se tornará tensa e estressante, pois o bebê não se sentirá compreendido e chorará mais e a mãe poderá ficar com o bico do seio inflamado de tanto oferecer o peito sem a criança estar realmente com fome. No começo o bebê dorme a maior parte do tempo. Aos poucos durante o primeiro ano de vida ele fica cada vez mais tempo acordado. Devemos encontrar um ritmo saudável entre estes momentos do brincar, quando o bebê poderá ficar sozinho no berço (mãe ou educadora sempre por perto, numa distância visível) e mais tarde num espaço preparado no chão e onde ele descobre aos poucos o seu corpinho e os seus movimentos, e os momentos do cuidar e de amamentar, onde o bebê dialoga com a mãe ou

educadora e se alimenta tanto fisicamente como animicamente fortalecendo o vínculo afetivo com a pessoa de confiança.

Este ritmo entre brincar e cuidar, entre dia e noite que se estabelece durante o primeiro ano de vida fortalece a confiança que a criança tem no mundo. A confiança que a fome será saciada, que outras necessidades físicas serão atendidas, que o adulto tem tempo suficiente para dialogar e criar laços afetivos com o bebê, que ele o entende cada vez mais e que ele nunca ficará sozinho.

A partir do fim do primeiro ano de vida a criança começa a ter cada vez mais prazer em brincadeiras rítmicas.

- Cadê o Pedrinho? Perguntamos, cobrindo a cabecinha do bebê com uma fralda. “O Pedrinho está aqui” respondemos, tirando a fralda e o bebê responde com uma gargalhada. Isto podemos repetir inúmeras vezes causando grande alegria na criança. Mais tarde o bebê mesmo se esconde e nós o achamos, ou vice versa, sempre acompanhado com as palavras: “cadê a Mariana? ... “achou!”

Ou: serra, serra serrador, quantas tábuas já serrou? Já serrei 24, 1,2,3,4.

Cantando e balançando a criança para lá, para cá.

Este tipo de brincadeira é como uma massagem na respiração. Ele reforça a vivência de concentração (silêncio, expectativa) e expansão (gargalhada, relaxamento).

Agora a criança já deve dormir a noite inteira, aprox. 12 horas seguidas.

Quanto mais nós consigamos que este sono acompanhe o ritmo da natureza, mais reparador, sanador, saudável ele será. Devemos imaginar que a natureza como um todo respira no ritmo do dia e noite. Os passarinhos cantam ao entardecer e procuram um lugar para dormir. Muitas plantas fecham suas flores quando o sol se põe e ao amanhecer nova vida surge em toda a natureza. A criança que acompanha este ritmo fortalecerá a sua saúde.

Por volta dos três anos de idade a criança tem a primeira vivência mais consciente do seu eu. Temos as primeiras lembranças da nossa infância por volta deste momento. No desenho a criança abandona a garatuja e desenha

o primeiro círculo, tomando muito cuidado que ele se feche. Depois coloca um ponto dentro, como se ela quisesse dizer: aqui estou eu, dentro da minha casinha (do meu corpo). As moleiras se fecharam e o cérebro atingiu um certo grau de amadurecimento. A partir deste momento, a criança consegue se perceber como algo separado do mundo, e consegue se relacionar com este mundo em volta de forma mais consciente. Seria este o momento ideal, quando a criança deve entrar num jardim de infância, pois só então ela consegue se relacionar com um grupo de crianças.

Porém em tudo que fazemos num jardim de infância devemos levar em conta que a criança ainda está construindo o seu corpo físico, necessitando para isto de todas as suas forças vitais. Um ritmo saudável deve permear o dia, a semana, o mês e o ano.

O dia deve ser permeado por uma respiração tranquila entre momentos de concentração e expansão. Os momentos de concentração, como por exemplo contar uma estória, fazer uma roda sempre devem ser mais curtos, do que os de expansão, que são: brincar e “trabalhar”, arrumar, brincar no jardim etc. Cada dia deve ter o mesmo ritmo, quer dizer a mesma seqüência de atividades. Isto traz uma segurança muito grande para a criança. Ela pode relaxar e se entregar a este ritmo. O ritmo a carrega durante o dia. Nada pode acontecer. Ela pode como assim dizer, “dormir”. As forças vitais podem se dedicar exclusivamente à construção do corpo, ao fortalecimento da saúde da criança.

Um outro ritmo é o ritmo semanal. Ele se dá automaticamente pelo fim de semana, onde a criança está em casa, e os dias da semana quando ela vai para o Jardim. O domingo deve ser um dia especial, um dia de festa e agradecimento da semana, de reunião da família. Mesmo se a família não frequenta nenhuma igreja, ela pode elevar o domingo através de um café da manhã especial, uma toalha de mesa diferente, um enfeite, uma canção, um passeio etc.

No Jardim da infância fazemos uma atividade especial a cada dia. P.e. quando brincamos livremente dentro da sala, pode oferecer ao mesmo tempo o trabalho do dia: às segundas-feiras modelagem com cera de abelha, na terça-feira fazer pão, na quarta-feira aquarela, na quinta-feira cozinhar, na sexta-feira trabalhos manuais. Assim cada dia ganha uma característica e as

crianças podem vivenciar o ritmo da semana, primeiro inconscientemente e conforme que elas vão crescendo cada vez mais conscientemente.

O mês é caracterizado pela época e pela roda. O conteúdo da roda da época deve acompanhar o desenvolvimento da natureza durante o ano e as festas cristãs. No Ceará temos, por exemplo, a época da chuva, a época da seca e a época da colheita do caju. Podemos eleger estes temas para a nossa roda. A roda é uma forma lúdica-artística, composta por versos, canções faladas/cantadas e acompanhadas por gestos. Todo mundo fala e canta juntos. Não é um teatro que ensaiamos com as crianças, mas uma vivência que se repete todos os dias. No final da época, todas as crianças decoraram a roda naturalmente.

As festas cristãs ocupam um lugar muito importante no ritmo do ano. Temos o Natal no verão (no início das chuvas no Ceará) onde celebramos o nascimento do menino Jesus e aquilo que ele trouxe como mensagem renovadora ao mundo: a solidariedade, amor ao próximo, perdão, união da família, respeito à natureza, paz. É necessário que aprofundemos estes conteúdos e traduzimo-os para as crianças em imagens, combatendo a vulgarização e banalização dos mesmos pelo comércio ganancioso da nossa época.

Seis meses antes, em junho temos as festas juninas, onde o elemento principal é o fogo. O fogo purifica, aquece, ilumina. Podemos fazer uma grande faxina com as crianças e colocar no fogo aquilo que não presta, como imagem para a purificação que São João praticou através do batismo no Rio Jordão. Temos as danças típicas, comidas, enfeites. São João é uma festa da comunidade, não da família como Natal.

No outono temos a Páscoa, onde celebramos a morte e ressurreição de Cristo. Quais imagens podemos encontrar na natureza que mostram esta transformação? Em cada semente a vida se encontra num estado de quase morte, mas quando ela é colocada no solo, nova vida brota dela. Assim também podemos entender o símbolo do Ovo da Páscoa. O ovo é o início de uma nova vida. Mas a imagem mais bonita é a da lagarta que adormece no casulo e depois se transforma em borboleta. Podemos na Páscoa inventar uma roda com este conteúdo e as crianças vão vivenciar esta transformação todos os dias durante um mês. Assim fortalecemos a sua confiança que a

morte nunca é um ponto final, mas sempre uma passagem para um outro estágio de vida.

Na primavera, dia 29 de setembro é o dia de São Miguel Arcanjo, ou São Micael. Em muitas regiões não se conhece esta festa e ela realmente ainda não é uma tradição como as outras três. Mas acreditamos que São Micael que domina o dragão é uma realidade da nossa época e que a luta entre as forças do bem e do mal sentimos diariamente na nossa pele. Esta luta acontece principalmente dentro de nós, quando p.e. precisamos de coragem para expressar a nossa opinião, para não encobrir uma fraqueza nossa com uma mentira, quando temos que lutar contra a nossa preguiça, contra a nossa indiferença etc. Podemos ajudar muito as crianças, principalmente aquelas que moram em favelas, em ambientes de violência, quando procuramos uma forma de celebrar esta festa e trazer a imagem do príncipe que vence o dragão e salva a princesa com a ajuda de São Miguel Arcanjo. Com crianças maiores, além de contar histórias com conteúdos micaélicos podemos fazer provas de coragem.

O Sistema Rítmico na Organização do Ser Humano

Para finalizar gostaria de olhar ainda para o sistema rítmico como parte integrante da organização do ser humano e como esta organização se desenvolve durante a infância até a idade adulta.

Quando observamos o corpo humano podemos encontrar nele dois polos: a cabeça e os membros. A cabeça é redonda e os ossos do crânio se fecham firmemente envolta do cérebro que “nada” num líquido. Existem orifícios que abrigam alguns órgãos de sentido. A partir do cérebro se expande e se ramifica o sistema neuro-sensorial pelo corpo todo. O cérebro não tem cor, a sua temperatura é fria, as células nervosas são quase mortas. Elas precisam ser alimentadas constantemente com oxigênio para não morrerem definitivamente. Quando machucamos num acidente parte do cérebro, este não se regenera. Isto nos mostra a falta de vitalidade do sistema neuro-sensorial.

Porque isto é assim? Percebemos no início que aonde tem muita vitalidade (na primeira infância) tem pouca consciência e quanto menos tem vitalidade, mais consciência pode se desenvolver (no idoso).

O sistema neuro-sensorial é o instrumento físico para a nossa atividade anímica: o pensar, e a nossa atividade pensante desenvolve em nós a consciência acordada. Quando pensamos, precisamos de concentração, de silêncio, de um quatinho isolado. Não conseguimos pensar no meio da agitação, quando estamos envolvidos na ação. Precisamos de um certo afastamento, esfriar a cabeça. Temos esta possibilidade pelo fato que o cérebro se encontra afastado, protegido do mundo externo pelo crânio. E pelo fato dele não participar do movimento, da ação dos membros. A cabeça em repouso pode permanecer como observador mesmo quando os membros se movimentam.

O outro polo mencionado acima, os membros, tem a forma oposta da cabeça: os membros são alongados, irradiando para baixo (pernas) e ao entorno (braços). Neles os ossos se localizam no meio, sustentando internamente a forma, sendo envolvidos pelos músculos, os órgãos do movimento. Chamamos este sistema o metabólico-motor. Isto significa que os órgãos responsáveis pelo nosso metabolismo (digestão) fazem parte deste polo. Como os músculos, estes órgãos estão em constante movimento e transformam os alimentos, vindos do mundo, para a sua absorção pelo organismo humano. Para termos uma imagem completa deste sistema podemos olhar para o homem que planta, colhe, cozinha com os músculos de seus membros e que mastiga, engole, digere através dos órgãos metabólicos. Por isto damos o duplo nome: metabólico-motor. O órgão central deste sistema é o fígado. Ele é vermelho, quente, cheio de líquidos e altamente regenerável. Podemos tirar $\frac{3}{4}$ deste órgão numa cirurgia e ele se recuperará inteiramente. A partir do abdome este sistema se espalha também para o corpo inteiro. Ele é o instrumento físico para a nossa atividade anímica: agir (ou “querer”). Quando nós agimos, estamos unidos com o mundo ao nosso redor, transformamos, estamos num estado de expansão. O movimento nos aquece. É o oposto do pensar que só pode acontecer em absoluta quietude, com distância dos fatos e com cabeça fria, num estado de concentração. Quando agimos somos “criança”, quando pensamos somos “idoso”.

No meio destes dois opostos se encontra o nosso sistema rítmico. Dele fazem parte o pulmão e o coração com toda a circulação sanguínea. O pulmão tem a forma de uma árvore de ponta cabeça: a faringe, os brônquios que se dividem em ramos cada vez mais finos, até as auréolas que são como folhas

que absorvem o gás carbônico das veias sanguíneas e devolvem para elas o oxigênio. Através dos pulmões inspiramos o ar, que, graças às plantas, se encontra cheio de oxigênio, e expiramos o ar carregado com gás carbônico. O oxigênio é recebido pelos vasos sanguíneos, levado ao coração e a partir dele corre nas artérias para todas as partes do corpo que necessitam desta energia. Quando nos pensamos concentradamente o nosso cérebro precisa de muito oxigênio e é atendido prontamente pela circulação. Depois de um farto almoço, o nosso aparelho digestivo precisa desta energia e também recebe-a de acordo. Tudo neste sistema acontece ritmicamente. Isto significa um permanente vai-vem entre os polos concentração e expansão.

O poeta alemão Johann Wolfgang Goethe expressou a natureza deste sistema de forma muito bonita nesta poesia:

Ao respirar
Duas graças podem se encontrar
Inspirar o ar
E dele se livrar.
Inspirar constrange
E expirar refresca
Assim é feito da vida uma mescla
Agradece a Deus, quando te aperta
E agradece-o quando novamente te liberta.

Observamos as formas do nosso esqueleto na região do tórax, onde se localizam os órgãos do sistema rítmico encontramos a coluna com suas vértebras e as costelas. São formas intermediárias entre a esfera da cabeça e as formas alongadas dos membros. Quanto mais perto da cabeça, mas os ossos se arredondam, quanto mais perto do ventre mais eles se abrem. É uma imagem física do ritmo.

O sistema rítmico é a base física para a nossa atividade anímica: sentir. Sentimos também em opostos: alegria-tristeza, amor-ódio, quente-frio, simpatia-antipatia. Percebemos assim que o sentir se movimenta entre estes dois polos, entre expansão e concentração. Quando eu me aproximo p.e. de uma pessoa que ainda não conheço surge uma vibração rítmica entre mim e ela, como uma “percepção tateadora” e dali surge o sentimento: simpatia ou

antipatia. Na simpatia eu me expando e vou ao encontro da pessoa, na antipatia eu me fecho e me afasto da mesma.

Assim podemos perceber, como através do ritmo podemos unir os polos concentração e expansão e como o sentir faz a ponte entre pensar e agir. Se nós pensamos sobre o mundo e não surgirem sentimentos em relação a estes pensamentos, não chegamos à ação. Quando nós observamos, por exemplo, um cano quebrado da Sabesp na rua e a água jorrando por todos os lados, podemos pensar que isto é um desperdício e que precisa ser concertado. Mas se este pensamento não suscita em mim um sentimento forte de indignação à respeito deste desperdício, jamais vou ter a força de vontade de ligar para a Sabesp e solicitar o concerto.

Como se desenvolvem estes três sistemas?

Os três sistemas: neuro-sensorial, rítmico e metabólico-motor se desenvolvem de formas específicas em cada fase do desenvolvimento da criança e do jovem.

Nos primeiros sete anos se desenvolve principalmente o sistema neuro-sensorial. O cérebro, os órgãos de sentido e todo o sistema nervoso estão prontos aos sete anos. Quanto mais perfeito este sistema se forma, tanto melhor a criança, a partir desta idade pode aprender. É interessante que o sistema neuro-sensorial se forma na fase em que a criança mais se movimenta, na qual ela vive com intensidade no agir. Hoje a neurociência comprova que quanto mais a criança brinca, movimentando o seu corpo, mais sinapses se formam, isto é: melhor se desenvolve o cérebro. Outra condição fundamental para isto é a ligação profunda e estável com um adulto, ausência de situações de estresse, tranquilidade e segurança e boa alimentação. Não devemos usar este instrumento antes que ele esteja totalmente pronto. Assim como também não usamos uma enxada, antes que ela esteja forjada. No nosso caso isto significa que antes dos sete anos não devemos levar a criança ao aprendizado intelectual, mas proporcionar o movimento a partir da imitação, estimular o brincar, a fantasia e o desenvolvimento da linguagem com poesias e estórias. A criança deve ter a sensação inconsciente: o mundo é bom.

No segundo setênio (de 7 aos 14 anos) se desenvolve principalmente o sistema rítmico. Aos onze anos se estabiliza a relação entre a respiração e a pulsação sanguínea de 1 a 4. Esta relação permanece assim em toda a vida adulta. A região torácica muda a sua forma do redondo (na criança pequena) para a sua forma mais achatada e larga.

Nesta fase a criança vivencia o mundo artisticamente. Tudo para ela é música, poesia, imagem. A criança quer se identificar com o mundo que a rodeia subjetivamente. Ela quer sentir as semelhanças que este mundo tem com ela. O professor deve respeitar este estágio da criança e trazer os conteúdos dos reinos da natureza (pedras, plantas, animais e ser humano) como também da história, das línguas, da matemática de forma artística. O bonito e o feio, a alegria e a tristeza devem ser elementos que permeiam as aulas e alimentam as almas das crianças. A criança deve adquirir a sensação inconsciente: o mundo é belo.

No terceiro setênio amadurece o sistema metabólico-motor. Os órgãos sexuais amadurecem, a voz muda, a musculatura se desenvolve. Este processo tira muita energia dos jovens. Seus movimentos, principalmente dos meninos ficam desengonçados e eles se movimentam pouco. Quem não conhece aquele jovem que dorme até tarde, cujo quarto é uma bagunça e que somente se anima quando se pode encontrar com os amigos? Este processo é concluído por volta dos 21 anos, quando o jovem para de crescer, a menina se torna mulher e o menino homem.

Paradoxalmente nesta fase no âmbito anímico se desenvolve principalmente o pensar. Os jovens se tornam muito inteligentes, gostam da pesquisa científica, querem conhecer o mundo como ele realmente é, adoram uma discussão, descobrem a dialética e desenvolvem suas opiniões e ideias sobre a sociedade e o mundo. Para este jovem é muito importante que ele tenha a oportunidade de confrontar as suas ideias com a realidade do mundo, por exemplo quando desenvolve projetos sociais ou científicos. O jovem deve ter a sensação inconsciente que o mundo é verdadeiro.

Mas ele somente conseguirá fazer a ponte do pensar para o agir, se o seu sentir fora desenvolvido fortemente na época anterior (segundo setênio). Quando isto não acontecer, ele desenvolverá mil ideias na cabeça, mas não

terá forças de por as mesmas na prática. Na ação ele poderá partir para a violência ou permanecer na apatia.

O fortalecimento do meio, do sistema rítmico como base para um sentir equilibrado e profundo é fundamental. Só assim poderemos propiciar que os jovens passem a fase da adolescência salvando os seus ideais para melhorar o mundo e levando a ação para as suas vidas adultas.

Foto de capa: Acervo MIB

Participação e expressão pelas crianças brasileiras

AUTOR (ES): **ROSELENE CREPALDI** 05 / JUN / 2016



É incrível como o tempo passa rápido quando fazemos o que gostamos!

Abri minha agenda para organizar as atividades cotidianas, e constatei que estamos no final de mais um mês muito intenso e produtivo. Comecei a folhear as páginas (rs), sim ainda uso agenda de papel (rs); e me dei conta de que, naveguei por muitas rotas, a bordo do barco do MIB sem ter parado para registrar essas experiências e aprendizagens tão preciosas que merecem ser compartilhadas com todos os navegantes.

Então vamos lá: Acompanhem-me nessa “saga contemporânea” sobre o tema da infância em que o MIB esteve presente para aprender, colaborar e agregar novos conhecimentos.

Essa viagem começou no final de abril com nossa participação na 10ª Conferência Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente em Brasília, (24 a 27/04/16), onde tivemos a oportunidade contribuir com o processo de escuta de aproximadamente 30 crianças, que pela primeira vez teve a oportunidade de estar presente em um evento dessa magnitude.

O MIB é membro da RNPI – Rede Nacional da Primeira Infância, e compõe o GT PI – Grupo de Trabalho Participação Infantil. Acreditamos que ouvir e observar as crianças, é um importante meio de conhecer as vozes infantis, dar autoria e possibilidade de participação às crianças e influenciar políticas públicas.

Junto, com parceiros da RNPI, mais diretamente com o CECIP, a Fundação Xuxa, a Avante – Educação e Mobilização Social, e Conselheiros de Direitos do CONANDA, tivemos a oportunidade de participar na construção conjunta e colaborativa da metodologia utilizada para realizar a escuta das Crianças durante a Conferência.

Muitos dos princípios defendidos pelo VIB – Vozes da Infância Brasileira/MIB, processo de escuta lúdica criado, para dar voz às crianças de diversos contextos, culturas e iniciativas foram considerados nessa construção, e também para a formação da equipe de facilitadores.

Durante a Conferência, as crianças foram ouvidas, com muita brincadeira e leveza, sobre sua compreensão sobre o que é Direito, como os percebem no dia a dia; e se recebem apoio às suas ideias e expressões. Concluíram sua participação elaborando um mosaico com propostas para compor o documento final da Conferência.



GT Participação Infantil

Decorrente dessa participação e das escutas realizadas pelo MIB, estivemos presentes no II Seminário do GEPCEI – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura e Educação na Infância realizado em Goiânia, no início de maio.

Juntamente com profissionais e estudiosos de norte a sul do Brasil, pudemos aprofundar as reflexões sobre os princípios do respeito, atenção, ética, tão necessários para consolidar o direito à participação das crianças e sobre como influenciar os adultos para que ouçam as vozes das crianças, em especial dentro das instituições de ensino.

Tomando por base falas das crianças registradas durante a Conferência dos Direitos, que constataram passar mais tempo com os professores do que com os pais, refletimos sobre como podemos acolher a participação da criança na rotina das instituições de ensino, durante a rotina, avaliação e nos momentos de tempo livre.

Na mesa, com o tema: Pelo Direito à Participação das Crianças no contexto das Políticas Públicas para Educação, em conjunto com a Avante – Educação e Mobilização Social, e a COMOVA/BSB, expusemos os objetivos do GT Participação Infantil da RNPI, discutimos sobre a necessidade de equilíbrio entre os direitos de Proteção, Provisão e Participação Infantil, expressões e interpretações da realidade, próprias da criança, e sobre a importância de acatar princípios éticos nas oportunidades de escuta para que elas ocorram com qualidade.

As reflexões foram enriquecidas com a exibição de filmes sobre escutas realizadas pela Avante e COMOVA.



II Seminário do GEPCEI

Finalizando nosso relato, comemoramos a Semana Mundial do Brincar no dia 24 de maio, participando do Evento promovido pelo GT Brincar da RNPI em parceria com o MUBE – Museu Brasileiro da Escultura: A Criança e a Cidade: seu direito ao Brincar e à Arte.

Durante um dia inteiro, trocamos experiências com os parceiros AABri – Associação Brasileira de Brinquedotecas, Associação Viva e Deixe Viver, Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, Instituto Brasil Leitor, Museu da Casa Brasileira, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, World Fórum Foundation e Global Leader for Young Children,

Criacidade, Instituto Pensi, Aliança pela Infância SEME-PMSP– Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação, NACE – Escola do Futuro – USP, CECIP, Rede Marista e aprofundamos o conhecimento sobre o Brincar, sua importância, como ele ocorre em diferentes lugares da cidade, na área no Hospital, na Biblioteca, no Museu, nos programas sociais que reocupam com crianças e brincadeiras ruas e praças antes tomadas pelo abandono e a violência.

O MIB contribuiu com os trabalhos ao mediar a mesa Arte, Brincar e Educação: uma parceria que dá certo, ao enfatizar a importância do encontro das diferentes iniciativas na sua plataforma colaborativa e fazer conversar a tecnologia com a necessidade de a criança vivenciar, experienciar, expressar, descobrir, emocional e corporalmente o prazer de brincar.



Semana Mundial do Brincar

Desafios da complexidade à comunidade aprendente

AUTOR (ES): **EDGARD DE ASSIS CARVALHO** 05 / JAN / 2016



Uma analogia universal governa tanto a humanidade quanto a natureza [Charles Baudelaire].

A metamorfose conduzirá a humanidade a uma sociedade-mundo de um tipo completamente diferente [Edgar Morin].

A liberdade pessoal de um indivíduo está garantida e favorecida na medida em que as esferas comunicacionais de realização de si encontram-se à sua disposição [Axel Honneth].

ESFERA ARGUMENTATIVA: A refundação dos saberes

O formato das **comunidades de aprendizagem** baseia-se no prazer de saber, na lógica da audácia, na pulsão da criatividade. As seis idéias que o sustentam foram explicitadas no simpósio de 2010. São as seguintes: 1. A

criação de modos de aprendizagem que assumam a sustentabilidade e a resiliência como metas prioritárias, e isso em escolas, universidades, empresas. **(Natureza)**; **2.** A experiência vivida é base para a experimentação de novas formas de entendimento do mundo. É nela que o racional, o lógico, o dedutivo se entrelaçam com o mítico, o mágico, o imaginário **(Vida)**; **3.** A construção de uma visão de mundo que tem como base o respeito à Terra. A unidimensionalidade da técnica deve ser permanentemente questionada em nome de uma arquitetura equitativa das relações sociais. **(Conhecimento)**; **4.** O pensamento sistêmico envolve o interrelacionamento entre partes e todo. Os sistemas são abertos, pois dissipações, emergências, reorganizações ocorrem a todo tempo. Se os sistemas se fecham, a paralisia e a conformidade se instalam. **(Ideias)**; **5.** O entendimento do sentido da diversidade implica o não isolamento das culturas como totalidades irreduzíveis. As diferenças existem, mas é preciso, inseri-las no fluxo da universalidade. O diálogo intercultural é a base desse processo. **(Identidade)**; **6.** A formação integral da pessoa humana. O desenvolvimento de seres integrais, ao mesmo tempo semelhantes e diferentes, funda-se na formação de humanos que pensem criticamente e ajam eticamente. A ética envolve o entrelaçamento indivíduo-sociedade-cosmo. **(Ética)**.

Natureza, Vida, Conhecimento, Ideias, Identidade, Ética coincidem com os seis volumes de “O Método” e com as recomendações de Os sete saberes necessários à educação do futuro. A esses dois pontos de vista, junta-se um terceiro constituído por sete das oito jornadas temáticas propostas por Edgar Morin para a reforma do ensino médio francês em 1998. São elas: Mundo, Terra, Vida, Humanidade, Línguas, civilizações, literatura, artes, cinema, História, Culturas adolescentes.

Rearticular e desdobrar esses três feixes interpretativos não é tarefa fácil. É algo a ser construído nas comunidades aprendentes em oficinas coletivas de texto, por intermédio de narrativas de pequenas dimensões que ampliem a comunidade de leitores. Envolve, claro, uma mudança de atitude, um estilo de pensamento educativo fundado na religação dos saberes, na dialogia razão-sensibilidade, racional-desracional, lógico-imaginário, na utopia de mundo equitativo, sustentável, que assume a colaboração de culturas e a política de civilização planetária como metas prioritárias.

O objetivo é estimular a criatividade e fortalecer a ação pedagógica coletiva. Ainda há muito a fazer, a tarefa é insana, exige disposição, esperança, fraternidade, comunhão em prol de um conhecimento instaurador e, acima de tudo, uma comunidade fraternal de ideias. O pensamento complexo é desafio perene que assume a religação dos saberes como prioritária e inadiável. Se posto em prática nas escolas, a simbiose e a complementaridade marcarão definitivamente a relação entre professores e alunos, superando a dominação dos que supostamente têm o controle e a vigilância do saber sobre os que supostamente são despossuídos dele.

A fragmentação exige superação imediata. O mundo real é interligado. Nele as partes e o todo não são separadas. A totalidade é o que realmente existe, é nossa a incapacidade de percebê-la. A reforma da educação requer a reforma dos educadores. Marx já havia antecipado esse fato em sua terceira tese sobre Fierbach, tantas vezes relembrada por todos. É o que faremos a seguir.

Ao propor a superação do antigo materialismo alemão, Marx expõe nas Teses o que poder-se-ia denominar bases metodológicas do materialismo histórico-dialético. A terceira delas reitera que “a doutrina materialista de que os seres humanos são produtos das circunstâncias e da educação, [de que] seres humanos transformados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada, esquece que as circunstâncias são transformadas pelos seres humanos e que o educador tem ele próprio de ser educado. Ela [a doutrina materialista] acaba por separar a sociedade em duas partes, uma das quais fica elevada acima da sociedade. A coincidência da mudança das circunstâncias e da atividade humana só pode ser apreendida racionalmente como prática transformadora”.

A educação, portanto, não pode e nem deve se contentar com o pensamento abstrato, mas voltar-se para a compreensão multidimensional do real-concreto. O conhecimento e a educação são práticas humano-sensíveis. Se o ponto de vista do antigo materialismo era a sociedade civil, o novo, diz Marx, é a sociedade humana ou a humanidade socializada. Daí decorre a essência da Tese IX na qual é reiterado o pressuposto de que o entendimento do mundo não reside em uma mera interpretação desenraizada. O importante é transformá-lo ou, pelo menos, estabelecer caminhos possíveis para que isso ocorra.

Se as comunidades de aprendizagem são uma possibilidade do caminho, o pensamento de Marx deve ser renovado, constituir um ponto de partida a ser incorporado pelo pensamento complexo. As fontes originais não constituem um paradigma fixo; são bases para se pensar o futuro da sociedade, dos saberes, da educação. Voltar às fontes não implica, portanto, um mero retorno fixo ao original, mas um trajeto em direção do futuro contra as regressões destrutivas que acometem o mundo capitalista globalizado. Daí o porque de as comunidades de aprendizagem serem laboratórios cognitivos abertos nos quais são garantidas não apenas as expertises disciplinares, que correm o risco de serem sempre parcelares, mas também novos formatos pedagógicos cuja criação coletiva é rubricada e socializada na e pela comunidade aprendente. É o que se fará a seguir. O texto que se segue – A complexidade viva - rearticula e religa os fundamentos anteriormente citados e deve ser entendido como uma base a ser modificada e atualizada ao sabor de cada comunidade. Não há regras para sua criação. Algumas precauções devem, porém, ser tomadas: linguagem direta, poucos advérbios, clareza argumentativa. O uso de citações aspeadas deve ser minimizado, dando-se preferência a paráfrases quando se pretende realçar a ideia desse ou daquele pensador. Outros temas advirão da prática da própria comunidade que poderá acrescentar, suprimir, ampliar a linha argumentativa do texto original.

ESFERA TEXTUAL: A Complexidade viva

Somos filhos do cosmo e, ao mesmo tempo, pertencemos a uma sociedade, uma cultura, um país. Inundados de descobertas por toda parte, o quadrimotor da modernidade – ciência-técnica-indústria-lucro – produz desigualdades crescentes. A globalização é uniformizadora e, ao mesmo tempo, ilusória, dissemina policrises em todo o planeta.

Enraizados no local, resistimos a perceber o universal e o turbilhão de demandas que temos de cumprir. Ensimismados na pertença individual, não queremos ver o rosto da sociedade e, muito menos, do cosmo. Saímos de um mundo determinista fixo no qual causas e efeitos eram dominados pela ideia de reversibilidade, e mergulhamos em um mundo irreversível e fluído no qual o futuro jamais está dado. Seremos sempre coautores do caminho a ser trilhado.

Irreversibilidade não se confunde com linearidade. Irreversibilidade não acaba com o determinismo, a causalidade. Há determinismos e causas que nos circundam a todo tempo, mas é preciso reaprender que ambos não constituem um caminho de mão única. Basta colocá-los entre parêntesis. A causa alimenta o efeito da mesma forma que o efeito retroage sobre ela. O determinante age sobre o determinado que, ao mesmo tempo, reatua sobre ele. A flecha do tempo é, portanto, irreversível, exatamente pelo fato de que é sempre matizada por emergências, bifurcações, reorganizações, pelo inesperado, pelo acaso, pelo caos.

Matriz da vida, a Terra-pátria requer cuidado, preservação, sustentabilidade, amor. A idade da Terra é muito antiga: situada entre 4,55 e 3,9 bilhões de anos, os primeiros vestígios da vida ocorreram há 3,5 bilhões. Somos sapiens há pouco tempo, primatas há muito mais. Se 130 mil anos é nosso tempo enquanto seres vivos portadores de linguagem, temos em nossa retaguarda um longuíssimo processo evolutivo.

Reconhecer essa juvenilidade é um caminho para superar a arrogância e o antropocentrismo. Estamos inseridos na diáspora sapiencial e na desordem do mundo. Não se trata de meramente buscar origens, fontes, fundamentos, sejam eles materiais ou divinos, mas admitir que trazemos dentro de nós uma memória coletiva de proporções gigantescas: nela estão inscritas, armazenadas, estocadas conquistas, catástrofes, perdas, ganhos, utopias. Somos, portanto, imperfeitos, inacabados, mergulhados na incerteza da biosfera e da biodiversidade. Nossa assinatura humana é uma rubrica de presença, mas também de uma intenção do bem-viver e do agir ético.

A todo tempo, praticamos interações bióticas, bissociais, psicossociais, socioculturais. Essas interações não devem favorecer a arrogância do gênero homo, espécie sapiens sapiens, mamífero, primata, fabricante, lúdico que somos nós e, muito menos, supervalorizar nosso lado demens que comanda as perversidades e obscuridades necessariamente presentes no self e no imaginário coletivo. Esses dois lados são indissociáveis, como as duas faces da deusa Jano. É na relação do sapiens e do demens que identidade, reconhecimento, participação são construídos e desconstruídos continuamente no curso do tempo.

A ecologia e a cultura estão necessariamente mundializadas. Devemos, porém, duvidar desse processo. A mundialização em si não é boa nem má. Depende da capacidade de observação e curiosidade dos sujeitos e das políticas voltadas à construção de um planeta solidário. Daí decorre a importância que as ciências da terra assumem nos dias correntes.

Nosso comportamento é decorrência disso. Mas o que é o comportamento? A melhor definição veio de von Uexküll, um filobiólogo meio esquecido nos dias correntes. O comportamento, ele reiterou, é uma melodia a duas vozes, a do sujeito e a da situação. Por vezes, a melodia fica secreta demais e não conseguimos sequer ouvi-la ou sistematizá-la, como se o poder da mente ficasse oculto demais. Ensurdecidos, não acessamos a humanidade como um todo, percebemos apenas seus fragmentos.

O indivíduo existe porque é portador de um corpo próprio e porque se movimenta em um espaço extracorpóreo com o qual estabelece seus relacionamentos. Por mais que as tecnologias se desenvolvam, o corpo permanece a sede das pulsões, paixões, desejos, hormônios. O corpo, afirma Jean-Didier Vincent, é o teatro do mundo. Não considerar o corpo nas comunidades de aprendizagem é ir contra o que o humano tem de mais significativo.

Por isso, os humanos sempre tentaram explicar a si mesmos. Pela metafísica ou pela religião, pela ciência ou pela arte, diagnósticos de vida e morte foram sistematizados. Muitas definições advieram daí, geralmente atreladas a condições tecnoeconômicas; são as chamadas revoluções tecnológicas e os processos civilizatórios delas decorrentes. Mas isso só não basta. O homem não é função direta das ferramentas que cria, das habilidades que possui. É mais que isso. Criador de símbolos, procura dar conta da unidade e da diversidade humanas. É impossível uma assembléia de disciplinas incumbirem-se dessa tarefa.

A comunidade de aprendizagem é norteadada por um horizonte transdisciplinar. Um professor tem de ter rigor não apenas na sua disciplina, mas em todas as outras que lhe servem de base. Ir além das fronteiras disciplinares implica reconhecer as ciências do homem e as ciências da natureza como unidade indissolúvel. A separação dessas duas culturas precisa ocorrer. Nenhuma

sociedade será capaz de se pensar com sabedoria se não fizer isso, esse era o alerta de Charles Snow feito na década de 1950.

Essa sabedoria tem na memória sua fonte inescapável. Articular memória individual, memória coletiva, memória cósmica possibilita recuperar o tempo perdido, trazê-lo para o presente, traduzi-lo para o futuro. Ficamos esquecidos demais, diante do caráter instantâneo de nossas relações. Preocupados com o imediato, esquecemos de nós mesmos, de nossos saberes. Os saberes são senhas de acesso ao mundo da vida. Constituem a memória coletiva da espécie. A memória histórica de uma cultura, de um povo fazem parte da memória coletiva da Terra. Ambas requerem a criação de narrativas complexas que articulem passado, presente, futuro de forma não linear. Se há indeterminação do futuro, há promessas que não foram cumpridas no passado, projetos que não conseguem ser operacionalizados no presente.

O imaginário das artes – literatura, cinema, pintura, música – é fonte inesgotável de formação de saberes. Por isso, deve ser incluído na comunidade de aprendizagem como base interpretativa necessária. Muitas vezes a leitura de um romance, a escuta de uma sinfonia produzem efeitos reorganizatórios mais significativos do que um tratado cartesiano dessa ou daquela disciplina. A comunidade deve religar ciência e arte. A arte não é adereço estético, mas fonte básica universal de escuta do mundo, conservatório de imagens, marca da criatividade humana.

A reflexão sobre os metatemas – natureza, vida, conhecimento, ideias, humanidade, ética – adquire valor de suma importância para a superação de qualquer tipo de dualidade. Precisamos reaprender a trabalhar com oposições complementares e circuitos não lineares cujo objetivo é garantir o caráter multidimensional da vida, da sociedade, da cultura.

A natureza, por exemplo, passa a ser entendida como uma poli-super-meta-máquina imersa, simultaneamente, em desordens e reorganizações. O mundo natural é circuito de equilíbrios, desvios, desequilíbrios. Por isso, a ecologia é um sistema vivo que sempre tenta se adaptar e garantir um equilíbrio relativo que mantenha a vida em níveis suportáveis para os homens. Os ecossistemas dualizam sujeito e objeto.

O sujeito é uno e múltiplo. Estabelece o sentido da vida e da morte, dos sonhos e delírios que o cercam desde sempre. É, portanto, endorreferente, isto é, traz a marca da longa evolução que o transformou no que é e, ao mesmo tempo, exorreferente, pois se aliena de uma parte de si mesmo para viver e conviver com todos os outros. O sujeito tenta sempre conhecer, seja por meio da oralidade, da escrita, da informação midiática. O acúmulo e a preservação dos conhecimentos formata a biblioteca universal dos saberes. É patrimônio a ser preservado a qualquer custo.

A marca humana reside no polenraizamento físico-biológico-zoológico. A comunidade de aprendizagem deve garantir esse fundamento para que a explicação e o formato das ideias – as chamadas noologias – não constituam um mundo à parte. É preciso cautela com as ideias. Blindadas, convertem-se em doutrinas; biodegradáveis expressam o inacabamento humano. Jamais serão perfeitas, acabadas, eternas. Vivem sempre no limite da sua própria destruição. Por isso, o princípio da incerteza formulado por Werner Heisenberg em 1927 é mais do que atual nos dias correntes.

O indivíduo sempre quer fazer valer sua presença no mundo. Esse é o sentido da identidade. Mais uma vez, não basta apenas apregoar a força das identidades individuais. Em si mesmas, não garantem nada, apenas um relativismo ressentido, autoritário, reivindicativo. O mundo se estrutura na e pela articulação tríplice de identidades individuais, coletivas, cósmicas. Rearticulá-las como um holograma abre o destino histórico para o indeterminado e o incerto. Se jamais saberemos com plena exatidão de onde viemos, o para onde vamos é cada vez mais impossível de diagnosticar e mesmo prever. O que a identidade deve garantir é a preservação da Terra-pátria e o prosseguimento da trajetória da hominização.

Mas é claro que vivemos em um mundo sócio-histórico real. A modernidade nos deu autonomia, mas também criou muitas dependências. Daí porque a importância da ética é inquestionável. Aqui também não basta reafirmar uma ética de si, mas religá-la a uma ética do outro e do cosmo. O holograma é que dá o nexos da ética: autoética, socioética, antropeética são esferas inseparáveis; uma repercute sobre a outra. É preciso entender que todo ético é um ato de religação simultânea com os seus, com os outros, com a comunidade, a humanidade, o planeta.

A ética complexa não dualiza bem e mal, e isso porque percebe que o bem contém o mal, o justo contém o injusto, o contingente contém o necessário. Assumir a incerteza do destino humano implica, portanto, assumir a incerteza ética. O ser ético não se guia por um conjunto fechado de prescrições e normas. Imbuído da necessidade da regeneração, exercita constantemente a resistência às barbáries interiores e exteriores e é essa resistência que o leva a tomar posições diante da crise planetária por que passamos.

A tarefa maior da ética é regenerar o humanismo, superar as polícrises, restaurar a esperança, bater de frente no mal-estar instalado na civilização. Basta lembrar sempre a recomendação de Kant: “não faça ao outro o que você não quer que seja feito para você mesmo”. Por isso, o novo caminho, Edgar Morin sempre afirma isso, só se formará a partir do desenvolvimento e da confluência de múltiplas vias reformadoras.

Estar atento a essa recomendação é um bom começo. A separação entre mente, operações intelectuais, paixões, emoções não têm vez num processo cujo caráter é multidimensional e transdisciplinar. As comunidades de aprendizagem são o local de formação de cabeças bem-feitas, ou seja, aquelas imbuídas da necessidade permanente da religação dos saberes e não de cabeças feitas, aquelas que se contentam com certezas disciplinares.

Se esse fato impõe um novo espírito científico, requer não apenas um sujeito do saber menos arrogante e narcísico, mas também uma filosofia de vida que tem em Heráclito uma formulação perfeita: Se você não espera o inesperado, você não o encontrará.

Os sete saberes necessários à educação do futuro tornam-se, agora, necessários para o presente imediato, colocados sob o signo da esperança permanente, que advoga a preservação da Terra-pátria, a fraternização, a compreensão permanente das culturas da Terra como fundamentos éticos universais a serem postos em prática não apenas nas comunidades de aprendizagem, mas no sistema-mundo. Trata-se de uma metamorfose na educação, na política, na afetividade a ser buscada por todos, mesmo que caminhos improváveis atravessem a estrada e desanimem o percurso dos caminhantes.

Referências bibliográficas

Morin, Edgar. La tête bien faite. Repenser la réforme, reformer la pensée. Paris: Seuil, 1999.

Morin, Edgar. O Método 1: a natureza da natureza. Tradução Ilana Heineberg. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. O Método 2: A vida da vida. Tradução Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. O Método 3: o conhecimento do conhecimento. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. O Método 4: As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1998.

_____. O Método 5: A humanidade da humanidade: a identidade humana. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

_____. O Método 6: ética. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. Jornadas Temáticas: a religação dos saberes: o desafio do século XXI/idealizadas e dirigidas por Edgar Morin; tradução e notas Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

EDGARD DE ASSIS CARVALHO, professor titular de Antropologia, coordenador do COMPLEXUS – núcleo de estudos da complexidade da Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP, correpresentante brasileiro da cátedra itinerante UNESCO Edgar Morin CIUEM, sediada em Buenos Aires, presidida por Raúl Domingo Motta.

Toda Criança Pode Aprender. Defendemos essa ideia!

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 01 / MAI / 2016

sim, toda criança pode APRENDER

Toda criança pode aprender. Essa é a premissa sobre a qual o projeto do mesmo nome, da OSCIP Laboratório de Educação, se estrutura. O Toda Criança Pode Aprender visa fortalecer, no imaginário da sociedade brasileira, a noção de aprendizagem como capacidade inerente a qualquer criança e potencializada pela mediação dos adultos. Assim como o Mapa da Infância Brasileira, a proposta coloca o investimento na infância como uma iniciativa fundamental para o desenvolvimento social do país e busca dar visibilidade a essa causa. Dessa forma, iniciou-se uma parceria entre os dois projetos!

No Brasil, ainda existe o preconceito de que algumas crianças, por sua cor de pele, condição social, lugar de moradia ou disposição familiar, ou mesmo por serem portadoras de alguma síndrome ou deficiência não possuem a capacidade de aprender. Persiste também a ideia de que só a escola ou a

família são responsáveis pela aprendizagem, e de que há uma idade específica a partir da qual as crianças começam a aprender. Estes “mitos” tornam, muitas vezes, o adulto um observador passivo ao invés de um mediador ativo dos aprendizados que podem ampliar o universo cognitivo e intelectual das crianças no dia a dia.

O blog [Toda Criança Pode Aprender](#), que nasceu em 2013 de um compromisso com a [Clinton Global Initiative](#), oferece um conjunto de reflexões e exemplos de como as crianças demonstram cotidianamente o quanto já sabem e se perguntam sobre o mundo ao seu redor. Por meio de referências concretas, o projeto visa abrir o olhar para o fato de que a aprendizagem é um processo contínuo que permeia todos os momentos da vida de toda criança e pode ser potencializado pelos adultos com os quais convivem por meio da promoção de interações significativas com o universo que as rodeia.

O conteúdo do blog é produzido por uma equipe de multiprofissionais qualificados, entre eles pedagogos, psicólogos, cientistas sociais e outros educadores. Isso gera um constante diálogo acerca de educação, de aprendizagem e de infância a partir de diferentes pontos de vista.

Na parceria estabelecida, alguns dos posts do Toda Criança Pode Aprender compõem a plataforma do Mapa da Infância Brasileira, já que as duas propostas visam dialogar constantemente e potencializar ações e causas ligadas à infância.

E se você também acredita que toda criança pode aprender, venha conhecer o projeto, visitando o [blog](#) e a [página no Facebook](#).

Documentário mostra por que cuidar dos bebês é cuidar dos adultos



Bebês fofos, crianças engraçadas, pais e avós afetuosos. Com personagens como esses, as chances de erro de qualquer filme no quesito comoção são remotas. Assim, não é de espantar que *O começo da vida*, da cineasta Estela Renner, não erre. O filme viaja por 9 países mostrando rostinhos, sorrisos e balbucios que transportam o espectador a um estado de absorção completa. O que não significa que esse seja o principal mérito do documentário que estreia em 5 de maio em circuito nacional. Longe disso. *O começo da vida* consegue exibir, em 90 minutos, os principais especialistas do mundo em desenvolvimento infantil intercalados com os depoimentos de famílias, de forma leve, informativa e envolvente. É um filme obrigatório não só para quem tem filhos, sobrinhos e netos, mas para qualquer um que se importe com o

desenvolvimento humano e se incomode com a desigualdade de oportunidades – que começa na mais tenra infância.

O começo da vida foi produzido com um objetivo claro: levar para o maior número possível de pessoas, de todo o mundo, o argumento de que os cinco primeiros anos da vida de uma criança são vitais para o adulto que ele será. “Durante seus primeiros 60 meses, a criança aprende mais do que aprenderá em toda a sua vida”, diz o prêmio Nobel James Heckman. Esse seria o período do big bang do cérebro humano. Por isso, cuidar do desenvolvimento dos pequenos seria tão importante.

À medida que renomados cientistas, como Heckman, apresentam seus argumentos, o peso de quem assiste e tem filhos (ou pensa em ter) aumenta. Se o que a criança aprende nesse período é tão determinante para o futuro, os pais têm uma responsabilidade sobre-humana – é o que parece. Os mesmos especialistas aliviam a tensão. A receita para cuidar desse período é simples. A criança precisa de atenção, afeto e tempo para brincar, interagir e descobrir o mundo à sua maneira. Pais amorosos, com bom senso, são recursos suficientes para que os pequenos aprendam a voar. Ao que parece, o filme apresenta então o não-problema. Infelizmente, não.

A começar pelo mais óbvio (nem por isso menos grave): as famílias em situação de pobreza extrema. Entre elas, os problemas de falta higiene, saúde, comida e segurança existem. Tudo isso interfere no desenvolvimento da criança. Ainda assim uma família unida, capaz de dar afeto e de garantir a sensação de segurança, tem efeito milagroso na vida dessas crianças. A questão é que em situações extremas, a existência de famílias desestruturadas é uma realidade muito mais comum do que pode parecer. Mais do que isso, muitas vezes, a configuração tradicional de família existe, com pais e irmãos vivendo sob o mesmo teto, mas com referências de afeto e educação completamente diversas do senso comum.

Violência doméstica, uso de drogas, desrespeito verbal dentro de casa e/ou na vizinhança são constantes em circunstâncias de fragilidade extrema. Se o bebê assimila rapidamente até o traquejo de seus cuidadores, de que forma ele absorve esse ambiente? Com a mesma rapidez e eficiência. Uma criança que vê um de seus pais ou irmãos agredindo o outro pode entender essa atitude como um jeito aceitável de se relacionar. Além da questão dos dramas

peçoais, absolutamente tristes, do ponto de vista social esse contexto tem um potencial catastrófico. Para cada adulto muito pobre, há 65 crianças na mesma situação, aprendendo com os exemplos que as cercam. Esse não é um dado que aparece no filme. É uma informação da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). O que está no filme é a lembrança de que para cuidar da criança é preciso cuidar dos adultos. “Os bebês não são criados pelo governo ou pela escola, mas por pessoas. São elas que precisam de ajuda para ajudá-las”, diz Alison Gopnik, da Universidade Columbia, nos Estados Unidos. Ajudar os adultos é contribuir para que essas crianças cresçam de forma saudável e consigam quebrar o ciclo da criança que sai do nada, cresce com nada e segue para o nada.



Foto: Divulgação

Longe dos locais de maior vulnerabilidade, a questão central é como estar mais perto dos filhos. A Dinamarca com sua licença maternidade de 1 ano, divisível entre pai e mãe, aparece em contraponto a depoimentos de pais americanos que, a muito custo, conseguiram dois meses em casa. Amamentação, contato com a natureza, o papel dos avós. O universo que ronda as crianças é discutido entre especialistas enquanto a tela mostra o dia

a dia de crianças no Brasil, na China, na Índia, na Dinamarca, na Argentina, no Quênia, nos Estados Unidos, na França e no Canadá.

Um dos feitos de Estela Renner, que escreveu o roteiro e dirigiu o filme, é apresentar mesmo os pontos mais delicados de forma eficiente sem pesar a mão. O tom geral é de esperança. Essa foi uma escolha consciente da cineasta e das instituições que participaram da produção. A ideia inicial partiu da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, que desde 2006 dedica-se a pesquisas e ações voltadas para a primeira infância. O orçamento de R\$ 1 milhão foi dividido entre os parceiros que toparam a empreitada junto com ela: o Instituto Alana e a Fundação Bernard van Leer. A Unicef abraçou o projeto como parceiro estratégico. O filme será exibido em universidades fora do país, como Harvard e Columbia; será apresentado em todos os escritórios da Unicef no mundo e ficará disponível, com legendas em 22 idiomas, pela Netflix, pelo iTunes e pela Videocamp. No Brasil, além do circuito comercial de todas as capitais, ele será exibido em 2 mil municípios e em diversos pontos da Amazônia. A Maria Farinha, produtora do filme que pertence ao Instituto Alana, preparou 80 clipes para serem distribuídos pela internet. Com o abundante material dos três anos de pesquisas, foi também montada uma série com seis episódios, ainda sem data de transmissão nem canal certo. O objetivo é que a série se aprofunde em alguns dos pontos tratados no longa.

As chances de que O começo da vida viralize é grande. Mesmo quem não se importe com nenhum dos temas relacionados aos primeiros anos de infância pode querer assisti-lo simplesmente pela fofura extrema. E por que não?

Imagens: Cenas do filme O Começo da Vida, de Estela Renner (Fotos: Divulgação)

Fonte:

<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/04/documentario-mostra-por-que-cuidar-dos-bebes-e-cuidar-do...>

Marco Legal da Primeira Infância oferece base para mudanças necessárias na sociedade

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 15 / ABR / 2016



A Rede Estadual Primeira Infância (REPI – BA), representada por Ana Marcilio, destaca, para uma plateia de pedagogas/os e interessados no assunto, as principais mudanças trazidas pelo Marco Legal da Primeira Infância e ressalta a relevância da Lei como instrumento de transformação da sociedade brasileira. “Precisamos dialogar sobre o Marco, não só para conhecê-lo, mas também para fomentar as mudanças na sociedade, e em nós, necessárias para torná-lo realidade”, disse após palestra realizada durante a Ciranda Reflexiva do Fórum Baiano de Educação Infantil (FBEI), que aconteceu no auditório do Colégio das Mercês, em Salvador (BA), na última sexta-feira, 8 de abril.

Ana Marcilio, consultora associada da Avante – Educação e Mobilização Social, coordenadora da Secretaria Executiva da REPI- BA, apontou que uma das maiores mudanças que o Marco Legal da Primeira Infância propõe é colocar os 72 meses, ou os seis anos incompletos que compõem a Primeira Infância, como prioridade absoluta. “Assim, estará à frente de qualquer proposta, programa, intervenção ou política pública no Brasil. Ou seja, quando se pensar nas cidades, por exemplo, há que se pensar antes na criança pequena”, disse, lembrando que esta priorização é reconhecida pelo Marco como “interesse superior da criança”.

O interesse superior, somado à relevância que a nova Lei dá ao direito de participação da criança, de acordo com Ana Marcilio, exigirá mudanças comportamentais também a todos aqueles que convivem com crianças pequenas. “Temos que mexer na educação, na saúde, na justiça, na segurança pública, na infraestrutura da cidade, no direito da mulher, mas temos também que repensar a nossa prática diária na convivência com esse sujeito, cujo interesse é superior ao meu. E é isso que o Marco Legal está pautando.”

Na educação, por exemplo, “temos que incluir/priorizar o interesse delas nas escolhas das atividades realizadas nas instituições de educação, na construção do currículo, nas propostas pedagógicas. Em tudo isso pode haver uma participação maior das crianças”. Ela alerta, contudo, que o direito à participação não deve ficar restrito às unidades de educação, nem somente a um maior espaço de expressão das crianças. “Não é só conversar com elas, mas se abrir para a possibilidade de que as tomadas de decisão sejam afetadas por elas. O que deve acontecer também dentro das casas, nas relações com familiares.”

Ana Marcilio acrescenta que para garantir o interesse superior e o direito de participação, como propõe o Marco, se faz “necessário reconhecer e acolher o tempo da criança em seu diálogo com a vida, permitindo a ela concluir suas ações sem ser interrompidas, por exemplo. “É reconhecer que seu interesse superior está na base das decisões que tomamos hoje. Pois, se deixarmos de agir nessa ordem, mesmo que seja com o argumento de estarmos pensando em seu futuro, estaremos desrespeitando o seu direito. É hoje que ela necessita de bem estar, de um ambiente que lhe permita se desenvolver com segurança e saudável”, disse.

Outro direito que o Marco busca garantir e que, segundo Ana Marcilio, propõe grandes mudanças na sociedade, é o brincar. “A valorização do brincar pressupõe que os estados, os municípios e a União planejem as cidades pensando nas especificidades da criança. Na educação tem que ter o brincar. Na assistência social, tem que ter o brincar. Quando uma criança chega a um hospital, ou em outro espaço de cuidado ou acolhimento, ela tem que encontrar o brincar. Se brinca em casa, nas ruas e nos parques. É preciso que as cidades se equipem para a Primeira Infância. Precisamos de paz, ruas seguras e calçadas que, além de limpas, sejam adequadas a esse público.”

Perguntada ao final, por uma pedagoga que estava na plateia, se o que o Marco propõe não é uma utopia, Ana Marcilio foi realista. “Há algo de utopia, como havia em pensar as mudanças que o ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] traria para o país a partir da década de 80. E muitas se tornaram realidade, muito por conta das mobilizações. O mais importante é que o Marco Legal da Primeira Infância é uma ferramenta legal que nos autoriza a exigir o que já é direito da criança.”

Destaques

Depois de falar sobre as mudanças que o Marco propõe pra a sociedade e para cada um de seus cidadãos, Ana Marcilio listou e comentou alguns aspectos da nova lei, que visa estabelecer princípios e diretrizes para a formulação e implementação de políticas públicas para a Primeira infância, em atenção às suas especificidades e à relevância dos primeiros anos de vida. Entre esses aspectos, foram citadas as alterações em legislações impostas pelo Marco, como no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Código de Processo Penal e na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

No ECA, por exemplo, o Marco insere o sujeito da criança pequena. “Antes ela se perdia na norma. A nova lei insere dispositivos que introduzem a especificidade da Primeira Infância no Estatuto”. Em relação ao Código de Processo Penal, ela citou o exemplo de uma jurisprudência que já foi influenciada pela nova lei. A uma detenta gestante foi concedido o direito de cumprir a pena em casa. “Antes a criança também ficava presa com a mãe ou teria seu direito à convivência familiar e ao vínculo materno desrespeitado”, comentou.

Sobre a CLT, ela relatou o aumento da licença paternidade de cinco para vinte dias. Essa mudança, segundo ela, está na direção de outra proposição do Marco, que é o fortalecimento da paternidade responsável. Ela explicou que o direito atinge os pais que são funcionários de uma Empresa Cidadã, aquela que estende a licença maternidade de quatro para seis meses, tendo como contrapartida benefícios fiscais.

De acordo com o Marco, esses pais que obtiveram a licença paternidade de 20 dias, têm que fazer um curso que os prepare para participar melhor do

cuidado com o bebê durante a licença. Outra alteração permite o abono de faltas quando o pai se ausenta no trabalho para participar do acompanhamento pré-natal. “Esse é um direito que favorece e muito a Primeira Infância e que precisa se tornar acessível para todos os pais. É muito forte na cultura brasileira a ideia de que a criação é uma responsabilidade, predominantemente, da mãe. Precisamos fazer campanhas, seminários, palestras, cirandas de conversa, para fortalecer a paternidade”, conclamou, ao passo que lembrava que o Marco é o resultado de muita mobilização da sociedade civil, que deve continuar, ainda mais forte, para que a Lei saia do papel e transforme o Brasil em um país onde a Primeira Infância é prioridade.

Outro aspecto destacado foi relativo à garantia de uma nutrição de qualidade. Ela relatou que com o Marco essa garantia se estende à mulher grávida. “Com isso, é possível fomentar uma alimentação mais saudável e natural, privilegiando, inclusive, os produtos da agricultura familiar na alimentação escolar, por exemplo”. Ela falou ainda sobre a questão da formação dos profissionais que atuam na Primeira Infância, sobre o cuidado com o meio ambiente, sobre a necessidade de articulação de políticas e sobre cultura da Primeira Infância, todos aspectos importantes trazidos pelo Marco.

Crianças participam de campanha de enfrentamento à violência doméstica

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 22 / MAR / 2016



O Grupo de Crianças do Calabar, participantes do projeto Infâncias em Rede/Fundação Bernard van Leer, criou uma campanha para combater a violência contra as crianças. O primeiro resultado foi a gravação do jingle O Menino Bernardo. Na sequência, o Grupo produziu o videoclipe da gravação em estúdio de música escrita e cantada por meninos e meninas do Calabar. A produção das duas peças foi finalizada após um ano de debates, disseminação de informação sobre seus direitos, brincadeiras em praças públicas, muitos ensaios e aprendizados. A campanha convoca a comunidade para uma participação ativa no combate à violência contra as crianças (Lei Menino Bernardo – nº 13.010, que proíbe o uso de castigos físicos ou tratamentos cruéis ou degradantes na educação de crianças e adolescentes).

O vídeo da gravação reflete a importância da ação para as crianças ao mostrar o empenho e a concentração de um grupo que, em sua maioria, nunca entrou em um estúdio de gravação. E agora se dedica à concretização de uma demanda nascida na realidade doméstica, mas que invade as relações sociais desses cidadãos. A decisão de realizar a campanha foi deles e a decisão de que precisaria ser algo que envolvesse sua comunidade, levando-a a refletir sobre atos de violência contra as crianças, também.

“Agora a gente quer dar um recado/ É sobre a Lei Menino Bernardo/ Não pode bater na criança/ Tem que ter mais tolerância”. Diz o refrão da música composta pelo Grupo de Crianças do Calabar, com a colaboração do professor de música do projeto Juraci do Amor. Ao final, a convocação: “Se você presenciar a crianças apanhar/ Disque 100”, em referência ao serviço telefônico oferecido pela Secretaria de Direitos Humanos (SDH) que acolhe denúncias contra a violação de direitos de minorias e vulneráveis, entre outras violações.

“A iniciativa foi muito importante porque eles foram os próprios divulgadores de seus direitos, seja para seus pais, ou cuidadores, seja para a comunidade.

Com a campanha eles reivindicam não somente o direito de viver sem violência, mas também o de participar das mudanças necessárias para a sociedade. Não adianta ter as regras no papel, é preciso mudar a cultura vigente e fazer com que a criança seja vista, assim como qualquer outro ser humano, como um sujeito de direitos”, disse a coordenadora do projeto, Ana Marcilio.

Disque 100

Apesar da existência da Lei Menino Bernardo (Lei 13.010/2014), no primeiro trimestre de 2015, o Disque Direitos Humanos (Disque 100) recebeu mais de 21mil denúncias de violações de direitos de crianças e adolescentes. Embora tenha ocorrido uma queda de 1,6% em comparação ao mesmo período de 2014, os números chamam atenção porque em 58% dos casos de violação dos direitos os suspeitos são os próprios pais.

O Disque 100 é um serviço telefônico gratuito, onde podem ser feitas denúncias e reclamações, anônimas (quando solicitadas), sobre violações de direitos humanos. O serviço funciona 24 horas por dia. As demandas recebidas são encaminhadas, no prazo máximo de 24 horas, aos órgãos competentes para apuração das responsabilidades.

Nobel da Paz: Jovens devem ocupar o mundo todo, e não só as escolas

AUTOR (ES): **PORVIR** 17 / MAR / 2016

Vencedor do Nobel da Paz em 2014, o indiano Kailash Satyarthi, de 62 anos, disse “tirar o chapéu” para os estudantes que lutaram contra a reorganização escolar planejada e suspensa pelo governo de São Paulo após série de protestos. Sentado no palco com um grupo de alunos da Escola Estadual Fernão Dias, o ativista que há 35 anos abandonou a engenharia para combater o trabalho infantil comparou o movimento com um episódio de sua

juventude, quando foi preso e apanhou de policiais por não concordar com a imposição do inglês no currículo escolar. Em seguida, fez uma proposta: Posso me juntar à luta de vocês? Vocês devem ocupar o mundo todo, e não só as escolas.”

Na palestra promovida pela Campanha Nacional pelo Direito à Educação e realizada no Senac Lapa Scipião, na zona oeste da cidade, Satyarthi pediu que os jovens voltem a se unir, desta vez em torno de uma nova campanha, denominada “Cem milhões por cem milhões”, em que a nova geração se tornaria voz contra a exploração de crianças ao redor do mundo.

Em mais de três décadas de atuação, a Bachpan Bachao Andolan (BBA, Movimento para Salvar a Infância), ONG comandada por Satyarthi, contabiliza o resgate de 84.711 de crianças, muitos deles com a presença do próprio ativista. Dentre essas centenas de milhares de casos, ele lembra um em especial, que mostra como analfabetismo e escravidão, particularmente a infantil, são dois lados de uma mesma moeda.

Logo no início das atividades da BBA, Satyarthi tomou conhecimento da história de homens, mulheres e crianças escravizados em uma fábrica de tijolos. Uma operação secreta para o resgate foi montada durante a noite e o grupo foi levado para Nova Déli (capital do país). Uma menina, que convivia há longo tempo com tuberculose não tratada, acabou morrendo no dia seguinte. Diante da papelada do hospital para liberar o corpo da filha, o pai respondeu ao médico. “Senhor, se pudesse ler alguma coisa, de fazer minha assinatura, minha filha nunca teria morrido”. O analfabetismo também serviria para explicar as razões que levaram a família a viver em situação de extrema vulnerabilidade. O contrato de trabalho profissional, assinado apenas com o polegar direito carimbado, impedia a família deixar o local de onde foram resgatados. “Se pudesse ler e escrever, nunca teria assinado aqueles papéis da mesma forma que não assinei hoje os papéis da morte da minha filha”, disse o pai, segundo relato do ativista.

Episódios como esse fizeram Satyarthi entender que seria impossível eliminar a escravidão sem que a educação se fizesse presente. “A educação é a chave para o futuro, é o direito humano fundamental e que abre a porta para todos outros direitos. Educação pode ajudá-lo a superar a pobreza, pode

empoderá-lo, pode trazer justiça social, pode proporcionar equidade de gênero, ajudar a proteger o planeta. Portanto, educação é vital”.

Apesar de a ONU (Organização das Nações Unidas) desde 1990 colocar como meta a educação para todos, Satyarthi mostra números que assombram, mas que ainda assim foram reduzidos graças à Campanha Global pela Educação e pela Marcha Global contra o Trabalho Infantil, duas iniciativas que criadas por ele. Em 2015, segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), 168 milhões de crianças estão trabalhando; 89 milhões são mantidas como escravas, na prostituição ou servindo a exércitos; 59 milhões nunca foram à escola, enquanto outras 120 milhões saem dela sem saber o básico. “O número de crianças que nunca foram à escola somado ao daquelas que abandonam os estudos é mais ou menos equivalente ao de crianças trabalhando. Mas há outro ângulo nessa relação triangular, que é a pobreza. Muita gente diz que a pobreza é a razão para a evasão, o analfabetismo ou acesso à educação. O mesmo argumento é usado para o trabalho infantil. Então, não surpreende o fato de 200 milhões de desempregados virem a ser pais de crianças que trabalham”, analisou.

Para virar o jogo, o Nobel da Paz vê a emancipação da sociedade civil como questão crucial. Ao dizer aos jovens da escola Fernão Dias que eles “têm toda a capacidade de lutar e de ganhar”, Satyarthi espera lançar o alicerce do que chama de “maior campanha da história humana” em defesa da educação. “Uma criança enterrada viva na Síria não é sua irmã ? Um grupo de meninas foi sequestrado pelo [grupo radical islâmico] Boko Haram e ninguém sabe o que aconteceu e outros milhões de crianças saíram das escolas por medo. Vocês querem fazer a diferença no mundo ou ficar sentados?”

Fonte:

<http://porvir.org/nobel-da-paz-jovens-devem-ocupar-mundo-todo-nao-so-escolas/>

Professora conquista aluno com “pedagogia do abraço”

AUTOR (ES): **INSTITUTO SÓCRATES** 14 / ABR / 2016



A professora Carolina Barra, 25 anos, postou um lindo relato no Facebook sobre o poder transformador do que ela chama de “pedagogia do abraço”. No lugar da bronca, um abraço carinhoso.

Ela contou a experiência que teve com um dos seus alunos de 4 anos de idade da educação infantil que vivia fazendo bagunça na sala de aula e não deixa os outros coleguinhas realizarem as atividades.

Carolina escreveu na rede social que esse aluno não se comportava muito bem. Disse também que estava começando um novo método de ensino: a pedagogia do abraço.

No dia seguinte à postagem, ela começou a praticar essa nova forma de educação com o garotinho que virava a sala de aula de cabeça pra baixo: “Estava fazendo bagunça com os blocos, enquanto eu chamava um grupo de cada vez para fazer a atividade. Chamei ele quando vi a bagunça e ele demorou até vir onde eu estava, com medo de levar bronca, apesar da minha voz estar calma. Quando ele chegou eu não disse nada, apenas o abracei. Ele ficou sem entender nada, parado na minha frente, como se esperasse por mais. Falei que ele podia ir e aí ele decidiu sentar ao meu lado pra fazer a atividade ainda sem entender direito o que tinha acontecido. Ao final daquela aula ele fez questão de me dar um abraço de despedida”, relatou.

Um gesto de amor solucionou um problema que deixa muitos educadores com os nervos à flor da pele, partindo para a solução mais “fácil”: gritar com o aluno. Educar de forma carinhosa mostrou ser a melhor alternativa. A educação, no sentido amplo da palavra, não é uma obrigação apenas dos pais da criança, mas de toda a sociedade. Pare pra pensar: o aluno passa mais horas na escola do que no convívio com os seus familiares. A escola não pode se isentar da formação dessa criança sob o argumento de que a “educação vem de casa”. Isso não faz o menor sentido.

O aluno virou um dos ajudantes da professora. “Hoje mesmo eu o ouvi falando para todo mundo sentar na roda quando eu pedi. Antigamente, nesse momento, ele era um dos primeiros a fazer bagunça no chão e agora ele é um dos primeiros a pedir que os outros sentem também”, comemora Carolina. O relato sobre a transformação do menino viralizou na internet e, com menos de uma semana no ar, teve mais de 9 mil curtidas e 11 mil compartilhamentos. Leia na íntegra:

“Há exatamente 19 dias eu postei aqui no face sobre um aluno de 4 anos que não sabia respeitar. E eu disse também que estava começando um novo método: a pedagogia do abraço. Para quem não leu, a minha metodologia seria: a cada vez que ele fizesse algo que não devia, eu daria um abraço nele. Já tem 18 dias que eu comecei e estou aqui para postar os resultados. A primeira vez que eu fiz isso foi logo no dia seguinte do post. Ele estava fazendo bagunça com os blocos, enquanto eu chamava um grupo de cada vez para fazer a atividade. Chamei ele quando vi a bagunça e ele demorou até ir onde eu estava, com medo de levar bronca, apesar da minha voz estar calma. Quando ele chegou eu não disse nada, apenas o abracei. Ele ficou

sem entender nada, parado na minha frente, como se esperasse por mais. Falei que ele podia ir e aí ele decidiu sentar ao meu lado pra fazer a atividade ainda sem entender direito o que tinha acontecido. Ao final daquela aula ele fez questão de me dar um abraço de despedida. Até a professora da sala reparou.

A partir desse dia ele foi mudando aos poucos e tem se comportado absurdamente melhor em todas as minhas aulas.

Na turma dele vários alunos querem ser meus ajudantes e ele é um dos que começou a me pedir todo dia e eu sempre digo que sim. Hoje mesmo eu ouvi ele falando para todo mundo sentar na roda quando eu pedi. Antigamente, nesse momento, ele era um dos primeiros a fazer bagunça no chão e agora ele é um dos primeiros a pedir que os outros sentem também.

Quando sentamos na roda hoje ele veio ficar abraçado comigo, no meu colo. Um gesto tão carinhoso que a professora até tirou foto, impressionada com a sua atitude.

Tudo isso foi fantástico e me dá vontade de chorar só de lembrar, de tão emocionante que é. Mas eu ainda não contei a parte mais impressionante. A maior mudança disso tudo foi na verdade comigo e não com ele. Eu passei a olhar mais para ele, dar mais atenção. Se antes ele me tirava do sério, me irritava e me deixava querendo ficar longe, hoje tudo mudou! Hoje eu vejo nele uma criança amável a quem eu não apenas amo, mas também gosto de estar perto e trocar experiências.

O amor muda mesmo as pessoas e isso é apenas mais uma prova disso!”

Educação em busca do prumo perdido: As crianças e a esperança de resgate do humano

AUTOR (ES): **BEATRIZ DE PAULA SOUZA**



Nos anos 1960, uma experiência inglesa impactava o mundo ocidental, produzindo controvérsias: Summerhill. Circulavam notícias de uma escola permissiva, laissez-faire, em que crianças e adolescentes eram abandonadas a si mesmas por adultos omissos e irresponsáveis. A qualificação hippie era utilizada para desqualificá-la.

Fecha a cena, por 50 anos. Abre: anos 2010. Identificam-se em número crescente experiências que parecem derivadas, ou inspiradas, pelo mesmo princípio básico da velha (no bom sentido) Summerhill: liberdade sem medo para os educandos se constituírem. Porque esse princípio aparentemente doido floresceu? Cresceu e multiplicou-se? Como compreender isso?

Arrisco uma hipótese, a ser discutida. Certeza nenhuma. Lá vai ela: vivemos tempos em que o projeto e as ações da civilização sob o primado do capitalismo está com suas decorrências amadurecidas. Produziu-se uma sociedade tão desigual, com tal concentração de renda, que até multibilionários deram de envergonharem-se e doarem parte de suas fortunas a despossuídos. Até alguns desses “vitoriosos” estão achando que ganharam em excesso, principalmente em excesso de prejuízo a multidões.

O planeta reage a tanta agressão que o bicho gente, em sua fúria expansionista e seu distanciamento da consciência de ser parte orgânica dele, produziu, sob a batuta deste mesmo capitalismo em que a dimensão humana racional e a competição se descolam de todas as outras. Assim, emoção, corporeidade e outros aspectos do humano são secundarizados, subjugados e desqualificados, perdendo-se a integralidade.

A percepção, ou intuição, de que algo vai profundamente mal e de que, se não houver uma guinada de curso, a espécie e mesmo a vida podem até extinguir-se, busca saídas para esta situação próxima do limite -e no rumo firme para ele- em que nos encontramos. Quem pode encontrar estas saídas?

É preciso que as pessoas se reconectem com sua pertença orgânica/sistêmica com o humano em sua plenitude, com o planeta e com o cosmos. Quem tem capacidade para fazer isso? Quem está começando! Os adultos, de modo geral, perderam muito desta possibilidade, pela trajetória racionalista que há gerações está instalada. A esperança reside nas crianças. É preciso abrir espaço para um livre curso/desenvolvimento de sua conexão planetária e cósmica se garanta. Brincar; criar; ter tempo, lugar e continência para a interiorização; intuir e fazer intuitivamente; ver-se pertencendo a coletivos. É preciso favorecer o acontecer humano pleno. Assim, a cena educativa vai se enchendo de experiências que procuram criar condições para isto.

Invertem-se os papéis: às crianças, e não mais aos adultos, atribui-se o cuidar da humanidade. Perdemos o prumo e a capacidade de encontrá-lo. Sem querer ser “global”, a criança é a esperança!

Fonte: Portal do Educador:

<http://www.portaldoeducador.org/educadores/detalhe/beatriz-de-paula/educacao-em-busca-do-prumo-perdi...>

O porquê do Teatro para Bebês

AUTOR (ES): **CRISTIANE ROGERIO**



Poucas coisas são tão delicadas quanto acompanhar o desenvolvimento de um bebê. Eu tenho seis sobrinhos, vários amigos com filhos, estudei e falei 8 anos sobre o tema na revista Crescer e hoje, com a minha filha Clarice, o encanto só aumenta. Mas existe um outro lado desta história hoje em dia: um comércio maluco que nos impõe muitas demandas de consumo, inclusive de atividades culturais. Há inúmeros grupos se formando para, unidos e com seus bebês em mãos, ouvir rock ou samba, brincar como antigamente, fazer piquenique, praticar ioga... E, claro, em nome disso, uma porção de equívocos.

Em 2007, o Grupo Sobrevento, já referência em teatro de animação ousava trazer pela primeira vez ao Brasil um festival totalmente dedicado aos bebês. Era uma parceria com a companhia espanhola La Casa Incierta, considerados os pioneiros no mundo. Pedi a companhia de um grande amigo, Giuliano Tierno, diretor de teatro, arte-educador e contador de histórias para assistir comigo. Parafraseando um texto do uruguaio Eduardo Galeano, eu

precisava que ele “me ajudasse a olhar aquela beleza”. Eu saberia julgar aquilo?

A experiência foi fabulosa: bebês mudos por 30 minutos. Atentos, entregues, poetizando a si mesmos. Em contato com a arte no tempo e no silêncio deles. O Sobrevento, então, começaram, anos depois a fazer seu próprio festival anual. Conseguiram apoio financeiro por leis de incentivo, a acolhida da cidade de São Bernardo do Campo e, este ano, estão na terceira edição do Primeiro Olhar: Festival Internacional de Teatro Para Bebês, com espetáculos do próprio grupo e de companhias estrangeiras, além de oficinas e encontros sobre o assunto, em São Bernardo em São Paulo. Tudo voltado para crianças de 0 a 3 anos.

Quando a minha filha Clarice tinha pouco mais de 1 ano, fomos assistir ao Meu Jardim, belíssimo. Eu não sabia como agir quando ela foi para o meio do palco explorar o cenário. Luiz André Cherubini, ator e diretor do Sobrevento, do palco acenava para que eu me acalmasse e deixasse Clarice livre. Neste bate-papo emocionante que tive com ele, pai de Laura e Lourenço (os dois principais motivos de ele iniciar sua pesquisa), dá para entender melhor o que estava acontecendo ali: arte pura. “Os bebês nos lembram quem nós realmente somos e nos fazem perceber, com a capacidade que guardam de se maravilhar com as coisas, com a emoção profunda que sentem (sobretudo com o seu medo e a sua piedade) o ato sagrado e poderoso que o Teatro é.”



Cena do espetáculo
Meu Jardim.

ESCONDERIJOS DO TEMPO: Luiz, a primeira vez que ouvi falar em “teatro para bebês” eu trabalhava na revista Crescer e foi naquele primeiro encontro que vocês fizeram sobre o assunto, no Sesc Pinheiros, em 2007. No jargão sem delicadeza alguma do jornalismo, fui “para checar” do que se tratava. Por quê? Porque, todos os dias na Crescer, e cobrindo a área de cultura, eu não aguentava mais o monte de produções sem qualidade (em todas as áreas da arte) que caíam em nossas mãos, em nome de ser “bom” para o bebê (seja vendendo promessa de vínculo ou inteligência). E, claro, me deparei com aquela quase magia poética que La Casa Incierta apresentou. E entendi que a categoria de teatro vinha respeitar o bebê, a criança, a família e toda a sutileza que tem esses momentos e experiências. Pergunto a você: qual é o segredo disso? A que você atribui esse espécie de “ponto certo” desta arte, esse tom a que chegaram que proporciona ao espectador um encontro tão profundo?

LUIZ CHERUBINI: Acho que um ator que se dedique ao Teatro para Bebês deve fazer um exercício de humildade e deve estar disposto a aprender, mais que a ensinar. Deve colocar-se de igual para igual com os bebês (quando no Teatro, normalmente, os atores estão acima dos espectadores). Deve questionar as muitas certezas que há acerca dos bebês e as suas próprias certezas, porque o Teatro é filho da dúvida. Deve abrir mão das muitas cartas na manga, mecanismos de sedução, truques (que costuma chamar de técnica), em prol de um encontro consigo mesmo frente e por meio dos bebês. Deve questionar o ator que se tornou e o Teatro que o Teatro se tornou (porque o Teatro já foi e pode ser muitas outras coisas além do que é). Deve lembrar que público não é sinônimo de espectador e que todo Teatro é um encontro, mais do que uma exibição. Deve acreditar profundamente que a capacidade poética e de comunicação são inatas em todo ser humano e que todo ser humano é pleno desde que nasce. Acredito que assim – e até mesmo duvidando de tudo isto – chegaremos a um Teatro honesto, franco, puro e digno -mesmo quando errado e mal sucedido. Os bebês nos lembram quem nós realmente somos e nos fazem perceber, com a capacidade que guardam de se maravilhar com as coisas, com a emoção profunda que sentem (sobretudo com o seu medo e a sua piedade) o ato sagrado e poderoso que o Teatro é.

ESCONDERIJOS DO TEMPO: Há famílias que vão mas ainda lutam para se enquadrar ou se adequar ao ritmo dos espetáculos? Penso que temos que abrir mão de tantas perturbações cotidianas para entrarmos no clima das peças, não? (falo como mãe mesmo). Tem alguma história para contar, algum caso inusitado?

LC: Vemos uma ansiedade muito grande dos pais, o que é natural. Nas creches, não precisamos explicar muitas coisas, mas quando recebemos um público familiar, temos que dar muitas indicações, como pedir que deixem o bebê assistir ao espetáculo como desejar (os pais costumam conduzir o olhar das crianças), como deixar que o filho assista ao espetáculo livremente, que deixem que ele sinta algum medo ou tristeza que queira sentir, sem trocar a atenção do espetáculo por uma atenção para si, além claro de ter que pedir para que os pais não tirem fotos ou que desliguem o celular. A tensão dos pais é muito grande – afinal de contas toda a ida ao Teatro demandou um esforço tremendo e uma grande preparação, ainda que não devesse ser assim – e temos visto cenas inacreditáveis de pais perdendo a compostura quando se vêem diante da possibilidade de que não haja lugares suficientes para todos os bebês na plateia. É claro que procuramos entender e contemporizar, mas há coisas incríveis que um bebê não deveria ver o seu pai fazendo, como dizer “já entrei, mesmo sem ingresso, e quero ver quem me tira daqui”.

ESCONDERIJOS DO TEMPO: Como você descreveria a mudança ou o benefício para o bebê de ter contato com um espetáculo como de vocês?

LC: Parafraseando Manoel de Barros, temos certeza de que o Teatro é muito importante, mesmo não sabendo para quê. Sabemos, sim, que é muito bonito ver pais saírem com os seus bebês e se encontrarem com outros pais com bebês. Sabemos que os bebês entendem tudo o que dizemos e fazemos – e profundamente – e se emocionam com os espetáculos a que assistem. Sabemos que o Teatro é uma oportunidade de os bebês verem, ouvirem, sentirem coisas a que não estão habituados, por excesso de proteção, por preconceito ou por um hábito impensado: por exemplo, bebê gosta de violino tanto quanto de xilofone e de branco, tanto quanto de azul claro. E sabemos que é muito emocionante e surpreendente fazer Teatro para Bebês, seus pais e seus professores e que eles também parecem se surpreender e se emocionar com o Teatro que fazemos – porque o nosso Teatro não é feito

para agradar e atender expectativas e nem é feito para crianças somente acompanhadas de babás. E quando autoridades dizem que, no Teatro, os bebês gostam de sons, cores, luzes e movimentos, para nós, é o mesmo que alguém dizer que os amantes da poesia gostas de letrinhas pretas sobre um papel branco... ou seja, não estão falando nada de Teatro ou de poesia e não estão entendendo nada do que é importante entender. Se estas autoridades pudessem, como nós, atores, olhar nos olhos dos bebês veriam o mundo tão vivo, profundo, complexo que acontece dentro de cada um deles.

ESCONDERIJOS DO TEMPO: E o que pode afetar no modo de ser, de viver dos adultos que estão vivendo aquela experiência? Você acredita que é uma contribuição por um mundo melhor?

LC: Eu não acredito que seja possível haver uma arte cínica. Mesmo a mais destruidora das artes quer, no fundo, construir alguma coisa. Os bebês ensinam os pais a ver o teatro de outra maneira. Em um espetáculo para bebês, por exemplo, você não pode dar uma ajeitadinha em um pé mal posicionado, porque aquele gesto irrelevante no teatro adulto ganha uma significação enorme frente aos bebês, que, naquele momento, estão justamente olhando para o seu pé. Uma folha que cai em cena, para um bebê é uma grande aventura, uma grande maravilha, e o adulto que está ao seu lado passa a ver as coisas também desta maneira. Assim, o Teatro para Bebês é uma descoberta também para os pais: a descoberta de um novo olhar – ou de um velho olhar, de um olhar que existiu um dia. E, claro, e também a descoberta da autonomia e da plenitude de seu bebê, que é capaz de ficar meia hora, uma hora, não entretido ou comportado ou calado, mas envolvido emocionalmente, poeticamente, com um acontecimento teatral, sem depender de ninguém, escolhendo e decidindo o que quer e como quer. Os bebês são plenos – a eles não falta nada que seja importante para um ser humano – porque trabalhar, produzir, consumir, ter controle de suas necessidades fisiológicas, falar não são parâmetros que nos sirvam para separar bebês de adultos. Nós acreditamos em um mundo melhor, queremos um mundo melhor e achamos que os bebês nos recordam a fragilidade e a humanidade que há em nós – e de que freqüentemente nos esquecemos.

A entrevista completa em Esconderijos do Tempo:

http://esconderijos.com.br/grupo-sobrevento-e-o-porque-do-teatro-para-bebes
/

Mais informações no: sobrevento.com.br ou no [facebook.com/grupo.sobrevento](https://www.facebook.com/grupo.sobrevento)

Procura-se professor que não queira ensinar - ou só ensinar

AUTOR (ES): **TÂNIA SAVAGET**



Ainda me lembro das minhas duas brincadeiras preferidas, que marcaram a minha infância. Uma delas era pegar uns bloquinhos de madeira com as letras do alfabeto pintadas em verde e fingir que era um teclado. Passava um bom tempo batendo no meu teclado dos "Flinstones" achando que era uma escritora. Aquilo acabava com meus dedos de tão duro. A outra era colocar as bonecas sentadas em fileiras, com um caderno e um lápis na frente e dar

muitas aulas escrevendo numa pequena lousa - quadro negro para os cariocas - e ensinando meus alunos inanimados sobre muitas coisas: palavras, equações, mapas. De alguma forma as duas se transformaram em uma ocupação. Sou redatora, planejadora e blogueira. Escrevo muito e ainda sinto dor na ponta dos dedos em dias de muito trabalho, mas os teclados dos laptops e computadores são bem mais macios que o meu teclado de brincadeira. Há algum tempo passei a ser professora. Dou aula em universidades, em empresas e em grupos mais informais.

É uma das coisas que mais gosto de fazer na vida. Sinto o que alguns psicólogos chamam de "experiência de fluxo" quando estou dando aulas. É algo tão visceral, tão intenso, tão desafiador e prazeroso que nem sinto o tempo passar. Como nem sempre bebo água termino muitas aulas rouca, mas absolutamente feliz.

O ofício de professor, dizem, precisa de vocação, preparação, dedicação. Acredito nisto. Entretanto, olhando para alguns dados históricos esta não é uma profissão muito "nobre", como medicina, engenharia, direito. No século XIX, o serviço público britânico começou a contratar trabalhadores por meio de concursos públicos, o que deixou a aristocracia da época aborrecida.

Até então os empregos bons eram para os mais abastados e influentes. Esta ideia meritocrática, de testar conhecimentos era uma novidade. Na época, as pessoas sem recursos não conseguiam seguir as carreiras concorridas, como direito, medicina e clero e acabavam virando cobradores de impostos, escriturários ou...professores. Não é da época, mas bem antiga a frase "quem sabe faz, quem não sabe ensina". Preconceituosa, mas que traz à tona a relação entre teoria e prática. Será que os professores devem dominar ambas?

O que mais leio, escuto e estudo é que o papel do professor está em plena evolução e que um dos grandes problemas é que somos treinados para ensinar. E ensinar, na maior parte do tempo, é uma relação de mão única: eu ensino, vocês aprendem. Só que, ainda bem, os alunos do século XXI não são como as minhas bonecas da infância, que ficavam ali passivos, imóveis, apenas absorvendo o que eu passava para eles (sempre acreditei nisto). Dar aulas hoje é muito mais desafiador, desde a pré escola até à pós graduação. Existem ótimos exemplos de novos modelos, como a experiência educadora

de Reggio Emilia, que entende que a tarefa prioritária dos adultos é a escuta e o reconhecimento da potencialidade de cada criança, que deve ser observada e atendida de forma individual. Com partes do currículo cheia e parte vazia, o professor deve aprender a ensinar construindo junto com o grupo, numa postura bem mais colaborativa.

Passei um dia com Peter Guttenhofer, educador, que forma professores na pedagogia Waldorf no mundo todo em uma experiência de reflexão sobre esta grande pergunta: "Como ser professor em um mundo completamente transformado? Entre muitas descobertas e aprendizados guardei alguns ensinamentos.

É preciso estar aberto para ocupar um papel de facilitador, mediador, co-construtor do conhecimento e sair de um pedestal de "dono da verdade" de uma disciplina. Os saberes, aliás, não cabem mais nestes contornos chamados disciplina. São cada vez mais amplos e multidisciplinares. É preciso desenvolver enigmas e não oferecer respostas prontas. Despertar um certo "maravilhamento" com o aprender e ensinar, descobrir. Ele citou duas situações muito encantadoras. Uma delas a da sua filha, de 6 anos, quando descobriu que quando cortamos a maçã na horizontal descobrimos que todas têm uma estrela de cinco pontas no seu miolo. Na época do Natal, na Alemanha, elas são cortadas assim, penduradas na árvore e, quando a luz das velas passam por suas fatias, refletem uma estrela natalina. Uma oportunidade de aprender e ensinar falando sobre a maçã, uma fruta tão simbólica e que só existe por conta do trabalho do homem, há muitas gerações.

A outra foi uma comparação sobre a nossa relação com o sol e a do tempo dos egípcios. O povo no Egito dormia toda noite preocupado se a deusa Íris ia conseguir reunir todos os pedaços do sol que o dragão engolia durante a noite. Um drama diário. Nós podemos saber precisamente a hora do nascer do sol em cada canto do planeta por conta da nossa evolução tecnológica. Nada contra a tecnologia e o desenvolvimento da ciência, mas de fato perdemos o prazer de não saber, descobrir, nos surpreender.

Ser professor é equilibrar momentos de transmitir todo um conhecimento construído ao longo da sua carreira com momentos de troca, descoberta,

dúvidas compartilhadas, sempre respeitando o repertório de cada aluno e se ampliando com ele.

Tânia Savaget Favoritar, carioca, mãe de 3 filhas, diretora de branding e educadora.

Conteúdo previamente publicado no Blog Brasil Post:

http://www.brasilpost.com.br/tania-savaget/procurase-professor-que-n_b_7777322.html?ncid=fcbklnkbrhp...

Quanto sinto que nada sei...

AUTOR (ES): LAIS FONTENELLE / FOTO: ANDRÉ MOURA



Reflexões sobre o documentário Quando sinto que já sei.

“Hey Teachers leave the kids alone” já bem dizia Pink Floyd na letra de Another Brick in the wall faz tempo ... O fato é que esse tema está quente nos dias de hoje já que vivemos num momento onde as crianças e jovens na era da tecnologia, informação e consumo parecem prescindir da escola e que alguns pais contemporâneos tem optado, inclusive, por um processo alternativo de desescolarização. Mas, qual será então a real função da escola? E qual papel do professor? Ensinar conteúdos ou simplesmente mediar a aprendizagem? Essas perguntas difíceis e urgentes merecem nossa reflexão.

Essa semana fui assistir ao novo documentário Quando sinto que já sei de Antonio Lovato e Raul Perez, produzido por crowdfunding -no qual contribui pelo engajamento com o tema, que relata sete experiências distintas e alternativas em Educação no Brasil trazendo temas como salas de aula sem paredes, escolas sem divisão de faixas etárias e alunos decidindo o que vão aprender de forma democrática. Muito mais do que suscitar o debate sobre educação no Brasil hoje e qual papel da escola na formação de nossas crianças e jovens contemporâneos, o filme nos faz pensar sobre a vida e principalmente sobre a relação que nós adultos estabelecemos com o mundo, a aprendizagem e a infância nos dias de hoje.

Faz algum tempo que trabalho com a sensibilização educadores sobre o tema da criança e do consumo e sempre inicio minha fala com a definição de palavras como: Escola (schola do latim) que significa lazer. Educar (educare do latim) que significa conduzir para fora. Brincar (vinculum do latim) que significa laço ou união e Infância (infale do latim) que significa aquele que não tem voz e quando os educadores se deparam com a definição desses termos tão corriqueiros no dia a dia da educação param para pensar e se emocionam. Emocionam-se porque se dão conta de que, muitas vezes, nas escolas de hoje as crianças tem sim voz, mas não tem escuta. Brincam, mas não formam vínculos e laços. São educadas ou robotizadas, mas não conduzidas para fora e a escolas quase nunca são espaços de lazer e alegria, mas de lições e tarefas a serem cumpridas. Constatar isso já é, sem dúvida, o início da transformação, mas o que será que precisamos para ir além? Para buscar de fato a transformação pela educação?

Acredito que primeiro de tudo devemos entender que educar é um ato político o que nos leva ao entendimento de que a educação não deveria ser para cidadania e sim na cidadania, ou seja, a educação/ aprendizagem deveria acontecer na relação, no vínculo do professor com aluno (e dos pais com seus filhos), que o conduzirá num processo de autoconhecimento baseado em respeito, acolhimento e liberdade para que esse ser consiga no seu tempo, na integração com a cidade e comunidade tanto aprender quanto ensinar. Educar deveria ser, segundo minha querida orientadora de mestrado Monique Augras e de quem comungo ideias, fomentar no aluno o surgimento da consciência crítica, fornecendo-lhes ferramentas para que possa avaliar, ele próprio, os caminhos que se abrem para construir algo na vida que valha a pena. Difícil, não? Não somente para educadores como para pais contemporâneos que experimentam um momento de desencantamento onde parece que poucas coisas na vida tem valido a pena.

Educar é, sem dúvida, fazer escolhas e isso é inclusive colocado num dos depoimentos do filme, mas eu iria além já que, aos meus olhos, a árdua tarefa de educar não deveria envolver qual caminho seguir, mas sim desenhar novos caminhos junto, em comunhão. E é aí que está a chave da questão. Não dá para educar sem se relacionar, sem se afetar- seja com o aluno, o filho ou o objeto de estudo. Para educar e aprender é preciso coragem (do latim agir com coração) e é isso que tem nos faltado nesses tempos duros, pouco humanos e materialistas.

Não existe aprendizagem sem relação e não existe relação sem afeto. O papel do educador e da escola- como segundo espaço de socialização e exercício da cidadania depois da família- deveria ser então o de reencantamento do mundo porque só assim será possível formarmos cidadãos mais críticos. A saída é a educação pela estética, pelo sentir em comum. A educação que respeita o aluno como um ser que sente, que se afeta, tem vontades, tem um tempo e uma expressão única e que na relação com o professor nos mostra a cada pergunta, a cada conflito, a cada encantamento o quanto nada sabemos...

Texto previamente publicado no Blog Infância de Clarice:

<https://infanciadeclarice.wordpress.com/2014/08/01/quanto-sinto-que-nada-se-i/>

